PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

CARLA VIANA DENDASCK

JESUS DEMODÊ E A CONSTRUÇÃO DA "CIBERFÉ": EVIDENCIAÇÃO DA TEOLOGIA LÍQUIDA NA APROPRIAÇÃO DA CABALA

Doutorado em Comunicação e Semiótica

SÃO PAULO,

2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

CARLA VIANA DENDASCK

JESUS DEMODÊ E A CONSTRUÇÃO DA "CIBERFÉ": EVIDENCIAÇÃO DA TEOLOGIA LÍQUIDA NA APROPRIAÇÃO DA CABALA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica como requisito parcial para obtenção do título de Doutorado.

Orientação: Prof. Dr. Rogério da Costa Santos

SÃO PAULO,

2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rogério da Costa Santos (orientador)

Profa. Dra. Lucia Isaltina Clemente Leão (Banca Interna)

Profa. Profa. Dra. Christine Greiner (Banca Interna)

Prof. Dr. Gerson Leite de Moraes (Banca Externa- Mackenzie)

Prof. Dr. André Martins Vilar de Carvalho (Banca Externa- UFRJ)

Agradeço à Fundação São Paulo pela Bolsa Emergencial concedida durante o período de corte de Bolsas Capes.

AGRADECIMENTOS

São tantas pessoas que fizeram parte desta jornada, que se torna temeroso correr o risco de esquecer alguém. Por outro lado, é um momento tão importante onde as palavras digitadas servem como uma oportunidade de registrar os sentimentos que muitas vezes são ocultados no dia a dia pelo receio de parecer demasiado ou hipocrisia.

Em primeiro lugar quero agradecer de maneira muito especial, ao prof. Dr. Rogério da Costa, a quem carinhosamente chamo de Roger, não apenas por me admitir como orientanda, mas por me apresentar novas perspectivas e possibilidades na pesquisa científica, e, especialmente por me apoiar quando precisamos redirecionar o projeto. Indubitavelmente em cada aula que eu tive o privilégio de participar, pude abrir meus horizontes cognitivos, e expandir meus conhecimentos e capacidades intelectuais.

Agradeço também o prof. Dr. Gerson Moraes, o qual tive a honra de ter como orientador durante o Programa de Mestrado na Universidade Presbiteriana Mackenzie e agora o aceite de fazer parte da minha banca de doutorado. Certamente, foram dele os "puxões de orelha" iniciais para ter uma perspectiva mais crítica ao considerar a história e a antropologia, bem como uma escrita mais suave na área de humanidades. Além disso, nunca deixou de me apresentar grandes autores, os quais muitos fizeram parte da construção desta tese.

Agradeço a prof. Dra. Lucia Isaltina Clemente Leão e prof. Dra. Christine Greiner, as quais fizeram parte da minha banca de qualificação e trouxeram ricas e valiosíssimas contribuições para que este trabalho chegasse a este resultado.

Agradeço ao Prof. Dr. André Martins que tive a honra de conhecer através de uma aluna, e que, ao assistir sua palestra sobre Spinoza no Café Filosófico no mês de maio em Campinas, me trouxe mais alguns *insights* importantes, e um olhar mais apurado para os desdobramentos finais.

Quero agradecer também a todos os professores do Programa de Pós-Graduação de Comunicação e Semiótica da PUC/SP, certamente, esta é uma Instituição privilegiada que possui um corpo docente de excelente nível internacional.

Agradeço também a Marcela (Yuki) e a Ayla Beatriz, por revisarem com paciência esta tese em tempo tão curto.

Não posso deixar de agradecer à quatro amigos especiais: Joana Segatto, Roger Crivelini; Suely Barreira e Rosmery Piton, os quais muitas vezes eu não consegui responder, “nem mesmo por whatsapp”, e, que mesmo assim me ouviram falar milhares de vezes sobre cada achado que ia acontecendo durante a tese, com paciência, tolerância e carinho.

Agradeço também aos colegas do Programa, especialmente a Adriana Teixeira, a nossa Sommelier que nos brindou com muitos conhecimentos e momentos especiais.

Agradeço de modo especial todos os colaboradores e editores da Revista Científica Núcleo do Conhecimento que souberam entender, e trabalharam muito nos meses que eu precisei ficar ausente para concluir este trabalho.

Por fim, quero agradecer a minha família, que com muito amor me apoiou, e que ao ouvirem cada descoberta e reflexões, acabaram por serem coautores deste doutorado.

A todos meu profundo amor, respeito e agradecimento.

Obrigada!

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu esposo, companheiro, amigo e amante Luiz Miguel Dendasck, meu maior incentivador.

As minhas filhas amadas, Ayla Beatriz e Agnes Yasmim, são as minhas maiores realizações.

Ao meu genro e constante companheiro, carregando centenas de livros, Guilherme Dendasck.

E, por fim, dedico à minha grande amiga Beatriz Samara (*in memoriam*), que dicotomicamente me ensinou a nunca desistir ou parar, porém, que acabou desistindo no meio do caminho.

Para um autor, é sempre irritante ver como na esfera política, e mesmo na científica e a literária, pensamentos de alguma maneira diferenciados são não apenas recebidos seletivamente e mutilados tendenciosamente, como também são invertidos no simples contrário com bastante frequência. No entanto, ainda mais irritante é a experiência de que cada tentativa de uma diferenciação de papéis e gêneros de textos acaba incorrendo no vazio (Habermas, 2015, p. 239).

RESUMO

A presente tese tem como objetivo investigar a reativação dos antigos enunciados da cabala como uma estratégia de alguns comunicadores religiosos contemporâneos, que fazem uso de canais de comunicação como o Youtube para explorar essa espécie de "ciberfé" que vemos se propagar nas redes sociais. Na sociedade do espetáculo, os comunicadores da fé estão entre os pioneiros a se apropriarem do ciberespaço para promover discursos e enunciados ideológicos, com o objetivo de angariar fiéis e ampliar seus respectivos espaços e domínios de atuação de poder. Os comunicadores que atuavam com maior influência no Brasil até recentemente, travavam suas batalhas dentro das várias vertentes do cristianismo, promovendo novos movimentos e trânsitos religiosos. Porém, rabinos judeus ortodoxos começaram a adentrar neste espaço ofertando conhecimentos sobre a cabala. Eles já vinham sinalizando que o discurso de Jesus Cristo, baseado na proposta de amor, simplicidade, tolerância e amizade estaria se tornando, dentro de sociedade neoliberal, de certa forma, "demodê". Prova disso são as várias denominações religiosas cristãs que passaram a incorporar elementos do judaísmo em seus cultos, promovendo o reconhecimento dos judeus como "os pais de fé". Após dois anos de pesquisa foi possível observar que esse movimento está se expandindo rapidamente, ganhando muitos adeptos e promovendo um discurso polarizado, que estimula posições anticristo e anticristianismo, ocorrendo sobretudo através das redes sociais. Tal movimento, nomeado de "ciberfé", não tem como interesse a conversão ao judaísmo, mas a criação de uma comunidade independente, guiada por seus influenciadores religiosos e restrita aos ambientes de plataformas particulares de oferta de cursos como meio de exercício de religiosidade, conhecimento dogmático e fé. Por fim, entende-se que a rápida adesão a esses sites que pregam o conhecimento da cabala é resultado de uma igreja que passou a praticar uma teologia líquida, pautada em uma fé cega como forma de domínio, que interditou quaisquer capacidades argumentativas críticas, especialmente no âmbito de uma sociedade científica e tecnológica. Como base da metodologia de trabalho, foram analisados alguns canais de promotores da cabala no Youtube, bem como utilizados os autores como: Paveau (2022), Habermas (2015), Jung (2020), Spinoza (2021) dentre outros.

Palavras-Chaves: Ciberfé. Tecnomunicação. Cabala judaica. Teologia Líquida. Novos movimentos religiosos.

ABSTRACT

This thesis aims to investigate the reactivation of ancient kabbalah statements as a strategy of some contemporary religious communicators, who make use of communication channels such as Youtube to explore this kind of "cyber faith" that we see propagating in social networks. In the society of the spectacle, faith communicators are among the pioneers in appropriating cyberspace to promote speeches and ideological statements, with the aim of attracting followers and expanding their respective spaces and domains of power. The communicators who acted with greater influence in Brazil until recently, fought their battles within the various aspects of Christianity, promoting new movements and religious transits. However, Orthodox Jewish rabbis began to enter this space offering knowledge about Kabbalah. They had already been signaling that the discourse of Jesus Christ, based on the proposal of love, simplicity, tolerance and friendship, was becoming, within a neoliberal society, in a way, "outmoded". Proof of this are the various Christian religious denominations that began to incorporate elements of Judaism into their cults, promoting the recognition of Jews as "the fathers of faith". After two years of research, it was possible to observe that this movement is expanding rapidly, gaining many followers and promoting a polarized discourse, which encourages antichrist and antichristian positions, occurring mainly through social networks. Such a movement, called "cyber faith", is not interested in conversion to Judaism, but in the creation of an independent community, guided by its religious influencers and restricted to the environments of private platforms offering courses as a means of exercising religiosity, knowledge dogmatic and faith. Finally, it is understood that the rapid adherence to these sites that preach the knowledge of Kabbalah is the result of a church that started to practice a liquid theology, based on a blind faith as a form of dominion, which prohibited any critical argumentative capacities, especially within a scientific and technological society. As a basis for the work methodology, some channels of kabbalah promoters on Youtube were analyzed, as well as authors such as: Paveau (2022), Habermas (2015), Jung (2020), Spinoza (2021) among others.

Keywords: Cyber faith. Technocommunication. Jewish Kabbalah. Liquid Theology. New religious movements.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11
CAP. 1 - JESUS CRISTO: DO MAIOR COMUNICADOR AO DEMODÊ 14
1.1 Qual a base da comunicação de Jesus Cristo? 14
1.2 Por que a comunicação de Jesus Cristo incomodou os Judeus? 19
1.3 Como a comunicação de Jesus Cristo se tornou a Comunicação das Massas? 23
1.4 Em Jesus Cristo já podemos evidenciar o Local de Fala de quem comunica? 25
1.5 A apropriação da Comunicação de Jesus Cristo e seu hibridismo cultural 26
1.6 A formação da Igreja e a construção da teologia Cristã 30
1.7 O protestantismo e a abertura para novas teologias? 33
1.8 A fé dentro do contexto neoliberal 35
1.9 Jesus Cristo e seu discurso demodê 38
CAP. 2 - A TEOLOGIA LÍQUIDA E A BUSCA POR RETERRITORIALIZAÇÃO DA FÉ POR MEIO DA CABALA 42
2.1 A Teologia líquida cristã e o vazio de um mundo Pós-Deus 48
2.2 Breves considerações sobre a religiosidade brasileira e as reverberações da teologia líquida 55
2.3 Breves considerações sobre a teologia judaica 58
2.5 A Cabala e sua tradição secreta 61
2.6 A propagação da Cabala e o uso das Redes Sociais 64
CAP. 3 - A DICOTOMIA APROPRIAÇÃO DOS CRISTÃOS DO CIBERESPAÇO 71
3.1. Apresentação e Análise dos canais 72
3.1.1 Canal Contraste 75
3.1.2 Canal Rabino Dudu 78
3.1.3 Canal Rabino Eliahu Hasky 81
3.2 O Deus da Cabala e o Deus do Cristianismo 84
3.3 Jesus não é o Messias? 96
CONSIDERAÇÕES FINAIS 121
REFERÊNCIAS 127
ANEXO 1 134

INTRODUÇÃO

Em primeiro de junho de 2014, no dia Mundial das Comunicações Sociais, o Papa Francisco ressaltou que “quem se comunica, se faz próximo”, e Jesus teria sido, constatando-se o alcance histórico do texto bíblico, o maior dos comunicadores, trazendo para a terra as mensagens dos céus.

De acordo com Loro (2010), o segredo da comunicação de Jesus era sua mensagem de esperança, e a inclusão de todos os povos, sem distinção. Um verdadeiro comunicador de massas.

O fato é que, mesmo sem dispor do contexto midiático e de todas as ferramentas comunicacionais que o mundo contemporâneo oferece, o discurso de Jesus Cristo modulou e, talvez ainda module, toda a construção da sociedade ocidental.

No entanto, a questão que envolve esta tese seria a seguinte: será que a comunicação que Jesus realizou foi verdadeiramente apropriada pelo cristianismo ou seu discurso foi e ainda é utilizado como forma de controle e poder por parte de seus operadores? E ainda, será que a constante modulação de uma teologia dentro de interesses institucionais não foi se transformando tão líquida que perdeu seu território, base e identidade, ao ponto de os próprios cristãos começarem a buscar um novo espaço de fé, como uma busca de reterritorialização que proporcione explicação de sua própria existência?

Concorda-se com Sloterdijk (2019) que o sistema traçado pelas organizações religiosas e sua manipulação cultural, social, econômica e biopolítica, estavam sujeitas a fragilidade da historicidade.

E, na medida que a história foi transcorrendo, percebeu-se que os diversos discursos teológicos abordados pelas instituições cristãs já não eram suficientes para explicar a sociedade, a ciência, a existência humana e tão pouco a existência divina.

A incessante atuação do capitalismo em todas as esferas, ao avançar sobre a religião, acaba por desnudar sua fragilidade. Quando a religião se torna um negócio e, em alguns casos, um grande negócio, ela acaba por afastar grande parte de seus adeptos, que passam então a buscar novos caminhos e territórios para exercer sua fé. Essa nova territorialidade acaba emergindo, em alguns casos, no interior do ciberespaço, constituindo isso que chamamos de ciberfé.

Nesse sentido, vamos investigar como a comunicação no ciberespaço está sendo apropriada por rabinos cabalistas, num esforço em subsidiar o anseio cristão, dando provas desse momento em que a teologia se torna líquida, abrindo espaço a uma nova política de fé, como uma espécie de alternativa, ocupando-se de um território virtual.

Assim, dividiu-se este trabalho em três capítulos principais:

No primeiro capítulo é apresentado como Jesus conseguiu se tornar um dos maiores comunicadores da história, sendo a base para a formulação de uma das maiores religiões do mundo e da própria construção do mundo ocidental. E, como este mesmo discurso se tornou demodê, embora a figura do Cristo ainda seja utilizada. Neste mesmo capítulo, demonstra-se como a teologia cristã, desde que foi formulada, já apresentava seu caráter líquido, uma vez que suas diretrizes deveriam atender aos interesses do Império Romano. A mesma situação se verifica com o advento do capitalismo, que desterritorializa os cristãos, abrindo caminho para um consumo baseado em fetiche e constantes modulações teológicas que se direcionam de acordo com a lógica do mercado.

O caminho percorrido no segundo capítulo foi apresentar uma dicotomia muito maior do que inicialmente aparenta. Ao buscar uma nova teologia, voltando-se para os princípios judaicos, alguns cristãos não teriam como intuito a aproximação do Talmud, que seria a base teológica dos judeus, mas sim uma aproximação da Cabala, ou seja, da parte mística. Grande parte desta aproximação justifica-se mais uma vez pela mentalidade capitalista e na busca por mecanismos de fé que possam atender aos anseios de uma sociedade neoliberal, ao mesmo tempo que se busca o afago, ou ainda, a emancipação e benesses permitidas por Deus.

Por fim, essa evidenciação dicotômica será realizada no terceiro capítulo, através das análises dos comentários realizados pelos cristãos em canais de rabinos cabalistas, especialmente quando estes líderes religiosos tratam de assuntos que seriam “em tese totalmente contrários a teologia cristã, como por exemplo, a reencarnação, a manifestação de Deus em toda a natureza através de seus atributos, assim como preconizava Spinoza, e da própria figura de Cristo, que não teria sido nada mais do que um homem bom.

Os comentários nos levam à reflexão sobre a possibilidade de um novo fenômeno e movimento da fé, que tende a encontrar no ciberespaço formas individuais de crença e organizações coletivas baseadas pela aproximação de ideias. Os fiéis começam a deixar os templos, deixam de se prender a um único dogma institucional e enfraquecem as instituições

religiosas e sua hegemonia de poder. Esse movimento expressa o vazio existencial e a busca pela territorialização da fé, mesmo que num espaço virtual.

CAP. 1- JESUS CRISTO: DO MAIOR COMUNICADOR AO DEMODÊ

De acordo com os Dados Mundiais, em 2021 existiam cerca de 2,2 bilhões de cristãos no mundo. Mesmo que esse número hoje represente apenas 27,5% da população mundial, no ocidente, esse número percentual ainda representa 75%.

Embora existam diversas ramificações do cristianismo, algumas das quais serão evidenciadas neste capítulo, sua base de fé seria a mesma, como o próprio nome já aponta, a justificativa de existência pela adoção e reconhecimento do discurso comunicado e, da figura de Jesus Cristo, como sendo o Messias enviado por Deus.

Mas afinal de contas, que Messias seria este? E, porque a aceitação de Jesus Cristo como sendo o tal do Messias, seria motivo de justificativa para modulação de toda uma sociedade, e, exercício de poder durante milênios?

Para compreender esse contexto, será necessário um breve retorno às bases comunicacionais de Jesus Cristo, ou seja, porque e quem seu discurso comunicacional afetou.

1.1 Qual a base da comunicação de Jesus Cristo?

Até onde se tem conhecimento, as primeiras sociedades civilizadas avançadas foram as sociedades da região da Mesopotâmia. Estima-se, que os primeiros registros que utilizaram a escrita cuneiforme, organizando política, literatura, religião e economia, sejam de cerca de 4000 a.C. Dentre os diversos povos identificados neste período, estão os Sumérios, Egípcios, Persas, Caldeus (de onde virão os Israelitas hoje conhecidos como Judeus[1]) dentre outros (RUPPENTHAL NETO, 2019).

Apesar destas civilizações serem consideradas avançadas e adotarem muitas técnicas que até os dias de hoje não foram desvendadas, com exceção dos Judeus, nenhuma destas civilizações conseguiram se manter, deixando ao mundo contemporâneo a compreensão de sua sociedade e religiosidade apenas pelos achados arqueológicos, estes, por sua vez, começaram a ser objeto de busca ocidental com grande ênfase após a segunda metade do século XIX.

[1] Os Israelitas, descendem dos 12 filhos de Israel, divididos por Moisés em 12 tribos após a saída do Egito. Judá era apenas uma das tribos. Porém, após a morte do Rei Salomão, as tribos entraram em intenso conflito, e acabaram por se separar, permanecendo apenas a tribo de Judá e Benjamim seguindo as tradições Israelitas, e unindo-se passaram a ser reconhecidos como Judeus.

A expedição organizada por Austen Henry Layard, em 1849 levou a descoberta da biblioteca do último rei da Assíria, chamado Ashurbanipal, datada de cerca de 700 a.C, destruída quando os reis Medos, Persas e Babilônicos criaram um exército sob o chamando de Ciaxares para destruir os Assírios (SMITH, 1875).

De acordo com Farag e Mujani (2016) o Museu Britânico foi um dos grandes patrocinadores não apenas das expedições, mas também, responsável por organizar uma renomada equipe para tradução dos materiais coletados. A história do Rei Ashurbanipal foi registrada nestas próprias tabuletas, como uma espécie de autobiografia, e o aponta como sendo um Rei enviado direto pelos deuses, um herói, que aprendeu todos os mistérios e sabedorias que existiram antes deles e sob a ordem dos deuses teria organizado sua biblioteca.

A biblioteca de Ashurbanipal era extremamente rica, contendo não apenas o conhecimento da Assíria, mas também, de diversos povos mesopotâmicos, dentre eles, os Babilônios, Caldeus, Egípcios, Acádios e Sumérios.

As tábuas escritas em cuneiforme parecem reunir todas as informações da Assíria e das demais civilizações da região da Crescente Fértil, incluindo literatura, livros sagrados, histórias de deuses, metodologias, astrologia, astronomia, arquitetura, matemática, religiosidade, saúde, leis etc.

Para o nosso estudo, uma sequência de tradução destas tábuas, realizadas por George Smith em 1875, intitulada "*The Chaldean account of Genesis"* será muito rica para compreendermos as bases e as forças que estão presente na figura de Jesus Cristo e, nos próprios desdobramentos da história ocidental.

De acordo com Smith (1875), apesar das histórias da gênese terrestre, da religiosidade e dos deuses das antigas civilizações apresentarem algumas divergências, todas elas compartilham a mesma compreensão sobre um mundo existente antes do dilúvio, e posterior.

E ainda que, no episódio do dilúvio apenas um homem terrestre, escolhido, é orientado por um dos deuses junto com sua família para preservar a fauna que teria sobrevivido. Embora as literaturas apontem variações entre o nome desse homem, todas elas ficam muito próximo a tradução de Noé.

E, nesta compreensão está o imbricamento com nosso estudo, pois as três maiores religiões do mundo (cristianismo, islamismo e judaísmo) vão ter como base esse mesmo Noé,

ou, melhor explicando: Os Judeus, assim como os Muçulmanos, descendem de Noé[2], o único homem íntegro, escolhido pelo mais poderoso dos deuses, para permanecer vivo após o dilúvio[3].

Devido a ligação de Deus com este Noé, bem como, a obediência e respeito com que Noé apresentava diante suas orientações, tanto Noé, quanto suas gerações seriam abençoadas, estabelecendo assim, um pacto de salvação (uma aliança) que deveria ser relembrada pelo sinal do arco-íris[4], [5].

Porém, a história Bíblica relata que, na medida em que as populações tornam a crescer e se organizar em cidades, a maioria dos descendentes de Noé afastam-se das orientações do Deus de Noé, e, começam a adorar outros deuses, que, temendo que novamente o dilúvio iniciam o projeto de uma Torre na cidade de Babel, como castigo, o Deus de Noé pune a humanidade criando vários idiomas diferentes, de modo, que eles não conseguissem mais comunicar entre si, e ainda, entrassem em desentendimento, abandonando assim tanto o projeto da Torre, quanto dificultando suas relações de convivência[6].

Ainda segundo os textos bíblicos e algumas tábuas mesopotâmicas, a população desta época descendia então dos filhos de Noé: Sem, Cam e Jafé. De acordo com o relato bíblico, Sem é abençoado por Noé, sendo sua geração a responsável por perpetuar o pacto com seu Deus (posteriormente, a descendência de Sem será reconhecida como os semitas).

Com o passar dos anos, as sociedades continuam a crescer, e, a adotarem diversos deuses, além de viverem em profundos conflitos e desentendimentos. Como uma forma de mostrar para sociedade o caminho correto, o Deus de Noé e seu filho Sem, escolheu um Caldeu, chamado Abraão para produzir uma geração sábia e obediente, que teria um conhecimento que o próprio Deus daria para que a população terrestre fosse capaz de chegar ao que chamou de plano de salvação [7].

Assim, Abraão passa a ter diversos conhecimentos e capacidades divinas, e sob o comando de Deus segue para pregar tais ensinamentos, fundamentando assim, a primeira

---

[2] Livro de Gênesis, capítulos do 6 ao 10.

[3] O dilúvio teria sido uma inundação responsável por dizimar todos os habitantes da terra quando Deus se arrependeu da criação do homem devido sua maldade e perversidade (Gênesis, 6).

[4] Livro de Gênesis, 9.

[5] Até o pacto da aliança que o mais poderoso dos deuses teria feito com Noé aparece nas tábuas traduzidas por George Smith tanto na cultura dos Caldeus, quanto Sumérios, Babilônicos e Egípcios.

[6] Livro de Gênesis, 11. Momento em que Deus teria punido a humanidade com a criação de vários idiomas.

[7] Livro de Gênesis, 12.

religião monoteísta que se tem conhecimento. A obediência de Abraão agrada a Deus que lhe promete como recompensa ser "Pai de uma grande nação"[8] .

Abraão teve dois filhos, Ismael e Isaac. No entanto, Ismael é considerado filho ilegítimo, pois era filho de Abraão com a concubina de Sara, a princesa egípcia Hagar[9].

Isaac, o filho considerado legítimo de Abraão, irá ser pai de Jacó, que após refazer o pacto com Deus, passa a ser chamado de Israel. Por sua vez, Israel será pai de 12 filhos, os quais darão origem às 12 tribos de Israel[10].

É importante salientar que a organização dos 12 filhos de Israel como Tribos, será realizada apenas muitos anos depois, quando Moisés libertou os Israelitas do domínio Egípcio, e irá fazer a organização social, bem como, a divisão de responsabilidades de acordo com a descendência de cada um dos 12 filhos. Tal organização seria orientada pelo próprio Deus ao lhe fornecer os 10 mandamentos principais que o povo de Israel deveria observar.

Desta forma, ao sair do Egito, Moisés estabelece toda a organização social, legal, econômica, religiosa, bem como, a divisão de funções entre as 12 tribos, de forma que uma dependesse da outra, tanto econômica, quanto legal e espiritualmente[11].

Moisés, ainda, escreve o Pentateuco, também conhecido como Torá, que compõem, apenas, os livros de Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômios. Essa organização, que traz a história da Gênese Humana, até a Organização Israelita, e seus diversos pactos com Deus, é considerada a obra única e mais sagrada pelo judaísmo. E, também, é aceita como verdade para o cristianismo e o islamismo.

Nota-se porém, que o livro que os cristãos chamam de Velho Testamento, na verdade, é a junção da Torah, com outros cânones que foram sendo escritos por diversos sacerdotes (levitas), os reis Davi e Salomão, escritos em rolos, consideradas literaturas sagradas, profanas e históricas, conhecidos também como Códices Massoréticos[12] (FRANCISCO, 2001).

No entanto, a organização dos outros cânones, através dos códex, que posteriormente se transformaria na Tannah ou no Velho Testamento, nos fornece uma clara noção sobre a

---

[8] Livro de Gênesis, 15.

[9] Ismael se tornará o Pai do Islã, como resultado de uma promessa feita por Deus, quando Sara, esposa de Abraão, expulsa Agar (princesa Egípcia) com o filho Ismael após o nascimento de Isaac. (Livro de Gênesis, 16).

[10] Livro de Gêneses 29 e 30.

[11] Livro de Exôdo.

[12] Existem muitos Codex Massoréticos, dentre eles: Codex de Aleppo, Leningrado, Or 4445 (), Cairo dos Profetas, dentre outros.

história de Israel. De um povo escolhido pelo mais poderoso dos deuses, que tem sempre sua história marcada pela desobediência e renovação de pactos com promessas de recompensas, sendo a salvação, a felicidade eterna, e uma vida no paraíso, as principais delas.

Devido a inobservância das 613 leis que deveriam fornecer um caráter divino aos israelitas, os códices apresentam uma série de vitórias e derrotas do povo escolhido pelo mais poderoso dos deuses. Não vamos aqui detalhar a história devido ao caráter deste estudo; assim, o que interessa para este estudo é uma síntese dos argumentos e fundamentos que serão a base para a construção tanto de um messias, quanto fundamento para criação das igrejas cristãs e consequentemente, direcionamento das sociedades ocidental e palestina que até hoje geram motivo de guerras.

Cabe então ressaltar que, após a morte do rei Salomão, devido ao fato das 12 tribos discordarem de seu sucessor, dividiram-se em: Israel do Norte (compondo as 10 tribos), de Israel do Sul (Tribo de Benjamim e Judá). As dez tribos se dispersam, e desaparecem através de suas uniões com outros povos, restando apenas as tribos de Judá e Benjamim, comprometidas em manter as normas, condutas e costumes israelitas, as tribos se fundiram, adotando apenas o nome de Judeus.

No processo da decadência dos israelitas, diversos sacerdotes e profetas aparecem clamando ao Deus de Noé, requerendo a aliança e direito como herdeiros dos pactos que teriam sido feitos anteriormente. No livro do profeta Daniel[13], em um desses momentos, enquanto clama pela misericórdia divina, o Anjo Gabriel aparece e diz que Deus respondeu ao seu clamor, e ainda, que a resposta de Deus é que o seu povo teria que colher os efeitos das ações de desobediência, porém, após um período[14] deveria vir o Messias, que restauraria a aliança novamente.

Além de Daniel, os profetas Isaías, Jeremias e Ezequiel, também têm visões de um Messias, que seria enviado pelo próprio Deus, não só para restaurar a aliança, mas, para trazer de uma vez por todas, a paz para toda a terra.

De acordo com o profeta Isaías (11:11), o messias deveria vir da geração do rei Davi (de pai para filho). Conforme Jeremias (23:5), além disso, o messias seria um rei que reinará

[13] Livro de Daniel 9 e 10.

[14] O período de espera é um dos grandes debates do judaísmo, pois as semanas representada no livro de Daniel segundo o Judaísmo seriam 6 mil anos, já segundo o cristianismo encerrou em Cristo.

sobre toda terra, fazendo um governo único de paz, de forma que todos os humanos cumpram os ordenamentos do Torá, e adquiram o caráter divino.

O profeta Miquéias (4:1) ainda aponta que o Messias deveria restabelecer o Terceiro Templo de Jerusalém, reunindo todos os seres humanos para ensinar que só existe um único Deus, assim como anunciado pelo profeta Sofonias (3:9) e Zacarias (14:9).

Lembremos então, que após a Torá, os códices dos profetas apontam para a vinda de um Messias que deveria apresentar todos os pressupostos anteriores. E, para os Judeus, esses foram os últimos profetas, e o último contexto bíblico, esperando assim, o Messias até os dias atuais. No códice de Alepo, o último livro de um profeta daqueles tempos, foi o livro de Malaquias[15].

Aqui cabe ressaltar que, embora os Judeus nesse momento tenham o consenso sobre a vinda de um Messias com base nas mensagens proféticas, a religiosidade e o pensamento Israelita já tinham sido contaminados pela hibridização dos israelitas com outros povos. Além disso, em 322 a.C quando a teocracia Palestina caiu sob domínio de Alexandre O Grande, as características helenísticas, bem como as zoroastrianas passaram a ter influência direta no pensamento judaico, inclusive, sendo responsável por algumas outras subdivisões partidárias dentro do próprio judaísmo (NOSS; GRANGAARD, 2023).

1.2 Por que a comunicação de Jesus Cristo incomodou os Judeus?

Embora os Judeus tenham conseguido se manter enquanto organização religiosa, fortificando-se como grupos de eruditos intelectuais, e, colocando-se na história em posições estratégicas. Desde a morte do rei Salomão, cerca de 800 a.C os Israelitas nunca mais conseguiram se unir completamente, bem como, não conseguiram se emancipar como um Reino próspero. De acordo com a fé judaica, a vinda do Messias é apontada como uma espécie de solução absoluta e definitiva para todos os males da sociedade, e ainda, a consolidação da supremacia do povo de Israel.

Dentro deste contexto, salienta-se que o Messias, de acordo com a crença judaica, para ser reconhecido, deveria obedecer a alguns pressupostos: a) ser rei sobre todas as nações com

[15] Houve um período médio de intervalo de 400 a 500 anos, até que Jesus Cristo nascesse, os cristãos chamam esse período de período Inter bíblico.

sede em Israel; b) reconstruir o terceiro templo de Jerusalém, c) trazer paz para a terra, d) ser da descendente de Davi; e, f) reunir todos os seres humanos na ideologia de um único Deus, o Deus de Israel. Esses pressupostos fazem com que os Judeus aguardem a vinda do Messias até os dias atuais.

Além da convergência entre os critérios que deveriam caracterizar o Messias esperado pelos judeus e a figura de Jesus Cristo, alguns outros fatores foram fundamentais para que o discurso de Jesus Cristo tenha causado incômodo entre os líderes judeus.

Lembremos que neste momento, a Palestina está sob o domínio romano. De acordo com Rolim (2003), desde o período de 100 a.C a República Romana se viu em meio a uma intensa e profunda crise sócio-político-econômica, especialmente devido às sucessivas guerras civis, que culminaram no assassinado de César em 44 a.C.

Por outro lado, a relação do Império Romano com os Judeus, é histórica, sendo os Judeus considerados como aliados estratégicos e importantes para auxílio da manutenção e da ordem do Império Romano[16], inclusive, não é difícil encontrar Judeus que, além de cidadania romana, ocupavam cargos estratégicos, como por exemplo, Paulo, que era chefe do exército romano.

Assim, dentro de interesses e jogos políticos, os judeus conseguiram manter-se em Jerusalém, enquanto desfrutavam de um certo prestígio dentro do governo e da sociedade romana. Tal posição, era criticada nos discursos de Jesus Cristo, que apontava que eles deveriam preservar e cultivar uma sociedade que obedecesse aos preceitos de igualdade e amor, chamando-os muitas vezes de hipócritas (Mateus, 16).

Por outro lado, é necessário relembrar que a própria comunidade judaica deste período apresentava uma grande divergência entre si, dividindo-se em diversos grupos, que apresentavam lideranças, comportamentos, e crenças diferenciadas (HENZE, 2015).

Cabe ressaltar que os israelitas apresentam divergências históricas, sendo tais divergências uma das maiores responsáveis pela queda de Israel e distanciamento das demais tribos. Ao contrário do que se visualizava, a união de Benjamim com Judá não foi suficiente para unificar tal pensamento.

[16] Especialmente os Judeus das classes dos Fariseus e Saduceus.

Como já aludido anteriormente, as influências das crenças greco-romanas já vinham sendo impetradas desde 322 a.C. Porém, as divergências que se apresentaram com maior expressividade, e resultaram no ambiente em que Cristo nasceu ocorreu com a revolta dos Macabeus cerca de 63 a.C, quando os judeus resistiram à imposição da cultura helênica por parte de Antíoco Epifânio. No entanto, mesmo com esta manifestação, alguns grupos judeus acabaram por adotar elementos da cultura grega (NOSS; GRANGAARD, 2023).

Ruppenthal Neto (2019) aponta que dentre as variações na comunidade judaica, quatro sociedades se destacavam: os fariseus, os saduceus, os essênios, e os galileus (também apontados como homem do campo). No entanto, Noss e Grangaard (2023) citam que os herodianos e zelotes, embora em número menor, também possuíam certa influência neste período, especialmente pela busca de um governo nativo.

Os fariseus acreditavam que a Lei de Moisés deveria ser adaptada a realidade do cotidiano, mantinham-se organizados e efetuando seus estudos e cultos nos templos e sinagogas e defendiam que a Torá não deveria ser restrita apenas aos livros escritos por Moisés, mas também, incorporar escritos posteriores, inclusive com as decodificações das leis orais, aquelas que teriam sido recebidas por Moisés e repassadas para os sábios e profetas; produziam um grande número de Cânones, inclusive com conhecimento sobre a parte mística e artes, já que muitos eram escribas. Mantinham a crença em reencarnação e vida pós-morte.

Diferentemente dos saduceus, os fariseus buscaram manter as origens judaicas com base na Torá. Esse grupo era extremamente influente no Império Romano, especialmente na classe alta, ocupando posições de destaque na organização economia, política e social em toda região da Palestina (RUPPENTHAL NETO, 2019).

Os fariseus são apontados por Jesus como hipócritas, que apesar de estarem corretos em seus ensinos, não praticam o que escrevem ou falam, em ainda, que usam seus postos e conhecimentos para obtenção de prestígio e benefícios pessoais[17].

De acordo com Ruppenthal Neto (2019) os saduceus eram um grupo de sacerdotes que se juntaram aos Asmoneus, a fim de ascenderem socialmente, constituindo-se uma nova

[17] Então falou Jesus à multidão, e aos seus discípulos, dizendo: Na cadeira de Moisés estão assentados os escribas e fariseus. Todas as coisas, pois, que vos disserem que observeis, observai-as e fazei-as; mas não procedais em conformidade com as suas obras, porque dizem e não fazem; Pois atam fardos pesados e difíceis de suportar, e os põem aos ombros dos homens; eles, porém, nem com seu dedo querem movê-los; E fazem todas as obras a fim de serem vistos pelos homens; pois trazem largos filactérios, e alargam as franjas das suas vestes, E amam os primeiros lugares nas ceias e as primeiras cadeiras nas sinagogas, E as saudações nas praças, e o serem chamados pelos homens; Rabi, Rabi. (Mateus 23:1-7).

aristocracia judaica, sendo influenciados diretamente pelo helenismo. Defendiam que os outros Cânones não deveriam ser considerados além da Torá, e é uma das únicas sociedades judaicas a não acreditar na reencarnação ou na vida pós-morte. Tinham constantes embates com os Fariseus, especialmente devido ao seu estado aristocrático que os levavam a concorrer os postos de destaque com os Fariseus.

Noss e Grangaard (2023) esclarecem que os Saduceus já haviam cultivado uma postura histórica como chefe cívico, ou seja, os altos sacerdotes saduceus ocuparam uma posição política e econômica. Eram responsáveis pela coleta de impostos, enriquecendo junto com outras famílias de altos sacerdotes.

Os Essênios foram um grupo de judeus que se separaram dos demais por ter algumas concepções pessoais com relação a expectativa apocalíptica, escatológica, e ortodoxia extrema com relação ao cumprimento das leis mosaicas. Alguns desses se organizaram em grupos, para viver no deserto, dedicando-se exclusivamente à vida espiritual. Acreditavam que apenas os Filhos da Luz, ou seja, aqueles capazes de cumprir todos os 613 mandamentos, além de se afastar de qualquer tipo de coisa mundana teriam direito à salvação. Para este grupo todos os mandamentos da Torá deveriam ser cumpridos com extrema rigidez, de forma que se no dia de sábado um homem caísse em um buraco deveria ser deixado lá.

As pregações de Jesus atingem esse grupo na medida em que ele afirma que a vida humana está acima de todas as outras questões, inclusive do sábado[18] , e, ainda que a salvação não é privilégio apenas de um grupo, mas à todos que se inclinem a Deus, não sendo permitido julgar ou condenar quaisquer outros humanos[19].

Os Galileus, são apontados como os "os judeus ignorantes", sofrendo certo preconceito das demais classes de judeus, pois viviam em regiões afastadas, dedicando-se mais ou serviço de campo do que aos ensinos intelectuais, muitos inclusive não tinham acesso a quaisquer tipos de livros, ou sabiam ler. Assim, sua religiosidade era muito mais voltada à realização de milagres, como curas e expulsão de demônios do que a doutrina teológica (RUPPENTHAL NETO, 2019).

Jesus como sendo galileu é apontado como um líder religioso de obras, porém, que se difere dos demais líderes religiosos galileus, como por exemplo, Hanina, por ser não apenas um

[18] Porque o Filho do homem até sábado é Senhor. Mateus 12:8

[19] Mas, se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero, e não sacrifício, não condenaríeis os inocentes. Mateus 12:7

"homem de obras" (*anshe ma'aseh*), ou apenas um rabi (mestre), mas como um verdadeiro *hasid* (um professor que não apenas lia a escritura, mas interpretava e ensinava) (RUPPENTHAL NETO, 2019).

Neste aspecto, é possível aludir, que além de suas duras críticas às outras classes de judeus, a própria posição como um galileu, defendia todas as demais classes de Judeus, que os viam como inferiores devido sua posição social e intelectual. Os fariseus e os rabinos, se referiam aos galileus como: *gelili shotec* (galileu estúpido).

Os judeus apontados como Herodianos eram os que inicialmente apoiavam a casa de Herodes, até que Augusto Cesar depôs o filho de Herodes Arquelau, da etnarca da Judéia, designando um procurador romano em seu lugar. Apesar de procurarem adequar a cultura grego-romana, cultivavam a crença de um governo nativo (NOSS; GRANGAARD, 2023).

Os Zelotes por sua vez eram um grupo de guerreiros obstinados a lutar contra Roma, e preconiza várias guerras civis, alegando que aceitar o governo de Roma, ou qualquer outro governo era como esquecer as ordens e as leis divinas (NOSS; GRANGAARD, 2023).

Foi então nesse ambiente, que a comunicação de Jesus Cristo foi efetivada pela rápida adesão de suas ideias, o que o fez ser acompanhado por uma intensa multidão, que se encontrava ávida por ouvir seus ensinamentos. Caracterizando o potencial tanto de sua comunicação, quanto de sua adesão como líder popular.

De acordo com o Livro de Mateus, as multidões se admiravam tanto com sua autoridade quando ensinava, quanto com os milagres que fazia. Essa rápida popularização impulsionou um desconforto, e necessidade de uma articulação que fizesse com que Jesus Cristo perdesse esse posto. Assim, alguns Fariseus e Saduceus, passaram a acompanhá-lo, monitorando seus discursos e aumentando sua influência.

1.3 Como a comunicação de Jesus Cristo se tornou a Comunicação das Massas?

Alguns fatores favoreceram para que a comunicação de Jesus disseminasse e tivesse impacto direto nas massas. De acordo com Valente (2017), um dos fatores era o fato de que a comunicação naquela época era predominantemente oral, somente a classe alta, inclusive dos Judeus tinham acesso à leitura, ou à escrita. Até mesmo porque, os livros eram confeccionados a mão, a maioria em peles de cordeiro e copiados. Assim, qualquer líder que trouxesse

conhecimento aberto, ou, fosse carismático era acompanhado por verdadeiras multidões, Jesus, além de possuir estas duas características, realizava diversos milagres, sendo a maioria de cura, e ainda, nivelava seu discurso de acordo com a população, utilizando a estratégia linguística de contos e parábolas.

Rolim (2003) aponta que a sociedade romana naquele período enfrentava um cenário caótico, entre guerras civis, luta por poder, alto nível de corrupção, e, segregação severa de classes sociais. Foi um período em que o Império Romano procurou organizar o Estado através do Principado, que envolvia a figura do príncipe, da magistratura, e o direito que prevalecia sempre direcionado aos cidadãos romanos, excluindo quaisquer outras classes.

Além disso, Noss e Grangaard (2023) esclarecem que desde a chegada dos Romanos em Jerusalém (70 a.C) houve uma proliferação das expectativas messiânicas, resultando em reprodução de uma vasta literatura judaica que mantinham suas bases nos textos de Daniel, usando símbolos para representar o período antes da chegada do messias. Tais simbologias eram interpretadas como sendo aquele período vivido.

Os Judeus da classe de elite econômica e intelectual, especialmente os fariseus e saduceus, tinham a cidadania romana, e ocupavam cargos importantes. De acordo com Loro (2010), essa classe foi a principal responsável por criar um fundamentalismo religioso extremamente separatista. Inclusive, utilizando-se de um idioma extremamente culto para o repasse do ensino, o que não favorecia em nada a compreensão e adesão da massa. Além disso, só poderiam ter acesso aos conhecimentos e ensinos judaicos, inclusive da escrita e leitura aqueles que eram nascidos judeus. O que, distanciava ainda os judeus do restante da sociedade.

Enquanto isso, Jesus ocupou-se em usar uma linguagem popular e inclusiva, comunicando que todos poderiam ter acesso ao reino dos céus, e, ao contrário do que os Judeus pregavam, todos poderiam ser chamados de filhos de Deus, se seguissem o caminho do bem e os mandamentos. Não estando, portanto, sujeito à aprovação de nenhum humano, mas diretamente do Pai.

O Sermão da Montanha, é capaz de traduzir toda a filosofia de Jesus, preconizando uma filosofia humanista, democrática, igualitária, inclusiva, baseada em princípios que deveriam ter como base o amor, sempre olhando para si mesmo e buscando na vida porvir as recompensas das boas ações.

Além disso, a filosofia de Jesus aborda a importância de se inclinar com uma vida simples, que não veja as coisas deste mundo como prioridades, até mesmo, porque elas são passageiras, devendo sempre buscar a vida eterna de felicidade. Outro ponto, enfatizado, é a necessidade de paz, tolerância e amor para com os outros seres humanos, a quem devemos considerar como irmãos, uma vez que são filhos do mesmo Deus.

Jesus alude ainda, sobre algumas flexibilizações que os judeus tinham feito em prol de seus desejos e conveniências não era de agrado de Deus, deixando claro, portanto, que todas as leis anteriormente deixadas deveriam ser observadas. Solicitando que os seres humanos buscassem ser perfeitos, assim como Deus, com foco sempre em olhar apenas para si mesmo, buscando melhorar e modificar quaisquer sentimentos, atitudes e pensamentos danosos, não devendo julgar ninguém.

Os ensinos incluíam parábolas e histórias de diversos níveis, que eram capazes de fazer com que desde as pessoas mais humildes, até as mais intelectuais conseguissem compreender sua forma e objetivos de comunicação, alcançando assim, uma grande massa de pessoas.

1.4 Em Jesus Cristo já podemos evidenciar o Local de Fala de quem comunica?

Embora a teoria do “lugar de fala” tenha sido conceituada de forma recente, se tornando uma “espécie de senha de autorização” para discorrer sobre certos assuntos que são capazes de causar certa controvérsia (KATZ, 2022), é possível observar que a comunicação de Jesus na apropriação da massa, também perpassou por essa mesma linha.

Apesar da Igreja Católica ter apontado Jesus Cristo como uma pessoa simples, filho de marceneiro, e pertencente a classe popular. Na verdade, se observarmos o contexto histórico, as evidências demonstram outros pontos. Em primeiro lugar Jesus Cristo era um Judeu, e não um simples Judeu, ele era um Rabino, letrado, e com intenso conhecimento e preparação teológica.

Nos Evangelhos disponíveis na Bíblia Cristã, não apenas as pessoas da classe popular o tratam como respeito chamando-o de Rabi ou Mestre, mas também, os próprios Fariseus e Saduceus o questionam como quem é erudito e realmente conhecedor não apenas da Torá, mas do Talmud.

De acordo com Rolim (2003) no Império Romano, a educação formal, especialmente de escrita e leitura era direcionada apenas a uma parcela da educação, aqueles considerados especialmente como cidadãos romanos, que incluíam diversas classes. Além da educação, o direito de ser julgado de maneira formal, deveria também ser privilégio dos romanos.

No segundo capítulo do Livro de Lucas, Jesus não é apresentado apenas como uma pessoa com o privilégio de educação formal, mas ainda, uma educação formal desde muito cedo, colocando-o aos doze anos de idade com a condição de interpretar e discutir leis com os mestres do templo. O que o coloca ainda, em condições e posição de classe que detinha respeito pelos demais.

Assim, não podemos deixar de citar que Jesus Cristo, um Mestre Judeu, trazendo um discurso inovador e inclusivo, certamente contribuiu para que a massificação de sua comunicação fosse alcançando uma dimensão mais efetiva, adotando um "lugar de fala" privilegiado para que sua filosofia fosse aderida.

1.5 A apropriação da Comunicação de Jesus Cristo e seu hibridismo cultural

Após a morte de Jesus Cristo, seus seguidores foram perseguidos, ocasionando a separação dos doze apóstolos que passaram a disseminar a filosofia comunicada por Jesus em diversas regiões, desde a Palestina até a Europa. Como consequência, a filosofia de Cristo foi sendo hibridizada com as mais variadas formas de culturas, e, também, atuando de forma confluentes com outras filosofias.

Hans Jonas em sua tese "*La religión gnóstica El mensaje del Dios Estraño y los comienzos del cristianismo*", publicada pela primeira vez em 1934, aponta que não apenas que grupos gnósticos acabaram se apropriando do cristianismo, mas também, de forma reversa alguns grupos cristãos acabaram se apropriando de outras filosofias.

Sua tese foi reforçada quando os escritos do mar morto (Nag Hammadi) foram encontrados em 1946, Hans Jonas se viu obrigado a revisitar sua tese, e constatou que não apenas o gnosticismo, mas outras linhas filosóficas como o estoicismo, helenismo e diversas outras filosofias, como as de Hermes Trimegistro, haviam adentrado e influenciado os primeiros cristãos, acabando por produzir além de vários tipos de hibridizações, uma gama variada de formatos de cristianismo.

Jonas (2003), aponta que neste ao considerar a estrutura geográfica do Império Romano, especialmente com relação ao oriente e ocidente[20] acabou por dividir, sendo a parte ocidental influenciada diretamente no helenismo. É possível considerar ainda que até mesmo o judaísmo desde a conquista de Jerusalém também teria sido influenciado pelo pensamento grego. E, que de certa forma, essa influência facilitou a apreciação e aproximação dos primeiros cristãos com a base dos pensamentos filosóficos de outras tradições, que de certa forma, em maior ou menor grau, já o influenciaram.

Além disso, o hibridismo religioso já não era algo novo, muito pelo contrário, já no Pentateuco, uma das causas da desobediência dos Judeus (Israelitas) era justamente a apropriação da religião, do pensamento, dos cultos, e da crença nos deuses do Egito. Já mais tarde, no Livro de Reis (14:24-41) é notificado que o estabelecimento do rei assírio em Samaria, também levou parte dos Judeus a adotarem tanto os cultos da herança judaica quanto dos Assírios, reunindo assim a cultura e religião judaica, babilônica e persa.

Nos primeiros cristãos, essas influências acabaram se acentuando, especialmente dos elementos gnósticos. De acordo com Jonas (2003) uma das influências mais fortes, que mais tarde seria utilizada na formação da Igreja Católica, e, que seria (e ainda é) usada como ferramenta de poder, foi a noção gnóstica do dualismo.

Diferentemente do pensamento judaico, onde este mundo está em constante evolução, e, que não existe a figura do diabo, porque tudo está sob o controle da vontade de Deus, e o mal, ocasionado pelas consequências das maldades do homem, se torna arma para seu crescimento e aprendizagem. O dualismo gnóstico apresenta uma apropriação polarizada da ideia de bem e mal, Deus e demônio[21], certo ou errado, coisas de Deus e coisas do mundo. Deus teria sua natureza divina no Cosmo, e as coisas deste mundo seriam pertencentes ao outro lado da moeda, ou seja, o diabo.

Outra apropriação dos pensamentos gnósticos está na ideia de cumprimento das leis, que diferentemente do pensamento judaico, que as leis seriam normas de condutas que auxiliam o homem alcançar sua evolução, no cristianismo as leis passam a ser uma espécie de prova,

[20] Tal consideração é importante pois no decorrer da história vamos observar que a parte oriental, quando o Império Romano foi dividido acabou por adotar uma característica muito peculiar, distanciando-se da filosofia grega da parte Ocidental. Além disso, depois da conquista pelo Islã, acabou por emancipar-se com aspectos bem distintos da cultura ocidental.

[21] O diabo, demônio, e Lúcifer vão ser as apropriações dos cristãos do que o gnosticismo chamava de Arcontes.

para que Deus venha se compadecer do ser humano, que deve ganhar sua salvação através das provas antecipadas.

Muitas outras influências poderiam ser apresentadas, no entanto, devemos mais uma vez, adotar apenas alguns elementos que serão fundamentais no desenvolvimento desta tese. Desta feita, o que quer se esclarecer neste momento é que na medida que o cristianismo foi se espalhando, a comunicação original de Cristo já começava a ser hibridizada, mas não de uma forma linear, mas adotando diversas características, que estavam relacionadas diretamente às características e aspectos antropológicos nas regiões.

Para discorrermos sobre a dicotomia da apropriação da Cabala pelos cristãos e a evidência de uma teologia líquida, separamos alguns temas centrais que são pontos considerados em comum por grande parte das religiões cristãs, outros, são considerados parcialmente, porém, ainda causam intensas discussões.

A igreja organizada mais de 300 anos depois, adotou apenas 4 dos evangelhos em sua composição, sendo que apenas os livros de João e Mateus são dos apóstolos contemporâneos e escolhidos por Jesus Cristo, os dois outros Evangelhos incorporados são: O de Lucas, que, segundo os teólogos e historiadores era um médico grego que ouvindo a forma com que Jesus Cristo curava teria sido responsável por investigá-lo e ao constatar os milagres se converteu; e, o de Marcos, que era um convertido por Paulo, posteriormente a morte de Cristo.

Os demais Evangelhos (considerados pela igreja como Apócrifos) não foram introduzidos na organização do Novo testamento devido ao fato da Igreja considerar seus conteúdos não adequados tanto ao conhecimento popular, como, para o formato da Igreja que estava sendo estabelecida

Estima-se que ao menos tenham sido escritos 14 Evangelhos, um de cada apóstolo, ou seja 12, mais o Evangelho de Maria, mãe de Cristo, e o de Maria Madalena. Esses livros foram escondidos sob o poder da Igreja, recolhidos na medida em que em algumas sociedades cristãs se contrapuseram a idealização da Igreja Católica Apostólica Romana e foram aniquiladas. Porém, duas descobertas trouxeram à tona a sociedade alguns desses Evangelhos. A descoberta de Nag Hammadi em 1945, e a descoberta dos Escritos do Mar Morto em 1947 (NOGUEIRA, 2015).

Trazer à tona este contexto far-se-á fundamental nas discussões que serão realizadas no decorrer deste estudo, principalmente na análise do objeto investigado, isto porque, grande

parte dos Evangelhos e outros escritos que não foram introduzidos no Novo Testamento trazem um contexto místico muito forte, e uma face Humana de Jesus que a Igreja muito tempo tentou afastar, já que um de seus dogmas teológicos mais forte é a figura de Jesus Cristo como sendo o Próprio Deus de Noé Encarnado. Além disso, concorda-se com Berger (1984) que nenhum estudo que investigue o cristianismo pode ser considerado um estudo acadêmico sério sem o conhecimento dos escritos de Nag Hammadi e do Mar Morto.

Esses livros, além de terem alguns pontos próximos da Cabala como iremos demonstrar, também, trazem aspectos que foram apontados pela própria igreja como heresias ou magias demoníacas, justificando a condenação de milhares de pessoas durante a inquisição. E, que agora, parece estar levando uma mudança política no pensamento religioso da sociedade atual[22].

No Novo Testamento, organizado posteriormente pela Igreja, o apóstolo Paulo, ao escrever suas cartas de orientações às Igrejas, parece adotar um discurso diferenciado para cada uma delas, sempre respeitando o pensamento regional. Isso inclui a forma de compreender a apropriação do Espírito Santo, vestimentas, participação das mulheres, dentre outros.

Assim, na medida em que a filosofia de Cristo começa a se espalhar, vários grupos são formados, alguns maiores, outros menos, alguns mais influentes, alguns menos influentes. Alguns mais fundamentados nas compreensões helenísticas, outros gnósticos, outros estóicos, outros judaicos, enfim, a filosofia e o pensamento de Jesus Cristo passariam a compor todos os demais pensamentos da época.

No entanto, o fundamento do amor, do não julgamento, em uma reforma interior, e na possibilidade de todos, independentemente de origem alcançar a graça divina, certamente fez com que a conversão ao cristianismo se tornasse cada vez mais atraente, até chegar a Helena, mãe de Constantino, na época, Imperador do Império Romano Ocidental.

[22] Até esses escritos serem encontrados de forma organizada, poucos investigadores se atreveram a investigar a aproximação do cristianismo com o misticismo, neste ponto, é necessário reconhecer a grandiosidade de Hans Jonas que em 1928 publicou pela primeira vez sua tese de doutorado fazendo um minucioso estudo sobre a influência do gnosticismo no cristianismo primitivo. Após a descoberta de 1945, Jonas tem sua tese comprovada, e, faz um capítulo complementar republicando o material em 1957.

1.6 A formação da Igreja e a construção da teologia Cristã

Como já aludido anteriormente, a difusão do cristianismo ocorreu através da disseminação das ideias traçadas por Jesus Cristo, e sua apropriação foi realizada por diversos grupos, aproximando-se muito mais de grupos locais que compactuam uma filosofia, do que formação de uma religião monopolizada. Tal característica, fez com que o cristianismo nos primeiros três séculos não adotasse uma característica unificada, ou ainda, uma teologia dogmática organizada. Seu repasse era feito de forma oral, cópia dos evangelhos que os discípulos teriam escrito, e cartas de líderes locais que esclareceram dúvidas pontuais.

Os grupos que antecederam a formação da Igreja (após 325) são apontados pela literatura como cristãos primitivos. Almeida *et al.* (2020), explica que os livros (Cânones) encontrados nas diversas comunidades cristãos evidenciam diversas vertentes, e, que estas compreensões já causavam desentendimentos e conflitos entre os grupos de cristãos, não havendo uma unidade de pensamento.

As descobertas de Nag Hammadi, e dos escritos do Mar Morto, nos trazem os Evangelhos de Filipe, João, Tomé, Marta, Maria Madalena, Judas, Maria Mãe de Jesus, dentre outros, que evidenciam um cristianismo não apenas plural, mas certamente influenciado por outros grupos filosóficos.

Nogueira (2015) aponta que não apenas as outras correntes filosóficas da sociedade greco-romana influenciaram os primeiros cristãos, mas as próprias sociedades judaicas, afinal de conta, como já aludido anteriormente, havia pelo menos quatro variações entre elas, e o próprio Jesus Cristo, como seus discípulos eram judeus.

Com a conversão de Helena ao cristianismo, Constantino, Imperador Romano (306 a 337), compreende que esta ideologia teria muito mais potencial e alcance do que qualquer outra. O Império Romano passava por intensas e profundas Guerras, e a adoção de uma única religião poderia ser uma ferramenta sólida para o estabelecimento do Império Romano.

A real conversão de Constantino ao cristianismo é debatida por muitos estudiosos, alguns, como Veyne (2011), apontam que o Imperador viu nessa ideologia religiosa uma estratégia de poder. Já outros, como Xavier (2021) apontam que Constantino se converteu ao ter uma visão no campo de batalha.

Não nos cabe aqui discutir a natureza da apropriação de Constantino ao cristianismo. O fato é, que Constantino passou a recrutar os maiores líderes cristão da época, oferecendo-lhes cargos estratégicos no Império, e organizando uma única religião, que passaria a ser a Religião Oficial de Roma, ou seja, a formação da Igreja Católica Apostólica Romana.

No ano 325 d.C, Constantino organiza o primeiro Concílio da Igreja, chamado de Concílio de Nicéia, esse foi o primeiro evento que tinha como objetivo reunir os principais líderes do cristianismo para discutir quais os parâmetros que seriam adotados para a Fé Cristã. E, de lá em diante, todos aqueles que se dissessem cristãos, deveriam obedecer ao que a Igreja Oficial ordenava, pois seria essa organização a representação da vontade de Deus na Terra (VALENTE, 2017).

Embora a teologia da Igreja Católica tenha se apoiado no reconhecimento de Cristo como sendo o Messias judaico, não se ocupou em retornar às raízes judaicas para sua concepção. Muito pelo contrário, baseou-se nos escritos da Torá (Pentateuco) e dos demais códex em formato literal, e construiu para si o que se reconhece como Novo Testamento, separando então, o Velho Testamento, que seria a base histórica, e o Novo Testamento, sendo a palavra de Deus encarnado em formato de Jesus Cristo, modificando inclusive, alguns trechos do Velho Testamento e dos mandamentos em mosaicos escritos para compor a "Nova concepção Teológica"[23], uma destas mudanças pode ser evidenciada na troca de trechos dos dez mandamentos, dentre eles a troca do sábado para o domingo.

Para Adriano Filho (2015) a história da concepção do Novo Testamento pode ser compreendida como uma memória cultural, organizando-se como texto heterogêneo e heteroestrutural, sua organização foi baseada na forma como a cultura judaica organizava seus códices. Seus escritos tratam basicamente dos primeiros cristãos do séc. II, os quais detinham grande influência também de outras correntes filosóficas, como por exemplo os gnósticos.

Lembremos que nesta época, os escritos eram realizados de forma manual, copiados por membros de comunidade, e muitas vezes transcritos de acordo com suas respectivas compreensões. Diferente do Antigo Testamento que os textos eram escritos originalmente em Hebraico, os cânones do Novo Testamento eram escritos em Grego, Aramaico, e somente em alguns casos se misturavam com o Hebraico.

[23] Uma das modificações realizadas pela Igreja está nas leis mosaicas (10) mandamentos, que em seu texto original fala que se deve guardar o dia de sábado como o dia de descanso, substituído pela Igreja como o dia de domingo, sendo justificado como o dia em que Cristo ressuscitou.

Além disso, era muito comum que cartas direcionadas fossem consideradas como textos sagrados ou cânones, como é o caso das cartas que Paulo endereça direcionando alguns aspectos fundamentais da vida social. Assim, os primeiros cristãos baseiam sua teologia em cima dos cânones, que possuem culturalmente peso tão grande quanto as palavras que foram apontadas como sendo da autoria de Jesus.

Adriano Filho (2015, p. 92) aponta que:

> Além disso, a passagem de uma cultura cristã da memória baseada na tradição oral para uma cultura escrita baseada num cânone de textos sagrados aconteceu num período de grande competição entre diferentes crenças cristãs, na qual os grupos dissidentes consideravam a si mesmos como "ortodoxos" e os outros grupos como "heréticos". Nos dois primeiros séculos do cristianismo houve uma intensa atividade literária; nesse período não havia somente um cânon, mas vários cânones locais.

As diversas correntes cristãs culminaram em movimentos que despontaram líderes locais, que eram influenciados por correntes filosóficas distintas, como apontam os textos canônicos com forte influência no pensamento gnóstico que foram surgindo na medida em que o cristianismo ia avançando.

Um dos líderes influentes do cristianismo primitivo foi Marcião, que seria um dos primeiros a apontar a diferença do Deus compreendido pelos cânones judaicos e o Deus do cristianismo. Apontando o Deus do antigo testamento como um Deus vingativo, e punitivo, enquanto o Deus apresentado por Jesus Cristo tinha base no amor, compreensão e na graça. Foi um dos primeiros a sugerir uma teologia baseada apenas na filosofia de Cristo, sugerindo a adoção de novo cânon composto pelos evangelhos da vida de Jesus, retirando sua ligação com o judaísmo, o livro de Lucas e as cartas de Paulo.

A preocupação de Marcião em desenvolver discussões e reflexões sobre a cristologia e a revelação divina, levou a criação de um "primeiro cânone fechado". No entanto, foi com organização da Igreja, ocasionada especialmente pela conversão de Constantino, que se ocupou em reunir os líderes mais expressivos do cristianismo no Império Romano, e, promover os primeiros Concílios para tomada de decisões de forma unânime é que a cristologia foi sendo construída e solidificada, inclusive, a escolha dos livros que deveriam compor o Novo Testamento, e, que não podiam chocar com os interesses do Estado Romano.

O primeiro Concílio foi realizado em Nicéia no ano de 325 d.C. onde foi discutido dentre outros assuntos, a concepção da Santíssima Trindade, e o reconhecimento de Cristo como a outra face de Deus. Desta forma, os Concílios foram alinhando o posicionamento da Igreja de forma homogênea, sendo realizados até os dias atuais, e denominando as discussões teológicas ocidentais sem nenhuma outra visão concorrente até a reforma protestante.

Nogueira (2015, pp. 76-77) aponta que uma das estratégias mais assertivas para formação de uma Igreja que se tornou o poder absoluto durante muitos anos, foi a de construir o Novo Testamento não apenas como continuidade dos Cânones judaicos, mas também, se lhe conferir uma roupagem de sacralidade, apresentando-os com a autoridade de Palavra Divina. "No processo de formação e interpretação do cânone, a autoridade do texto está intimamente conectada à autoridade do intérprete. E aqui reside o poder e o perigo da interpretação e do uso do texto sagrado".

Armstrong (2007) aponta que os textos que compuseram o Novo Testamento foram cuidadosamente escolhidos pela igreja, sendo que eles deveriam subsidiar dentro da ideia de autoridade e sacralidade uma concepção de divindade inquestionável. Motivo este, que fizera muitos outros textos serem não apenas suprimidos desta organização, mas também, mantidos em segredo, se não fosse a descoberta de Nag Hammadi, talvez a humanidade não tivesse jamais acesso às outras obras deste período, que trazem novamente um discurso emancipatório.

1.7 O protestantismo e a abertura para novas teologias?

A teologia católica começa a entrar nas vias de discussão depois do escolasticismo e suas derivações após o ano de 1250, levantando principalmente questões de cunho filosófico, como a questão do pecado (MORAES, 2014).

O movimento que culminou a reforma protestante emergiu especialmente por Lutero na Alemanha e, João Calvino na Holanda e Suíça. Lutero era um clérigo, que ganhou simpatia e adesão especialmente por parte dos burgueses. Em 1517, ele se dirigiu à porta da igreja do castelo de Wittenberg e, pregou suas 95 teses que eram contra as atitudes e concepções que a igreja católica daquela época pregava. Estas teses se espalharam rapidamente por toda a Alemanha, ganhando muitos adeptos e simpatizantes. Enquanto isso, João Calvino se ocupa em dedicar-se às Institutas, compondo quatro grandes volumes com críticas e posicionamentos contra a igreja.

Depois do movimento protestante reformista, já no séc. XX, outra teologia vai ser incorporada nas rodas de discussões, sendo ela impulsionada pelo movimento pentecostal. De acordo com Matos (2006), esse movimento surgiu nos Estados Unidos em 1901, e discorreu basicamente na adesão de movimentos anteriores de igrejas americanas que tinham origem afro, e adotavam a compreensão de que o Espírito Santo se manifesta nos cultos através de línguas estranhas (glossolalia), promovendo assim, a defesa de uma "experiência pessoal" nos cultos realizados.

No entanto, embora esse movimento propusesse uma experiência de culto diferenciada, em outros aspectos, como vestimenta, corte de cabelo, uso de maquiagem foram modulados, e defendidos dentro de uma compreensão mais arcaica. Porém, a defesa da experiência espiritual religiosa foi rapidamente incorporada, criando outro movimento, que se reconheceu como "movimento neopentecostal".

O movimento neopentecostal se inicia também nos Estados Unidos, já no início da década de 1960, e surge com uma proposta de promoção de experiência religiosa, apresentando-se com correntes teológicas distintas às demais que foram construídas na história do cristianismo. Pois toma rapidamente um caráter neoliberal, evidenciando dentre outras coisas, a prosperidade como uma característica daqueles que agradam a Deus, como uma "marca de vencedor".

De acordo com Moraes (2014, p. 2):

> [...] quanto menos sectária e ascética e quanto mais liberal e tendente a investir em atividades extra igreja (empresariais, políticas, culturais, assistenciais), sobretudo naquelas tradicionalmente rejeitadas ou reprovadas pelo pentecostalismo clássico, mais próxima tal hipotética igreja estará do espírito, do *ethos* e do modo de ser das componentes da vertente neopentecostal.

Esse movimento impulsionou um novo perfil de preocupação e concepção teológica, distanciando-se das reflexões filosóficas, e, apropriando-se cada vez mais de um discurso predominantemente capitalista e meritocrático, que rapidamente foi aderido e espalhado pela sociedade brasileira.

1.8 A fé dentro do contexto neoliberal

No tópico anterior buscamos descrever de maneira sucinta os principais fenômenos religiosos que se organizam como instituições oficialmente religiosas no Ocidente, especialmente no Brasil.

Este por sua vez, irá desdobrar-se para trazer algumas questões e até mesmo reflexões sobre como a fé foi sendo desdobrada e hoje parece ser concebida pelo contexto neoliberal. Para isto, um dos primeiros pontos a se discorrer é a própria descentralização institucional como reflexo do protestantismo.

O que inicialmente parecia ser a lógica de uma libertação de crenças, ideias, política, educação e conhecimento, apenas apropriou-se da mesma lógica sistêmica da igreja mãe e distribuiu seu poder central para as mãos de muitos operadores, que por sua vez, organizaram instituições que passaram a criar um espaço competitivo por membros, e fiéis dizimistas, usando o proselitismo, e, adaptando seus discursos e crenças de acordo com a "vontade do cliente".

De acordo com Macarthur (2017), uma das principais diferenças entre a teologia católica e a teologia protestante, está na ideia de justificação, ou seja, enquanto a teologia católica acredita que apenas pela fé as ações são justificadas, e o indivíduo obtém a salvação, para teologia protestante essa justificação ocorre pela fé e pelas obras. Macarthur (2017) se dedica a um longo discurso filosófico de pontos que apenas parecem associar os objetivos centrais da formação da Igreja Inicial em Constantino, ou seja, manter o máximo de fiéis dizimistas que visam uma salvação.

Walter Benjamin, assim como Weber, apontam que o capitalismo se apropriou da mesma lógica, e foi nesse sistema protestante que instaurou o sistema econômico-religioso, onde os indivíduos devem diferenciar-se dos demais, inclusive, criando linhas de pensamentos religiosos que o acúmulo e riqueza seria decorrente de mérito de bênçãos e graças promovidas pelos céus.

Assim, uma sociedade que passou milhares de anos sob um discurso Demodê, esperando uma salvação e uma vida feliz pós-morte, apenas de conseguisse passar pelos testes divinos que a igreja implementar, agora se viu livre, e, não apenas fascinada pela possibilidade de ser feliz, mas também, de se beneficiar do máximo de conforto e bens. Concorda-se com Mo Sung (2021, p.7): "a fascinação tira a capacidade de refletir corretamente e a devoção sacrificial

destrói a capacidade do discernimento ético sobre o que é justo ou injusto, quem é vitimador, quem é vítima".

Para Coelho (2021) a ideia de consumir associada ao individualismo criou um campo de tensão, pois como resultante disparou-se o fetichismo individualista, produzindo na mercadoria um diferenciador social, e modulando os comportamentos e cenários. As questões éticas sobre as questões morais e éticas, perderam espaço para as questões legais.

Assim, se a ética e moral perdeu seu espaço para as leis, o discurso Demodê de Cristo criado pela igreja rendeu-se ao capital. Se antes o discurso de uma vida simples, amor ao próximo, e a salvação norteava as ações, buscas e esperanças da sociedade, agora elas passam a não andar juntas com as ambições sociais, e menos ainda com as questões individuais.

A máxima do discurso mantido de Cristo, e utilizado pela igreja: "Amar a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a ti mesmo" (Mateus 22:40), é por si só demodê dentro do sistema capitalista, já que retira da pauta a felicidade individual, e o sujeito do centro de tudo, e, distância a ideia de consumo imediato, colocando uma espécie de sujeito subjugado as vontades e ordens divinas em nome de um amor intangível, e que o empurra a pensar e refletir em outras pessoas, ou seja, na sociedade.

Agora o individualismo, o consumismo, o acúmulo de bens, a colocação social, parecem promover um ambiente mais atrativo do que o discurso anterior. E, contrapondo-se a essa dinâmica a fé reverte-se para colocar o sofredor e o pobre em um lugar de punição divina, que ao apresentar uma vida fracassada passa a ser julgado como pecador indigno, que não tem sucesso porque os céus lhe tiraram a capacidade de ser feliz e bem-sucedido.

É interessante observar que a mesma igreja que renega os ensinamentos judaicos, ou quaisquer outros livros que não lhe sirvam, utilizam-se dos próprios livros escritos por Judeus, organizados e adotados pelos cristãos como livros sagrados, emancipando-se no discurso do Velho Testamento dirigido ao povo de Israel para justificar a "retirada do discurso Demodê" de Cristo, realizando uma espécie de adaptação mercantil do mais apropriado dentro da lógica capitalista.

Embora todas as Instituições Religiosas possam ser observadas adotando esta lógica para manter seu proselitismo e o aumento constante de adeptos e fiéis, em algumas igrejas neopentecostais essa evidência ocorre de forma muito explícita. Uma das expressões mais fortes dessa afirmativa no Brasil é na observação da criação do "Templo de Salomão" pela

Igreja Universal do Reino de Deus. Nela, a proposta foi estabelecer um sentido de grandeza e recompensa para “aqueles que agradam a Deus”, mas não em uma vida porvir, mas como resultado direto de seus esforços para “agradar a Deus” agora.

Lembremos que um dos sinais de grandeza e soberania do Messias esperado pelos Judeus é justamente a construção do Terceiro Templo de Salomão. Encontra-se então o sentido semiótico da mercantilização na apropriação de elementos da fé judaica (SANTAELLA; DENDASCK; FERRARO, 2021).

Figura 1: Templo de Salomão

Fonte: Igreja Universal do Reino de Deus.

São nesses cultos também, a adoção de símbolos do judaísmo que passam a representar um novo discurso teológico, especialmente introduzindo pregações que remetem ao antigo testamento, afastando-se cada vez mais da filosofia “simplista e humilde” de Jesus.

Se fossemos fazer uma analogia com as reflexões de Marcião, seria possível dizer que o Deus filho do Novo Testamento, adotou a face então de Deus Pai do Velho Testamento. Porém, diferentemente de Marcião, aqui parece não haver reflexão filosófica, a teologia das

“novas igrejas” parece tão líquida e complexa, quanto a atual sociedade, como aludiu Baumann, causando uma desterritorialização no terreno da fé.

Concorda-se com Bourdieu (2009) que o sistema simbólico adotado pela religião dentro da subjetividade social, promove uma transmutação do *ethos* como esquemas de sistemas implícitos de ação, apresentando um novo conjunto de crença e moral que assume uma função ideológica, prática e política que passam a nortear a vida de seus adeptos. Assim, a teologia será conduzida, de acordo com os interesses daqueles que operam o discurso e fundamentam as Instituições, distanciando cada vez mais o discurso original de Jesus Cristo.

1.9 Jesus Cristo e seu discurso demodê

Se fossemos aprofundarmos na história do cristianismo para encontrar uma data específica para o momento em que o discurso comunicado por Cristo tenha se tornado Demodê e ultrapassado, talvez teríamos que adentrar em uma reflexão muito profunda e complexa, e chegaríamos fatidicamente à conclusão de que o discurso e a filosofia de Cristo acabaram por se tornar ultrapassada desde o momento que Constantino fundou a Igreja Católica Apostólica Romana. Essa afirmação se daria pelo simples fato de que ideias de igualdade, transformação interior, amor ao próximo, espiritualidade, generosidade, e outros atributos pacificadores não são capazes de manter o poder, tampouco, promover submissão ou sentimentos de culpas capazes de nortear a vida sociopolítica e econômica.

Branco (2021) aponta que os ensinos de Jesus evidenciam que a salvação da alma está ligada diretamente aos estados mentais, e de uma fé que deveria ser baseada na convicção estando muito mais ligada a lógica, e a busca da sabedoria. Ao contrário de uma fé passiva que não pode ser questionada, como defende a igreja posterior.

Karen Armstrong (2001, 2007) demonstra como a atuação justificada pela ideia de “Em nome de Deus” foi responsável por promover muitas atrocidades no decorrer da história da religião, desde o judaísmo, o islamismo e o cristianismo. Todas as religiões perpassam pela tentação do Poder Soberano, e, em nome de Deus, justificam quaisquer ações que possam trazer-lhes o domínio e o poder.

Desde a formação da Bíblia na escolha de seus cânones, milimetricamente calculados para que as mensagens fossem organizadas de forma a trazer uma série de sanção e domínio de

conduta moral, afastando quaisquer livros que pudessem ferir a imagem que estava sendo buscada pela Igreja (ARMSTRONG, 2007).

O próprio discurso de Jesus que conhecemos são aqueles que compõem o Novo Testamento, mesmo já sendo identificados outros escritos que apontam que o Jesus histórico tinha uma vida comum, que poderia ter se relacionado, e ainda, criticava a formação de igreja, como enfatizados nas descobertas em Nag Hammadi de 1945, a Igreja adiantou-se por refutar, e, talvez, até esconder registros que possam comprometer a imagem criada de um Cristo que na verdade era Deus e o distanciamento da figura divina, poderia significar o enfraquecimento da organização.

Os escritos descobertos trazem muitas informações que mais aproximam os discursos de Jesus aos ensinos cabalísticos do que ao que foi construído pela Igreja. No Evangelho de Filipe o apóstolo fala sobre os nomes dados para as coisas podem soar como transitórios ou semióticos já que as pessoas não são capazes de entender o significado real, aludindo sobre a importância da frequência correta para a compreensão dos níveis de conhecimento, assim como faz a Cabala (SCHOLEM, 2021).

Branco (2021) aponta ainda que os ensinos reais que Jesus deixou ditado diretamente aos seus discípulos, bem como para Maria Madalena, Marta, Salomé, sua mãe Maria, e aos demais discípulos envolvia a explicações claras e objetivas sobre assuntos que a igreja “em nome de Cristo” decidiu abolir como: ressurreição, emanações divinas, gematria, reencarnação da alma, dentre outros aspectos que o ligavam diretamente não apenas ao judaísmo, mas aos conhecimentos cabalísticos.

> Jesus deixa implícito o exemplo de seu povo, que teve ao longo dos séculos os mesmos ensinamentos profundos de natureza transformadora que Ele agora os ministrava. Porém, o povo ignorou a lição espiritual das reiteradas mensagens de seus profetas e se apegou a uma interpretação literal e material de algumas partes de suas escrituras, principalmente da Lei Mosaica, insistindo na observância de preceitos exteriores, transformados em virtuais dogmas. Infelizmente o temor de Jesus era justificado. Os herdeiros de seu ministério repetiram a história do triste de sofrido povo judeu entronizando a letra de sua mensagem e esquecendo do seu espírito. O resultado é conhecido: a obediência cega à Lei foi substituída pela fé cega em dogmas, na interpretação necessária da igreja (fora da igreja não há salvação), e na participação de rituais externos com um concomitante alheamento da verdadeira busca espiritual partindo dos ensinos transformadores com os quais Jesus veio renovar a tradição judaica (BRANCO, 2021, p. 47).

De maneira prática, observa-se que o discurso de Cristo na verdade nunca foi apropriado em toda sua essência, tampouco parece ter sido compreendido, mas foi criado e manipulado de forma que esse discurso nasceu primeiramente Demodê desde o Primeiro Concílio realizado em Nicéia em 325, a Igreja Católica Apostólica Romana, e posteriormente o Protestantismo, souberam muito bem utilizar-se das ideias de amor, paz, graça divina, culpa, dualismo, dentre outros elementos encontrados no possível discurso do Cristo Histórico, para promover uma teologia que abarcasse a estruturação de diversas organizações de poder.

O discurso inicial criado, especialmente sustentado pela Teologia Dogmática que empurrou a história ocidental para uma espécie de alienação e negacionismo, enquanto a Igreja se emancipava como um poder absoluto.

No entanto, toda ação tem um efeito, o ponto central, é, que a teologia não fundamentada com uma base sólida, não conseguirá acompanhar o capitalismo, que como Weber (2020) muito bem apontou, também nasceu pela ânsia de poder e conforto resguardado sob a teia das ideias da teologia protestante, que precisou adequar sua compreensão exegética para defender seus desejos e ações.

Mesmo adotando um discurso de paz, amor, caridade, a Igreja atuando sempre de forma inversa, assim como os fariseus, usou a ação contrária para promover a ideia de fé cega, enquanto seus operadores viviam com toda espécie de regalias e poder. A mesma lógica que foi adotada pelo capitalismo, ou seja, maximizar a acumulação de capital (bens) e lucro, à custa de quaisquer circunstâncias (COELHO, 2021).

Concorda-se com Coelho (2021) que talvez um dos grandes contributos para a mercantilização da fé esteja associado a criação de um discurso de pseudo separação entre economia e religião, alegando que a fé deveria ocupar um campo apenas relacionado a vida privada e que a vida social, principalmente nas discussões acadêmicas estariam voltadas a outros espaços e olhares. No entanto, o que se deixou de considerar foi a importância que a instituição religiosa e consequentemente o pensamento religioso tem na formação neuro cognitiva dos seres humanos, portanto, influenciam diretamente sua forma de pensar e se relacionar consigo mesmo e com o mundo (PAPAGLIA; FELDMAN, 2013).

A secularização, associada a modernidade e a busca pelo deslocamento ideológico, ocasionou uma espécie de desterritorialização de aspectos centrais neuro cognitivos que foram ocupados por outros elementos, que foram norteados sobretudo pelas crenças no capital, sob a

égide de uma filosofia e economia que tinham outros interesses, e, que se apropriaram da ideia coletiva e, ao mesmo tempo individualista.

Além disso, não devemos deixar de considerar o elemento obscuro de uma racionalização científica, que ao mesmo tempo em que busca na ciência a verdade absoluta, também, encontra-se no mito, a expectativa do preenchimento do vazio e desencantamento da igreja que proporciona a explicação de Deus e do universo através de uma teologia tão fantasmagórica quanto os mitos.

Asmann (1976) apontou com grande avidez os problemas da teologia cristã, que na modernidade apropriou-se de uma inversão dos temas mais profundos e basilares dos discursos de Cristo que foram por muitos anos elementos centrais da fé. No entanto, ao contrário de Asmman, nossa pesquisa demonstra que a problemática teológica cristã já teria ocorrido deste a unificação da idéia cristã e apropriação de parte dos discursos de Cristo, que pautou neste momento uma Teologia Líquida, que estaria fadada a não se sustentar na medida em que a ciência e sociedade se emancipam. A apropriação da fé contemporânea, apenas desembocou nas trocas de fatores alienantes, passando de uma fé cega em uma instituição, para a capitalização da fé. A figura da igreja como deus inquestionável, e detentor de todo poder e verdade, transformou-se no deus mercado, que direciona os seres humanos adaptando seu direcionamento dos interesses individuais, porém, subvertendo-os da mesma forma.

Deve-se aludir que esta evidenciação não é recente, na década de 1920, um dos grandes pensadores da academia de Frankfurt, Walter Benjamin, publicou uma série de discussões que enfatizava o capitalismo como religião, e, ainda apontando que este fenômeno levaria a sociedade a “casa do desespero” (BENJAMIN, 1921/2013). Talvez agora tenhamos chegado ao ápice do que Benjamin apontava, uma vez que a religião cristã afastou-se totalmente de quaisquer bases territoriais que um dia estiveram, ou, acharam que estivessem alicerçadas.

Assim, o discurso de Jesus Cristo que conhecemos, especialmente aqueles que advinham da necessidade de preparação para recompensa pós-vida, a necessidade de ser humilde, a riqueza como contraditória e veículo que atua como distanciador da salvação, ou ainda, o não julgamento e tolerância ao próximo, não condiz com os interesses daqueles que operam o Poder. Tampouco, das bases de uma sociedade neoliberal, ou seja, JESUS VIROU DEMODÊ!

CAP. 2 – A TEOLOGIA LÍQUIDA E A BUSCA POR RETERRITORIALIZAÇÃO DA FÉ POR MEIO DA CABALA

A fundamentação e compreensão de uma teologia que possa sustentar uma fé sempre foi um problema na história. Até mesmo porque, tal sustentação seria realizada a partir do momento em que todos os indivíduos de um determinado grupo possam concordar entre si. Porém, seres humanos possuem bases de pensamentos e compreensões diferenciadas, e fazer com que todos concordem é praticamente impossível.

Assim, quando os estabelecimentos de regras ocorrem, e isso inclui a dogmática teológica, especialmente a cristã, as diretrizes estabelecidas se dão a partir dos operadores do Poder.

Armstrong (2007) ressalta que o sucesso da teologia sempre esteve baseado na busca incessante do ser humano em encontrar razão e sentido para sua existência. No entanto, já no Judaísmo, mesmo com a responsabilidade sendo direcionada aos Levitas, houve inúmeras discussões, e até mesmo, a criação de Códices que pudessem contribuir com a Torá.

Talvez, o sucesso da Teologia Cristã, especialmente a Católica Apostólica Romana ter sobrevivido mais de dois mil anos, seja explicado pelo fato de como esta organização não apenas impetrou e modulou todas as áreas da sociedade, mas também, por suas guerras e inquisições que puniam, até mesmo com a morte, quaisquer indivíduos que renegaram sua composição teológica. A literatura é controversa com relação a definir quanto tempo durou a inquisição, mas de fato, desde que Constantino declarou sua conversão ao cristianismo, quaisquer pensamentos que se opusessem às suas concepções eram efetivamente punidos, e, seus sucessores continuaram a executar o mesmo pensamento.

Por outro lado, mesmo que ainda sejam identificados arranjos de Poder embasados pela utilização destes textos, Friedman (2021, p.31) muito bem pontuou que tanto a Bíblia Hebraica, quanto o Novo Testamento, mostram uma profunda “consciência das tentações e dos perigos associado ao fato das pessoas cuidarem apenas de si mesmas, sem se importar com os outros”. Porém, de uma forma dicotômica, e, inicialmente controversa, a partir do séc. VII, textos judaicos, do Oriente Médio, e de filosofias clássicas como os estóicos e epicuristas, passaram a ser revisitados, e uma concepção de uma moral centrada no indivíduo começa a impetrar, e de certa forma, desvirtuar aquela percepção inicial.

Faz-se necessário estabelecer um parênteses nesta discussão para esclarecer que o problema desde o cerne da sociedade não esteve, e tampouco está centrado nos textos e escritos deixados por religiosos, filósofos ou cientistas, mas sim, na apropriação que o ser humano faz destes textos, já que se por um lado as heranças judaicas e cristãs tratam o problema do "pensar apenas em si mesmo" como sendo pressuposto para consequências amargas; os textos depois do século VII, deveriam realizar uma composição, já que a forma que eles trazem o processo do pensar e olhar para si mesmo está associado a uma busca pelo aprimoramento pessoal, que fosse capaz de superar as debilidades acionárias do pensar no outro a partir de pressupostos próprios, mas sim, que deveria haver uma retratação moral pessoal individual, e apenas a partir de então, o outro.

Friedman (2021) aponta que os textos de grandes pensadores que inicialmente pareciam ser libertários, como João Calvino, Adam Smith e Arminius, nada mais trouxeram do que discussões em cima de um fundamentalismo que encabeçavam novos movimentos, organizações, e novamente guerras que tinham como objetivo a disputa pelo poder, expansão de territórios e riquezas.

Porém, mesmo com todos esses percalços, idas e vindas do mundo ocidental, a teologia cristã parecia ter uma base tão sólida que era "praticamente impossível sair de sua égide". No entanto, a colonização dos Estados Unidos, e suas contradições ideológicas, especialmente pautada por protestantes, trouxe o início da evidenciação de uma teologia líquida, especialmente decorrentes das intensas disputas em torno do pensamento religioso que ocorriam na Inglaterra e na Escócia.

De acordo com Friedman (2021, p. 170) as discussões ocorriam em torno das ideias Calvinistas de predestinação e depravação que influenciaram diversos movimentos puritanos, ortodoxos e liberais. Um exemplo claro desta influência foi a colonização da Baía de Massachusetts, estabelecida em 1630 e povoada por calvinistas ortodoxos, sem nenhuma presença de católico romano ou anglicano.

Mesmo sem a presença do catolicismo as práticas inquisitórias, e, conversão forçada foram adotadas pelos protestantes americanos. Um dos maiores exemplos históricos pode ser observado em 1699, quando puritanos da cidade de Salem executaram 20 mulheres acusando-as de bruxaria. Além disso, a própria Harvard tinha em seu corpo docente, e direção a presença de muitos líderes religiosos (FRIEDMAN, 2021).

Ao contrário do que se pensava, o fundamentalismo tornou-se uma espécie de predestinação de como viria a ser a apropriação da religião, especialmente na esfera simbólica, relativizada aos interesses e direcionamentos políticos e socioculturais que se desdobraria especialmente após o séc. XVIII (EAGLETON, 2018).

De acordo com Eagleton (2018) a primeira crise teológica já teria sido observada em 1740, momento em que o Iluminismo não conseguiu uma conciliar as premissas das ciências que agora pareciam emergir em torno da busca pela razão, causando uma espécie de colapso:

> [...] o aparente colapso de todas as tentativas de forjar uma nova síntese geral de teologia, filosofia, política e ciência que desestabilizou os valores e crenças religiosos, provocando a crise absolutamente inédita da fé que impulsionou a secularização do Ocidente Moderno (EAGLETON, 2018 p. 5).

De forma dicotômica, o iluminismo buscava construir uma moralidade em bases racionais, porém, tudo que o ocidente conhecia de moralidade estava associado às questões teológicas, religiosas e dogmáticas (EAGLETON, 2018).

No entanto, assim como em outros momentos da história, o pensamento religioso cristão não sucumbiu, muito pelo contrário, apenas buscou criar novas raízes e alicerces que pudessem sustentar um certo individualismo. O movimento iniciado por John Wesley em torno de 1730, influenciado por Armínio, culminou no movimento metodista que daria então um havido posicionamento contrário a ideia de predestinação divina, para ocupar-se da “graça gratuita” alcançada através de Cristo, que teria escolhido os seus.

A formação desse novo pensamento teológico, teve como base a ideia de que os homens não deveriam simplesmente aceitar seus destinos, mas sim, serem responsáveis por resolver seus problemas, e viver da melhor forma possível, já que como eleitos de Deus, eram merecedores de qualquer “graça soberana” (FRIEDMAN, 2021).

Nos apropriando dos ensinamentos de Weber, é possível aludir que o "espírito do capitalismo” foi construído dentro de concepções teológicas que emergiram especialmente dentro da mentalidade protestante americana (WEBER, 2020, p.40).

O Iluminismo em busca de uma nova organização socioeconômica acabou travando uma disputa com a igreja, especialmente dedicando-se ao estudo comparativo entre as religiões. O objetivo central não era derrubar o Ser Supremo, mas sim, substituir uma versão ignorante

da fé religiosa (EAGLETON, 2018). Essa busca culminou em uma busca desenfreada e sedenta por outras formas de civilizações e religiões que pudessem explicar, ou, trazer uma melhor forma de organização da fé.

Muitos fluxos de pensamentos e correntes teológicas foram traçadas, dividiram-se diversas formas de protestantismos e catolicismos que foram sendo apropriados de acordo com os interesses e posicionamentos de líderes religiosos. Na formação destas correntes no espaço que viria a se tornar os Estados Unidos[24], essas disputas e correntes foram ocupando as Universidades e Colégios, especialmente por meio de seus líderes, como por exemplo Jonathan Edwards, um teólogo influente, defensor da ideia de reavivamento, ocupou diversas posições de docência e liderança na Universidade de Yale, em Connecticut, Colégio de Nova Jersey, dentre outras instituições de educação que até hoje são representativas, e que tiveram suas respectivas bases dentro das diversas mentalidades e movimentos protestantes (FRIEDMAN, 2021).

Segundo Holifield (2003), a teologia de Edwards se manteve em conformidade com o escolasticismo protestante, que por sua vez, baseava-se nos modelos discursivos e textos da igreja católica clássica. Pouco tempo depois, mais um pensamento teológico iria influenciar as bases da crença protestante, o da teologia natural, que ganha prestígio especialmente por parte da elite intelectual americana.

De acordo com Friedman (2021), um dos maiores nomes deste pensamento teológico foi Charles Chauncy, cujo seu bisavô foi um dos primeiros presidentes de Harvard, era opositor ao movimento de reavivamento proposto por Edwards, mas, buscava estabelecer a fé dentro de uma razão, já que o racionalismo despontava com sede em aproximar a ciência da fé, ou, trazer uma fé racional, especialmente para os intelectuais.

Chauncy, defende que Deus prima pela felicidade dos humanos, e, que portanto, Deus criou os minerais, plantas e demais belezas naturais para sustentar não só a existência humana, mas uma existência feliz e bela. Assim, a vida religiosa estaria ligada à benevolência divina, como recompensa a felicidade seria natural (BELLACK, 2023). Talvez possamos mencionar

[24] Para melhor compreensão do contexto atual adotou-se o contexto que viria a se tornar os Estados Unidos já como sendo estabelecido. No entanto, relembra-se que oficialmente os Estados Unidos será oficializado apenas em 4 de julho de 1776, majoritariamente por ingleses que teriam se emancipado por colônias protestantes que divergiam do sistema político e religioso da Inglaterra, e, que inicialmente formaram o movimento Nova Inglaterra (ARMSTRONG, 2007).

essas ideias como pressupostos do que séculos mais tarde sustentaria alguns movimentos teológicos, sendo o mais expressivo, o da teologia da prosperidade.

No entanto, as discussões teológicas e vertentes dos diversos pensamentos que culminaram no protestantismo americano não cessou dentro deste pensamento, muito pelo contrário, já na primeira metade do séc. XIX, Joseph Emerson, um ministro congregacional de Massachusetts, escreveu uma obra[25] enfatizando um pensamento teológico pós milênio, ressaltando uma visão progressista que já se havia consolidado tanto nas universidades, na elite intelectual que enxergaram nesta vertente um discurso emancipatório, quanto por diversos líderes e ministros religiosos.

De acordo com Friedman (2021) a teologia de Emerson sustentava que embora Deus seja capaz de mudar a terra, Ele faz uso dos humanos para que o progresso ocorra, e que, os indivíduos que trabalham e oram para o avanço da terra são abençoados por Deus. Esta ideia também esteve presente no discurso de William Cogswell, secretário da Sociedade de Educação Americana em 1835. E ainda, em muitos outros, culminando como resposta a criação de um Evangelho Social, que encabeçaria os movimentos anti-escravagistas que influenciaram todo o ocidente.

Na segunda metade do séc. XIX, um importante líder deste movimento, também clérigo protestante, Josiah Strong, escreveu: "Está totalmente nas mãos dos cristãos dos Estados Unidos, durante os próximos quinze ou vinte anos, acelerar ou retardar a vinda do reino de Cristo ao mundo por centenas e talvez milhares de anos" (FRIEDMAN, 2021, p. 211 – tradução livre).

Mais tarde, em 1893 quando os Estados Unidos realizou uma Feira Internacional na Casa Branca para apresentar algumas tecnologias que mudariam o curso da Humanidade, incluindo o telefone, que fez com que o mundo presenciou pela primeira vez uma chamada a distância, reunindo representantes de 46 países, e mais de 26 milhões de pessoas visitando, Strong manifestou: "A ciência, que é uma revelação das leis e métodos de Deus, nos permite cair em Seus planos intencionalmente e cooperar com Ele de forma inteligente para o aperfeiçoamento da humanidade, acelerando assim, a vinda do Reino (FRIEDMAN, 2021. p. 213-tradução livre).

[25] O nome original da obra:" *The wonderful and amazing events that will the Millennium will be principally effected by human instrumentally*". Tradução livre: Os eventos maravilhosos e surpreendentes que introduzirão o Milênio serão principalmente efetuados pela instrumentalidade humana.

O discurso teológico de que caberia aos cristãos, de forma individual, o progresso da humanidade para que a segunda vinda de Cristo fosse abreviada tomou força em todos os campos da sociedade americana, ou seja, para que se estabelecesse uma terra igualitária e justa, como escrito nos livros de Daniel, Isaías e no Novo Testamento, seria necessário que os cristãos americanos direcionassem todos seus esforços em busca do progresso. Neste momento surgem muitos discursos, pregações, ideias, e frases que vão compor não apenas a mentalidade e identidade dos Estados Unidos até os dias atuais, mas principalmente, estabelecer as bases do capitalismo, como bem aludiu Weber, ao mesmo tempo em que distanciaram quaisquer possibilidades de unicidade teológica e abriram os caminhos para construção de um capitalismo como religião.

O discurso da teologia pós-milênio acabou por assumir uma identidade simbólica, em vários outros momentos como, durante a Primeira Guerra Mundial, "A Guerra para Acabar com Todas as Guerras"; ou ainda "Deus abençoe a América" usada na maioria dos discursos presidenciais nos EUA.

De forma dicotômica, enquanto os Estados Unidos assumem uma postura modernista, voltada a tecnologia e ao futuro, aderindo uma nova teologia onde o desenvolvimento humano em torno da tecnologia, como forma de aproximar a vinda de Cristo, como bem propôs James Freeman. Na Europa, especialmente na Inglaterra, inicia-se um largo financiamento e interesse por parte de intelectuais para as buscas arqueológicas, especialmente em busca de vestígios das civilizações da crescente fértil, pois uma grande parte de iluministas acreditavam que dali poderiam encontrar elementos para uma nova e moderna ideia de religião.

Não é à toa que surgem neste período, especialmente com apoio de instituições como o Museu Britânico, Empresas Privadas como o "*The Daily Telegraph*[26]" e das Universidades, expedições que culminam em inúmeros achados arqueológicos, abrindo espaço para muitos estudiosos interessados em escritas cuneiformes, hieróglifos, e outras tecnologias (inclusive misticismo), talvez como uma tentativa de encontrar nas raízes antigas, não apenas respostas para a Humanidade com relação a sua gênese, mas especialmente, por explicações de tecnologias utilizadas por sociedades antigas, que ainda não teriam sido descobertas e teriam potencial tecnológico.

[26] Jornal Britânico Fundado em 1855 por Colonel Arthur Burroughs Sleigh – Oficial do Exército Britânico Nascido no Canadá.

Porém, estas intensas buscas não tiveram muito impacto, pelo menos até o presente momento, na concepção e adoção dos vários discursos e pensamentos teológicos do ocidente. Mesmo as descobertas das tábuas mesopotâmicas evidenciando o compartilhamento de elementos da compreensão sobre a gêneses de diversos povos, incluindo os israelitas, evidenciações do dilúvio, ou ainda, contato com seres extraterrestres, os quais foram apropriados no cristianismo como sendo anjos ou santos, não foram capazes de adentrar nas discussões e apropriações da teologia cristã, que, como já demonstramos foi instaurada dentro de uma concepção abstrata e de uma fé cega.

Hans Jonas (2003) aponta que o processo da teologia cristã foi concretizado em uma dicotomia entre a busca por uma base de sustentação de uma fé-religiosa é uma abstração, que teve como objetivo maior agradar uma classe, cultura, ou ainda, interesses para manutenção de um poder, do que qualquer tipo de lógica, negando inclusive, as origens e influências do próprio Cristo.

Como bem aponta Armstrong (2021) usar o nome de Deus, em seres que naturalmente possuem uma busca pelo Sagrado e uma consciência coletiva de alguma espécie de ligação cósmica, foi uma estratégia que se demonstrou certeira na história da humanidade, permitindo que quaisquer ações requeridas fossem justificáveis por um "bem maior", ou ainda, fossem chanceladas como permitidas e benéficas.

Concorda-se com Eagleton (2018, p. 9) de que "a religião sempre foi uma das maneiras mais eficazes de explicar a soberania política" para sustentar sua atuação, a criação de uma teologia que direcionasse os caminhos que deveriam ser seguidos pela população, que seria imputada "em nome de Deus", seria (e assim foi) uma estratégia quase irrefutável para promoção desta soberania.

Assim, o mundo Pós-Deus, estaria agora colhendo os frutos da Teologia Abstrata, que incorporou uma liquidez tão fina, quase evaporada, tão subjetiva que é incapaz de ser sustentada até mesmo pelos que se posicionam como adeptos dela, como será demonstrado na sequência.

2.1 A Teologia líquida cristã e o vazio de um mundo Pós-Deus

Como já demonstrado anteriormente, o pensamento teológico cristão foi sendo construído a partir de um discurso abstrato, que tinha como pano de fundo o objetivo de criar

mecanismos simbólicos usando o nome de Deus para manipulação da massa (ARMSTRONG, 2007). Porém, como todo poder instaurado, a Igreja também encontrou opositores que uniram-se na perspectiva de descentralizar o poder, culminando na Reforma Protestante de 1517.

A Reforma Protestante rapidamente ganhou muitos adeptos e pensamentos que encabeçaram guerras entre o poder que estava sendo construído e o poder anteriormente instaurado. No entanto, mesmo com inúmeros apontamentos, a teologia protestante não afastou-se muito da teologia católica.

Segundo MacArthur (2017) a maior diferença entre a teologia católica e protestante está na compreensão da Graça de Deus e sua Justificação pela fé e obras. Enquanto no pensamento católico se compreende que desde que o indivíduo frequente a Igreja, pague seu dízimo, ofertas e confesse seus pecados, já estaria salvo e justificado pela graça de Deus. O pensamento protestante defende a vida como ato de devoção e fé, sendo necessário seguir as leis divinas.

Ao contrário do que muitos acreditam, a teologia protestante não se afastou quase nada da teologia católica, e ainda trouxe alguns elementos muito mais rígidos para a vida diária. As 95 teses defendidas por Lutero não tiveram como objetivo distanciar-se da teologia e história da igreja católica, tampouco adotou outra base ou livro, mas apenas, posicionar-se contra o poder centrado em um único homem (papa), e em uma instituição, alegando que Cristo já teria advertido sobre o perigo da idolatria. Assim, o individualismo da fé deveria se sobrepor a qualquer homem terreno (Anexo 1).

Assim, o pensamento protestante trouxe ao indivíduo a responsabilidade de uma vida cristã, o que impulsionou muitas correntes puritanas e movimentos reformistas ortodoxos que passaram a apontar o catolicismo como impuro e idólatra. Colônias protestantes logo se espalharam por toda a Europa. Na Inglaterra a coroa adotou o movimento anglicano, que apesar de se posicionar contra alguns aspectos da Igreja Católica Apostólica Romana, reconheceu sua soberania. Uma estratégia muito eficaz do governo na tentativa de reconciliar o pensamento da massa com a Igreja mãe, ao mesmo tempo que se aproximava das ideias protestantes. Porém, ainda na perspectiva de manter a centralização da fé.

Noss e Grangaard (2023) apontam que esta iniciativa não foi bem-vista por muitos grupos protestante fundamentalistas que passaram a se organizar em Colônias para construir uma “Nova Inglaterra”. 13 dessas Colônias foram responsáveis pela formação dos EUA. Friedman (2021) aponta que o fundamentalismo, ortodoxismo e o puritanismo eram tão fortes

nestas colônias que todo o pensamento era centralizado nas discussões da moral cristã e da vida devota para santificação individual, o que seria responsável por abreviar a vinda de Cristo.

Mais uma vez ressalta-se que esse pensamento não buscou instaurar qualquer teologia, muito pelo contrário, trazia discussões exclusivamente dos aspectos práticos da vida. Segundo Weber (2020) nesse momento o individualismo, a centralização familiar, a convivência e obrigação com os mais velhos e a nacionalização (terra sagrada), e ainda, o discurso do desenvolvimento humano e tecnológico trariam bases sólidas ao capitalismo.

Assim, a mentalidade dos Estados Unidos são reverberações e dicotomias de um fenômeno religioso que se baseou muito mais em estratégia descentralização de poder do que em uma reconstrução teológica que influenciou diretamente a construção de um capitalismo que mais uma vez se mostrou como uma estratégia de dominação e poder absoluto. Porém, diferentemente da Igreja Católica que usou o discurso religioso buscando uma unificação de poder apenas em uma instituição mãe, o protestantismo americano adotou a estratégia de centralizar todas as espécies de discursos teológicos em uma nação, sendo implementado o nacionalismo.

Porém, como a história já evidenciava, o discurso "em nome de Deus" era um dos mais potentes, e uma nação não poderia ocupar esse espaço, apenas se fosse Deus que tivesse ordenado. A estratégia então foi criar e sustentar nos diversos discursos teológicos, a ideia de uma raça superior, representante de Deus na terra, responsável por desenvolver a raça humana, tendo como mérito abreviar a vinda de Cristo (FRIEDMAN, 2021).

Como já demonstrado anteriormente, os discursos teológicos que se sucederam foram incorporando esses pensamentos aos poucos, engendrando-se de uma maneira muito peculiar e subjetiva na sociedade, criando arquétipos que aos poucos foram se afastando da teologia para incorporar o capitalismo e a ciência.

Já na década de 1920, Walter Benjamin (2013) teceu inúmeras críticas à civilização burguesa moderna, especialmente alertando sobre os possíveis prejuízos de suas construções e desconstruções ideológicas, e nos perigos que a adoção de tecnologias e inovações sem medida poderiam causar a sociedade.

Friedman (2021) aponta a dicotomia que emergiu nas numerosas sociedades religiosas que no século XIX defendiam o fundamentalismo e a prática diária do puritanismo e ortodoxia, e que no século XX passaram a adotar uma teologia social, defendendo a inclusão e liberdade

individual, incluindo diversos discursos das ideias capitalistas na fé, especialmente colocando a fé como mais um objeto de consumo.

O contemporâneo Habermas (2014) aponta que a ideologia pós-moderna apropriou-se da técnica e da ciência, no entanto, sem se desfazer das instituições ideológicas que moldaram sua realidade e vida sociocultural e econômica.

Na falta de argumentos para sustentar uma teologia líquida, que parecia brigar com os interesses desenvolvimentistas adotou-se a ideia de secularização, e agora, o discurso teológico religioso não deveriam entrar no Estado, na política, na ciência, ou em quaisquer outros aspectos da vida que não sejam de esfera privada. Habermas (2014b) aponta que as discussões sobre conhecimento sempre estiveram pautadas em interesses específicos, e, que desta vez, o capitalismo e o domínio americano que vinha sendo constituído não tinham como interesse quaisquer aproximação com a teologia.

Peter Sloterdijk (2019) ao escrever "Pós-Deus" realizou uma profunda discussão sobre o fracasso tanto das organizações religiosas, especialmente as cristãs em estabelecer sua teologia limitada ao dualismo, a culpa e a falta de explicações claras para o mundo que desenhou.

Talvez, agora estejamos evidenciando o que Habermas (2015) apontou como sendo "a nova obscuridade", resultado de um discurso ideológico de evolução, desenvolvimento, bem-estar social através da economia, acúmulo de bens, inovação tecnológica e desenvolvimento humano, ideais que mesmo de início se mostrando utópicos, foram sendo engendrados na subjetividade da mentalidade social.

Segundo Habermas (2010), nos primeiros passos da implementação do capitalismo através da construção de uma mentalidade que o ser humano deveria se desenvolver a qualquer custo, e ainda, que esse desenvolvimento seria através do capital e da tecnologia, mesmo sendo baseada em teologias que preconizavam esses elementos como parte do plano de Deus, já era possível compreender que alguns conflitos se desdobraram entre os poderes da fé e da ciência.

Talvez Habermas tenha conseguido enxergar, sem deixar tão claro quanto Walter Benjamin, os problemas que as lacunas de uma teologia abstrata deixavam, sem inúmeras explicações que o desenvolvimento da ciência se propôs a resolver.

Enquanto a ciência e a técnica ganharam ritmos acelerados depois do século XX, os teólogos buscaram adequar seus discursos teológicos dentro da apropriação da sociedade, ou

ainda, dentro das concepções mercadológicas do consumo. Assim, as religiões e, as respectivas teologias, passaram a atuar dentro de um "*modus operandi*" direcionados pelo mercado. Se, como Bauman (2008) muito bem aludiu, às próprias pessoas foram transformadas em mercadorias, dentro de subjetividades e fetichismos, o discurso teológico foi esvaindo-se, e agora nos resta compreender os danos colaterais.

A teologia sucumbiu ao mercado desde o início, mesmo o discurso racionalista kantiano que a princípio parece estar inclinado a resolver este dualismo, acabou por limitar-se nas discussões filosóficas.

Dentro deste campo árido, a saída encontrada pela maioria dos intelectuais e operadores do poder, foi promover uma separação entre os assuntos de religião, da ciência e do Estado, fazendo valer as estratégias positivistas. Ou seja, caberia a religião ficar restrita apenas ao plano privado, sem adentrar em quaisquer discussões científicas, legais ou políticas (HABERMAS, 2010). Caberia então à ciência conseguir compreender técnicas e teorias para desenvolvimento humano, inclusive, o desenvolvimento moral, que poderia contar com o aporte da filosofia, porém, desde que conseguisse cunhar certa distância da religião.

Assim, já na primeira metade do século XX teorias comportamentais, bem como, investigações sobre a mente humana começaram a surgir, desde o reconhecimento do funcionamento fisiológico, desenvolvimento neurocognitivo, teorias psicológicas, psicanalíticas, ou identitárias (TEIXEIRA 2000), dentre muitas outras que pudessem preencher as lacunas deixadas pela desterritorialização do campo da fé.

Dentro deste contexto, Habermas (2010, p.138) considera que: [...] os modos religiosos de pensar e as formas de vida religiosas são substituídas por equivalente razoáveis, em todo caso superiores [...] acabando assim, por desenvolver uma dualidade, que Habermas aponta como sendo "uma espécie de jogo de soma nula.

De maneira controversa a fé secularizada promove um campo rígido e polarizado, entre aqueles que defendem a inexistência de Deus, e, aqueles que apoiam-se no fundamentalismo religioso (HABERMAS, 2010; EAGLETON, 2018; SLOTERDIJK, 2019).

Como toda subjetividade e liquidez que envolvem a sociedade contemporânea, a teologia cristã não deixou de ser afetada, até mesmo porque, como já foi demonstrado no decorrer deste estudo, suas bases nunca foram sólidas.

De acordo com Sloterdijk (2019, p. 55): “Na modernidade, a religião está sob o signo da vulnerabilidade perante a observação por não membros”, isso impulsiona não só a angústia individual em encontrar um lugar, um porto, mas também, na reticência em aceitar a teologia de confronta o tempo inteiro com aquilo que já é cientificamente comprovado, ou ainda, com os novos arranjos e movimentos sociais.

A realidade das instituições religiosas, especialmente nos países centrais da modernidade, como Europa e Estados Unidos, se torna cada vez mais incertas, modulando seu comportamento e sua teologia de acordo com a necessidade urgente de sua clientela, que por sua vez, inclinam-se cada vez mais ao processo de individualização (SLOTERDIJK, 2019).

Além disso, as compreensões e consciências das amarras e problemas causados pelas Instituições Religiosas na história, tem impulsionado um grande grupo de pessoas a adotarem um movimento de pessoas que se chamam de desigrejados,

Bilhalva (2020, p.15) esclarece que:

> O fenômeno dos desigrejados surge com a interpretação de que toda estrutura religiosa apresenta-se como “instituição desnecessária”, defendendo que a fé cristã pode ser exercida desvinculada da comunhão da igreja. Estas ideias vêm sendo veiculadas através de livros, palestras e mídia, tornando-se um movimento crescente a cada dia. Esta descentralização de uma Igreja, professando uma forma de fé para além da instituição, é um novo entendimento religioso, que, apesar de complexo e difícil, exige estudo para entender sua motivação e extensão.

De acordo com a pesquisa Datafolha realizada em 2022, o percentual de pessoas que se autodenominam como desigrejados no Brasil está em 14%, sendo que na faixa etária entre 16 a 24 anos, esse número representa 25% (GUIMARÃES, 2022).

No entanto, a necessidade de base para razão de sua existência, ainda são elementos essenciais aos seres humanos, que por sua vez, precisam enveredar-se em busca de recursos novos capazes de atender nossos anseios, substituindo então a teologia cristã pela palavra religiosidade (SLOTERDIJK, 2019).

Enquanto as igrejas iam adotando essa forma de Teologia que mantinha os indivíduos de certa forma limitados dentro de suas explicações, a ciência evoluiu rapidamente. Porém, por muito tempo o acesso às informações e comunicações estavam restritos às bibliotecas,

Instituições de Ensino Superior e a determinados círculos filosóficos. Os indivíduos, portanto, salvo fosse orientado, não encontravam subsídios argumentativos contra as teologias que lhes eram apresentadas.

Por outro lado, o mundo pós-moderno se viu empurrado a buscar a verdade absoluta, porém, adotando a dicotomia sob a argumentação da ciência, de que a verdade absoluta pode ser passageira, ou seja, não interessa compreender ou buscar uma verdade final, já que isso parece não existir, poder-se-á aceitar verdades passageiras, que saciavam as necessidades individuais da satisfação do saber, pois estariam estas verdades influenciadas pelas diversas subjetividades (SANTAELLA, 2019).

No entanto, após a massificação do acesso à internet e as mídias digitais, especialmente após os anos 2000, as discussões teológicas ganharam um certo reforço, já que essa difusão criou espaços de "aceleração e otimização de relações entre grupos de afinidades" (BASTOS, 2014, p.28). Assim, quaisquer críticas ou objeções podem ser realizadas sem que necessariamente o indivíduo tenha que passar pela dificuldade ou constrangimento de debater suas ideias em seu ambiente, incorrendo o risco de ser deixado de lado nas relações pessoais.

Assim, mais uma vez as redes sociais vão se apresentar como um campo fértil na aproximação de indivíduos que compactuam com determinadas ideias que possam servir como base de explicação e compreensão da tal religiosidade.

Por outro lado, a teologia cristã evidenciando sua liquidez na incorporação do capitalismo, e elementos judaicos que mostraram a supremacia do povo judeu, desvelou uma das grandes falhas da concepção do cristianismo, ou seja, o fato de Jesus Cristo não só ter sido judeu, e ainda um Rabino (Mestre), mas também, de seu discurso ser pautado dentro dos conhecimentos e críticas judaicas, e ainda, de que haveriam bases neste conhecimento que poderiam reterritorializar as mentes inquietas dos cristãos que perceberam ter apenas uma teologia líquida.

2.2 Breves considerações sobre a religiosidade brasileira e as reverberações da teologia líquida

Se na Europa e nos Estados Unidos a religiosidade e as discussões teológicas foram centralizadas na Teologia Católica, e depois no movimento protestante. No Brasil, a liquidez teológica ganha um certo tom especial desde sua colonização.

Cabe salientar que o desenvolvimento breve sobre a religiosidade no Brasil se faz importante para demonstrar suas respectivas particularidades e complexas relações, especialmente quanto afetam e interagem diretamente as estruturas e mudanças sociais (SOUZA; MARTINO, 2004).

De acordo com Pereira (2012) quaisquer movimentos religiosos que tenham chegado, ou que cheguem ao Brasil perdem sua natureza original uma vez que são afetados por toda a hibridização e da mentalidade brasileira construída concomitantemente com sua própria história.

Laraia (2012) aponta que assim que os católicos chegaram ao Brasil junto aos portugueses foram afetados diretamente pelas religiões indígenas. A obrigatoriedade da conversão ao cristianismo desde o início se mostrou aderida parcialmente, impulsionando movimentos católicos bem específicos com adoção de práticas indígenas, como por exemplo, rituais com uso da Ayahuasca.

Com a vinda dos escravos de diversas partes da África, inúmeras religiões também foram sendo incorporadas, construindo um catolicismo afro-indígena muito próprio do Brasil. No caso das religiões africanas, uma das alternativas encontradas para a conversão obrigatória foi a incorporação das forças dos santos africanos, apenas mudando seus respectivos nomes. Menezes (2012) aponta que o catolicismo brasileiro é um campo fértil de estudo por não ser igual a nenhum outro catolicismo do mundo.

Embora o conhecimento acadêmico religioso tenha sido construído pelas comitivas europeias e americanas, e ainda, muitos seminários se apropriarem destes pensamentos para suas buscas e discussões teológicas, como por exemplo Weber, Marx, Durkheim, Habermas, Kant, dentre outros, assim como utilizado largamente na construção desta tese. O fato é que na prática e desenvolvimento da religiosidade brasileira esses discursos e pensamentos não tiveram efeito algum, servem apenas para que nós acadêmicos consigamos buscar subsídios teóricos para nossas análises.

Ao contrário das angústias teológicas europeias, ou dos intensos debates teológico protestante que culminaram na mentalidade americana, no Brasil, a religiosidade sempre esteve hibridizada, e muito mais ligada à busca pelo pragmatismo e vivência social. Até mesmo quando as primeiras caravanas adentraram o Brasil se depararam com a necessidade de adaptação que exigiria menos discussões teológicas.

Brito (2004) aponta como sendo uma dicotomia paradoxal que um povo extremamente religioso seja tão avesso às discussões teológicas, e apropriem-se de modelos de uma forma tão própria. Um exemplo disso foi o catolicismo que mesmo tendo representado por muitos anos a maioridade de adeptos, suas crenças e práticas religiosas sempre se divergiram com o que a hierarquia católica propõe aos fiéis, sendo apontado como um "catolicismo popular".

O protestantismo não passou ileso dessa apropriação "à brasileira", muito pelo contrário, talvez tenha sido mais rapidamente hibridizado, já que a proposta inicial era descentralização de poder e a sustentação de uma religiosidade individual, além disso, desde seu início adotando uma ideologia neoliberal culminou em uma ampla vertente de religiões que possuíam (e possuem ainda mais), crenças e práticas direcionadas por líderes específicos.

Campos (2004) chama a atenção ainda, para as reverberações do protestantismo que culminaram nos movimentos pentecostais e neopentecostais, que passaram a compor a mídia, a vida pública e política de uma forma muito representativa, impulsionando uma mudança social que rapidamente passou a ser alvo de muitos estudos, e que reverberam até os dias atuais.

Como já evidenciado por Brito (2004) apesar da dicotomia paradoxal, a religiosidade do povo brasileiro torna-se um campo fértil para que muitos movimentos sejam incorporados, como assim o foi com o espiritismo kardecistas, filosofias orientais, dentre muitos outros, porém, sempre perpetuando uma característica de hibridização, baixa inclinação as discussões fundamentalistas, necessidade de convívio social, encabeçada por líderes que adotam posicionamentos particulares e peculiares que são rapidamente aceitos por seus adeptos.

Segundo Bitun (2011) quando um respectivo posicionamento não é aceito, a solução observada ou é o trânsito religioso para uma instituição que se aproxime dos valores e crenças individuais, ou abertura de novas instituições religiosas. Assim, a religião consumida passa a ser aquela que compõe com interesses pessoais, muito longe de quaisquer fundamentalismos teológicos.

Assim, o potencial e facilidade de trânsito religioso do povo brasileiro é um campo extremamente fértil para que novas ou velhas filosofias, bem como, construções ideológicas possam emergir (MAGLIANO FILHO e BARREIRA, 2020).

Enquanto na Europa o número de igrejas e fiéis é cada vez menor, evidenciando um negacionismo europeu a qualquer tipo de crença ideológica, especialmente ao cristianismo (BORGES, 2021)[27], e da secularização cada vez mais crescente nos Estados Unidos (ALVES, 2021). No Brasil, a fé e a religião ainda perpassam por toda a sociedade, mesmo que incorporando novas formas de concepções, parecem agora impulsionar novos processos e campos de operação (MAGLIANO FILHO e BARREIRA, 2020).

Os espaços midiáticos que antes eram majoritariamente ocupados por neopentecostais, desdobraram-se em um verdadeiro campo de competição de inúmeros campos religiosos. Francisco (2014, p.205) chama a atenção para as formas simbólicas que as religiões expressam e projetam sua vitalidade: "O *Mysterium* que cada uma delas diz trazer ocultar-se e, por outro lado, revela-se sob o simbólico".

Com a ocupação do espaço Ciber, o simbolismo parece ocupar um campo muito específico, que também devem compor com os discursos. O *mysterium* que envolve os dispositivos comunicacionais parecem requerer a associação entre a busca por reterritorialização que explicaria a razão da existência humana, e talvez, uma teologia consistente que não se distancie da ciência, como a teologia cristã, ao mesmo tempo que opera dentro do fetiche ocidental pelo misticismo, e que mesmo no campo da ciberfé, apontem certos rituais, todos esses elementos ofertados por rabinos judeus cabalistas.

Porém, antes de adentrarmos nas análises e discussões mais profundas destes elementos, faz-se necessário compreender um pouco sobre a teologia judaica, bem como, realizar alguns esclarecimentos conceituais, especialmente que envolvem o universo da Cabala.

[27] Na França, a maior parte da população já não é católica. Na República Checa, mais de 60% declaram-se ateus. Nos Países Baixos, na Noruega, na Suécia..., o número dos que se declaram sem religião ronda os 50% da população. Na Espanha, o número de agnósticos e ateus supera o dos católicos praticantes.

2.3 Breves considerações sobre a teologia judaica

Como já exposto no enunciado, não se pretende aqui adentrar em profundas discussões ou demonstrações da teologia judaica, mas apenas, trazer alguns elementos essenciais que contribuem para as compreensões das discussões que serão realizadas no decorrer das análises.

Essencialmente, mesmo nas diversas vertentes judaicas, a base da religião monoteísta se inicia em Abraão, considerado o pai da fé. O Livro oficial que irá direcionar as crenças, os costumes, as filosofias, os ritos, enfim, toda a teologia judaica é o livro escrito por Moisés, reconhecido como "Torá", na Bíblia cristã são os primeiros cinco livros, também chamados de Pentateuco (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômios).

A Torá escrita por Moisés inicia com a Gênesis da criação deste mundo, o dilúvio, perpassa pela história dos "pais da fé" (Abraão, Isaac e Jacó), que culminaram nas 12 tribos de Israel. Também conta como Deus teria escolhido Abraão e feito um pacto para que ele implementasse o monoteísmo neste mundo. Explica ainda, como os israelitas foram parar no Egito, e como Moisés foi enviado para libertar o povo.

Conta ainda sobre os eventos que ocorreram com os Israelitas no deserto palestino durante os quarenta anos que estiveram em busca da terra prometida por Deus. E, ainda traz a indicação das leis que devem ser seguidas e observadas pelos israelitas, tanto os dez mandamentos, quanto as 613 leis.

Além disso, direciona os aspectos políticos, sociais, econômicos e demais direcionamentos que deveriam nortear a vida das 12 tribos. Inclusive como deveria ser a preparação para o sacerdócio, incluindo sua permissão para acessar conhecimentos específicos.

Cada uma das doze tribos deveria ser responsável por uma função, ficando o sacerdócio como responsabilidade da tribo de Levi (os levitas).

Os Levitas por sua vez, não possuíam um território específico deveriam organizar-se em todas as tribos a fim de garantir o cuidado espiritual, e, preparação sacerdotal. Lembremos que naquele período (cerca de 2000 a.C), os registros e escritos eram realizados em pergaminhos por escribas, copiados de um a um. Desta forma, além da cópia e repasse da Torá, cabia aos sacerdotes e escribas a escrita dos demais livros e registro do povo de Israel.

Essa produção escrita era dividida em três categorias: 1) A Torá; 2) Os livros dos profetas (chamados também de literatura Sagrada); e, 3) Outros escritos, que eram produzidos por reis, rainhas e literatas. A junção da segunda e terceira categoria são chamados de Códices.

Segundo Noss e Grangaard (2023) durante a história turbulenta dos judeus, muitos grupos foram surgindo, muitos grupos influenciados pela hibridização com o pensamento grego helenista e também pelo zoroastrismo também desenvolveram diversos códices, inclusive, em grego, conhecidos como *Septuaginta.*

Como já aludido anteriormente, na época de Jesus foram encontrados pelo menos 6 grupos de judeus, que apresentavam dicotomias relevantes em suas bases teológicas. Os escritos do “Mar Morto", descobertos em 1947, evidenciam uma complexidade no pensamento teológico judaico que se estende até os dias atuais. Não sendo possível apontar apenas um pensamento teológico, mas diversas correntes que para revisitar teríamos que desenvolver uma tese focada apenas nesta investigação.

Esta compreensão é muito importante para que equívocos no decorrer da leitura e análise sejam evitados, muito embora se reconheça que a dificuldade em temas religiosos tão complexos como o do judaísmo, especialmente por sua longa história e complexos desdobramentos possam promover a tentação por unificar apenas um judaísmo, o que já demonstramos ser totalmente impossível.

Assim, vamos nos concentrar em demonstrar as principais bases que culminam na crença cabalista e teológica dos rabinos estudados. De acordo com Noss e Grangaard (2023), os documentos históricos sugerem que os Fariseus foram o único grupo organizado a sobreviver a matança romana realizada pelo comando do Imperador Adriano que se deu no ano 136 d.C, em uma batalha que durou três anos e meio, e custou a vida de 580 mil judeus, bem como, a erradicação de Jerusalém.

Grande parte dos livros judeus que perpetuaram foram provenientes da escola de Fariseus de Yavne (*Jamnia* em latim), inclusive, onde o Talmud teria sido idealizado como mais uma das iniciativas de eternizar a fé judaica através de uma sistematização. Essa escola foi, ainda, responsável por definir a lei não escrita (a *Halaká*) e as interpretações e posições (o *Midrash).* Outras escolas como a da Galileia e Babilônica posteriormente também adentram na cena de produção judaica (BELKIN, 2003).

A escola da Galileia foi responsável pela compilação da *Mishná,* uma coleção sob as suas ordens de Akiva, de cerca de 4 mil preceitos da lei rabínica com intenção de interpretar e adaptar a Torá original às condições do séc. II. Enquanto a escola da Babilônia foi responsável por concluir o Talmud no final do séc. V. Além disso, agrupar todas as *Halaká* e *Hagatá* na *Gemará*.

Aqui cabe mencionar mais uma vez que o Talmud, bem como os outros textos mencionados nunca foram aceitos de forma universal pelos judeus, porém, alusões constantes a estes textos são evidenciadas nos discursos e ensinos dos rabinos cabalistas analisados neste estudo.

Segundo Noss e Grangaard (2023) no séc. X, muitos acadêmicos babilônicos se dirigiram a Espanha, fundando a Academia Judaica de Córdoba, a junção de acadêmicos judeus vindos de muitas partes culminou em uma escola com produção rica e acelerada para o judaísmo que vamos conhecer através das falas dos Rabinos. Grandes expoentes surgiram nessa escola, dentre eles Moisés Maimônides, o precursor da organização dos escritos sobre a Cabala. Nesse período surge o Zohar.

De acordo com Kitov (2017) a preparação para a vida rabínica deste seguindo do judaísmo inclui: os conhecimentos da Torá, dos outros Códices (sendo adotado o de Alepo), do Talmud e da Cabala (parte mística). Além disso, preparação para realizar rituais, e nivelar o conhecimento que é passado para a comunidade.

A questão do nivelamento do conhecimento será uma das discussões essenciais que traremos para este estudo, pois sim, a teologia judaica divide-se entre o conhecimento que deve ser compartilhado, como no caso da Torá e dos demais Códices para que possam servir como guia em seu sentido literal e o conhecimento velado, que incluem conhecimentos profundos da mística e de assuntos que não podem ser repassados de forma aberta, ou ainda, em sua integralidade para a comunidade. Durante muitos anos a Cabala em sua integralidade foi repassada de forma oral apenas para aqueles que eram preparados para a vida rabínica. E, ao contrário do que se pensa, o conhecimento da Cabala era privado dos próprios Judeus, sendo até mesmo alvo de críticas e não aceitações dentro do próprio círculo judaico (PAPUS, 2022).

Assim, as obras e fundamentos que compõem a base teológica dos rabinos cabalistas que são aderidos pelos cristãos, especialmente o Talmud, não parecem ser de interesse por parte dos cristãos, ao contrário da Cabala, que apresenta no misticismo uma resposta ao vazio teológico cristão.

2.4 A Cabala e sua tradição secreta

Durante muitos anos a Cabala foi apontada como sendo um tipo de bruxaria ou heresia, não apenas por parte do cristianismo, mas também, por parte de alguns grupos de judeus. Pouco ou nada se sabia sobre a Cabala já que se tratava de um conjunto de conhecimentos místicos e esotéricos que deveriam ser passados apenas de forma oral para pessoas que deveriam ser preparadas exclusivamente para ter esse conhecimento (NOSS; GRANGAARD, 2023).

De acordo com Salton (2012) para proteger os conhecimentos inseridos na Cabala foram necessários muitos esforços e abnegação de sábios que viviam quase que de maneira isolada para que estes conhecimentos viessem à tona apenas quando a sociedade estivesse preparada. Assim, o repasse era dado de mestre para discípulo. Os conhecimentos da Cabala sempre estiveram presentes na humanidade, desde que o humano tornou-se consciente de sua existência e começou a questionar o sentido da vida.

Uma das primeiras menções sobre os ensinamentos da Cabala está no Livro de Gênesis 5:21-24, que conta brevemente sobre a existência de um homem chamado Enoque que andava com Deus, e por agradar a Deus, ele sumiu porque Deus o tomou. Essa parte do livro de Gênesis conta sobre a descendência de Adão, sendo apontado então que o conhecimento e poderes adquiridos por Enoque já estariam presentes desde Adão.

No Epístola de Judas (1:14) já no Novo Testamento, o autor se refere ao livro de Enoque, também a uma obra sobre a Assunção de Moisés. Judas, irmão de Tiago escreve com grande apropriação dos conhecimentos e tradições judaicas, inclusive, esta epístola parece ser direcionada aos judeus.

Porém, até o ano 1947, não se encontrou nenhuma vertente judaica que relatasse a existência de tais obras. Porém, nas cavernas da cidade de Qumran foram encontrados diversos pergaminhos datados de cerca de 200 a.C, dentre esses escritos estava um com o nome de Livro de Enoque, tal obra a ser traduzida pode fornecer uma pequena síntese do motivo desse conhecimento ter sido mantido oculto e até mesmo renegado, pois Enoque aborda conhecimentos profundos dos céus, cosmologia, hierarquia dos anjos, gigantes, nefilins, existência de outros planetas, e nascimento diferenciado de Noé , fornecendo uma descrição que remete a um tipo de inseminação artificial, e de um Programa realizado na terra idealizado por uma espécie de cúpula divina que saberia tudo que iria acontecer até o fim.

Segundo Encausse (2021), a maioria dos rabinos cabalistas contemporâneos aceitam a ideia de que Abraão teria sido o fundador da Cabala, e, seu conhecimento teria vindo do próprio

Deus. Já outros, acreditam que Moisés teria recebido o conhecimento da Cabala junto aos dez mandamentos, e repassado apenas a Aarão, que por sua vez, teria repassado aos sacerdotes.

De acordo com Scholem (2021, p.19) “o desenvolvimento da Cabala tem suas fontes nas correntes esotéricas e teosóficas existentes entre os judeus da Palestina e do Egito”.

O fato é que apesar de não se ter consenso sobre o início da Cabala, ela esteve mantida em segredo como parte do ocultismo tradicional, alguns de seus conhecimentos e ensinamentos foram encontrados nos escritos Herméticos, Gnósticos, Zoroastras, Babilônios, Sumérios, Acadianos, dentre outros.

Porém, seus escritos como temos hoje começaram a aparecer apenas depois do século X. Durante muito tempo, esse conhecimento, até mesmo na sociedade judaica, era permitido apenas para os Rabinos. O primeiro livro a ser autodeterminado como sendo cabalista foi o Bahir, que teve sua publicação em 1176 pela escola cabalística de Provença, porém, sua circulação foi controlada e seu número de leitores de certa forma limitados. No entanto, os estudiosos apresentam controvérsias sobre a outra obra, o livro Zohar, considerado o mais importante para a sociedade cabalista. De acordo com alguns estudiosos o Zohar teria sido escrito pelo Rabino Shimon Bar Yochai (Rashbi), no segundo século de nossa era, devido ao medo de que o crescente movimento cristão viesse destruir os conhecimentos ocultos da Torá. Já outros estudiosos apontam a autoria como sendo do cabalista Rabino Moisés de León, escrito no século XI (SALTON, 2012).

O cuidado era tão grande que por até aproximadamente os anos 1000 era proibido qualquer texto ou menção escrita sobre os conhecimentos místicos da Cabala Judaica. Além disso, qualquer um que se colocasse contra seu ocultismo poderia ser punido de acordo com as leis judaicas (ENCAUSSE, 2021).

Laliga (2011) explica que a influência da Cabala sobre a filosofia de Spinoza foi um dos motivos centrais para sua expulsão, primeiro porque esse conhecimento não deveria sair do círculo de rabinos judeus. Segundo, porque Spinoza tinha formação para ser um líder religioso (rabino), e a Cabala era considerada por muitos como defensora de um panteão de divindades, com conhecimentos profundos sobre o universo e sua dimensão transcendente, e ainda, por usar todo esse conhecimento místico dentro da própria Torá, o que poderia comprometer toda a comunidade judaica.

No entanto, toda a filosofia Spinozana vai desvelar algumas concepções sobre Deus, aceitas pelos Cabalistas, que fugiam das compreensões cristãs, e foram inclusive apontadas como demoníacas, fazendo com que Spinoza fosse classificado como um ateu ou um herege.

De acordo com Laliga (2011) outra questão para a expulsão e distanciamento da comunidade judaica de Spinoza se deu porque muitos estudiosos cristãos ao se aprofundarem nos estudos bíblicos acabaram por compreender no judaísmo as bases da teologia cristã, havendo uma espécie de movimentos judaizantes entre os intelectuais, sendo o motivo da morte de muitos deles.

Um dos exemplos é de Nicolas Antoine (1602-1632) nascido de uma família católica, recebeu doutrina jesuíta, porém, converteu-se a doutrina reformada calvinista. Porém, ao estudar teologia em Genebra chegou à conclusão de que o Antigo Testamento detinha toda a verdade, bem como, os conhecimentos judaicos. Porém, ao procurar o Rabinato de Metz para solicitar sua conversão não foi bem-sucedido, pois o rabino ficou com medo de ser acusado de proselitismo e acabar levando punições severas para toda sociedade judaica. Laliga (2011) faz uma lista de referências aos movimentos e filosofias cabalistas não apenas em Spinoza, mas também em Leibniz, princesa Charlotte, dentre outros, que diferentemente de Spinoza apenas se mostraram complacentes com as ideias, mas sem mencionar ou caracterizar de fato quais seriam estas ideias.

Contrapondo-se com qualquer teologia de base cristã, a Cabala dedica-se a desenvolver todo o lado místico, oculto e esotérico da Torá (cinco primeiros livros da Bíblia), trabalhando inclusive com elementos alquímicos e metafísicos.

Dentre os inúmeros assuntos que apresentam oposições dicotômicas com a teologia cristã estão: 1) o esoterismo numérico; 2) A compreensão de Deus como uma fonte inexplicável de algo parecido como energia; 3) Na formação deste mundo como parte da imanência de Deus que estaria incorporado em tudo; 4) Na alma como sendo uma energia infinita que pode mudar de corpo e forma para sua evolução; 3) Na força dos astros sobre os comportamentos e personalidades; 5) Na possibilidade de visitar outros mundos; 6) Na possibilidade de se ter acesso ao “mundo dos mortos”, dentre outros inúmeros aspectos.

No século XVI, o Rabino Isaac Luria descreve uma doutrina sobre a criação a partir da visão cabalística dos signos expostos no primeiro versículo do livro de Gênesis, expondo a criação, relatando através do evento (*tzim-tzum*) o que posteriormente a ciência comprovaria como sendo o Big Bang.

De acordo com Encausse (2021), o conhecimento cabalístico esteve presente não apenas na filosofia, mas influenciou diretamente todos os conhecimentos ocultistas, incluindo as ordens da Maçonaria e Rosacruz.

Eis a questão de um ponto de reflexão importante de nossa tese, ao se pensar o motivo de um conhecimento oculto e restrito durante tantos anos ser manifestado de forma pública

através das redes sociais sem nenhuma espécie de seleção por rabinos judeus. Outro ponto interessante, é que no judaísmo não há qualquer ambição de proselitismo religioso de conversão, pois segunda a crença, não se converte judeu, se nasce judeu, pelo ventre e sangue de uma mãe judia. Desta forma, se o indivíduo nesta reencarnação não nasceu judeu, é porque Deus não achou necessário, portanto, deve-se respeitar a vontade de Deus. Consequentemente, qualquer pessoa que decida se converter ao judaísmo passa por um longo processo de estudo e investigação, sendo necessário que sejam aplicados uma série de exames para comprovar que a "alma" encarnou em um corpo errado por algum motivo.

Conhecendo esse pressuposto, a intenção dos rabinos cabalistas não é promover uma sequência de conversão em massa, tampouco, as sinagogas são lugares abertos e passíveis de visitação, muito pelo contrário somente os judeus, e raros convidados podem adentrar nas sinagogas.

Dentro deste contexto, esse movimento no espaço Ciber parece estar construindo um novo desdobramento do campo da fé, proporcionando aos cristãos, mesmo que de forma superficial, caminhos para busca de um novo território, nunca evidenciado de forma aberta. Podemos estar diante de um novo movimento religioso que certamente impactará diretamente toda a estrutura social, desembocar no fim da teologia cristã como se conhece, e ainda, o fim das próprias organizações religiosas físicas.

2.5 A propagação da Cabala e o uso das Redes Sociais

O neoliberalismo e o cientificismo induziram a uma crise na fé cristã, atingindo especialmente o mundo ocidental. Acredita-se que grande parte desta inclinação ao abandono da fé, bem como, do vazio existencial, incluindo o desencadeamento de diversos transtornos mentais, está associada à falta de uma teologia sólida. Tal compreensão ocorre ao se observar que enquanto possuem um conhecimento teológico de suas crenças de forma aprofundada, como o judaísmo e o islamismo conseguem manter sua fé independente das adversidades, o cristianismo e suas inúmeras vertentes se mostram cada vez menos eficiente para explicar o mundo, o universo, o motivo da existência humana, e o próprio Deus.

De acordo com Sloterdijk (2019) os cristãos viram uma teologia radical, foram acostumados com normas, e compreensões éticas e morais que agora já parecem não fazer sentido. Assim, o misticismo ganha a atenção especial na busca por compreensão.

> Nos círculos de conhecedores do sobrenatural, ele é visto como a matéria-prima das religiões; após a dedução de revestimentos mitológicos e particularidades regionais, ele seria o conteúdo último ou fermento mais interior das religiões. Daí o movimento em direção ao ecumenismo místico, acima das regiões positivas irremediáveis. A redução à vivência mística realmente oferece a vantagem de provar o fundamento de todas as formas dogmáticas de proclamação; isto favorece individualismo nas condições modernas (SLOTERDIJK, 2019, p.260).

Assim, a promessa é que o misticismo explique o inexplicável, ao mesmo tempo que se apresenta como uma arma de protesto a primazia epifânica do passado e que era adotada e defendida por todas as religiões ortodoxas. O misticismo então é encarado como uma nova proposta de conceber os conhecimentos antigos.

Além disso, Sloterdijk (2019) aponta que o misticismo atende imediatamente as características das sociedades modernas, que estão cada vez menos dispostas a quaisquer reconhecimentos que deveriam continuar operando a metafísica básica das sociedades passadas, e, que agora, não conseguem sustentar ou ainda, assumir o risco de seus desdobramentos.

Além disso, segundo Vaz (2000) a consciência mística sempre esteve presente na sociedade ocidental, promovendo singularidades de experiências que foram sendo conduzidas de formas de acordo com os diferentes contextos em que se apresentavam. A própria ideia das possibilidades de manifestações do Espírito Santo, de forma sobrenatural comunicada por Jesus, seria um impulso para adoção de uma abertura mística, daquilo que não se pode explicar, mas apenas experienciar.

Vaz (2000) aponta que mística ocidental pode ser classificada de três formas: 1) A mística especulativa; 2) mística profética; 3) mística mistérica. A mística especulativa, seria aquela que se apropria do pensamento filosófico para explicar sua experiência dentro de uma metafísica, possuindo um eixo subjetivo e outro objetivo. Já a mística profética, é aquela que se pauta em aceitar ser humano servindo como ferramenta de fala do sobrenatural, através de visões, premonições, incorporações. E, por fim, a mística mistérica, é aquela que não se consegue explicar de forma lógica, apenas busca-se elementos que possam levemente incorrer nas explicações de suas experiências, mas evidencia-se de forma mais longe da razão e próxima do mito.

Neste contexto, parece haver uma evidência da tendência ocidental substituir qualquer espécie de teologia pelo misticismo como uma consequência natural de uma teologia líquida que se mostrou não apenas insuficiente, mas também, opressora no exercício da condução da sociedade. Trazendo uma série de traumas que parecem agora ter uma chance de resgate.

Por outro lado, a apropriação do misticismo judaico parece promover uma espécie de "retorno ao lar", mesmo parecendo dicotômico e contrário a teologia cristã, é necessário observar que uma teologia nasceu líquida se apresentou cada vez menos eficiente e deixou uma série de lacunas que passam a ser preenchidas pelo judaísmo para o mundo cristão, dentre eles, o fato do próprio Jesus ter nascido e morrido judeu.

Essa apropriação parece uma consequência natural para quem busca aprofundar-se nas bases do cristianismo. Laliga (2011) menciona que esse movimento já teria ocorrido anteriormente, logo nos primeiros anos do protestantismo, especialmente na Holanda e na Inglaterra, porém, naquele momento havia ainda muito preconceito com o judaísmo, e os movimentos católicos e protestantes brigavam intensamente entre si. Além disso, houve muitos casos de pessoas que se converteram ao judaísmo foram mortas ou sofreram sanções severas.

No entanto, atualmente, parece que a Cabala toma novamente impulso, e dessa vez, ocupa os espaços midiáticos para sua comunicação, adota não somente as redes sociais, mas a televisão e estratégias de marketing com discursos próprios, sempre ofertando cursos que prometem conhecimentos mais profundos.

Por outro lado, foi observado que a apropriação do discurso cabalístico pelos cristãos, aqui no Brasil, ocorre apenas quando o comunicador é um rabino judeu, que usa as vestimentas adequadas e ainda, pronúncia palavras em hebraico. Caso contrário, o público que buscará este tipo de conhecimento serão pessoas alternativas, já adeptas de algum tipo de misticismo ritualístico, e algumas vezes até são ofendidas por cristãos. Como bem pontuou Katz (2022), a sociedade atingiu alguns padrões para aderir uma mensagem de acordo com uma espécie de licença daquele que fala. Apesar de essa ser uma realidade evidenciada nas mídias brasileiras, não se sabe se a aceitação contemporânea ocorreu a partir das ações dos próprios judeus, ou, devido às várias celebridades, a iniciar pelos Estados Unidos, se anunciarem como cabalistas.

Embora não seja o foco deste estudo, cabe ressaltar que até o início do séc. XXI os conhecimentos cabalísticos não tinham nenhuma divulgação de forma aberta, apenas alguns acadêmicos no campo das ciências das religiões, ou filosofia procuravam compreender um pouco melhor e construir associações. Para o público geral, quem buscava esse tipo de assunto

eram pessoas já inclinadas a investigar sobre ocultismo, ou, pertencentes a grupos fechados como Maçonaria e Rosacruz. Até mesmo dentro da maioria dos círculos judaicos permanecia a regra de que o estudo da Cabala somente é permitido para homens acima de 40 anos e com reputação impecável.

Porém, no início dos anos 2000, nos Estados Unidos, Karen Berg, fundadora e diretora da Associação Kabbalah Centre, foi apontada como sendo guru da Cantora Madonna, que passou a se declarar como sendo adepta aos conhecimentos cabalistas.

Karen Berg foi uma espiritualista que conheceu o seu esposo Rav Berg ao buscar por conhecimentos cabalísticos. Rav Berg tinha acabado de traduzir o Zohar para o Inglês, ao mesmo tempo que perdeu seu amigo de trabalho Rav Branwen. Assim, ao se casar com Karen, decidem montar a Kabbalah Centre como forma de divulgação dos conhecimentos cabalísticos através de diversos cursos com módulos específicos.

Em uma reportagem publicada em 31 de julho de 2009, Madonna disse que após estudar yoga, budismo, taoísmo, a obra da Arte da Guerra (tratado chinês do século XVI), do sânscrito, do gótico, teria encontrado na Cabala respostas para as suas questões existenciais. Segundo relato da artista: “"Eu fui educada na tradição católica e meu pai era muito crente, mas eu não encontrava resposta em casa para as dúvidas que eu tinha sobre o sentido da vida e por que os homens sofrem" (DIÁRIO ABC, 2009).

Em uma entrevista o diretor da Kabbalah Centre do Brasil em 2011, Yonatan Shani,, onde declarou que além de Madonna, Demi Moore e Naomi Campbell eram também adeptos da Cabala, além disso, aqui no Brasil os estudos ofertados pela associação também já teriam sido incorporados por alguns famosos:

> “Independentemente da profissão, quem é famoso tem o ego estimulado constantemente”, diz o cantor e compositor Paulo Ricardo, 48 anos, que estudou com o mestre Shmuel Lemle, da Casa da Kabbalah, no Rio de Janeiro, e hoje pratica a disciplina sozinho. “E o ego, para a cabala, é uma espécie de Satã, a origem de todos os males”, explica. Aprender a administrar o ego para que a luz da vida se manifeste com toda força é um dos principais objetivos da cabala” (LOES; ALVES FILHO, 2011, n.p).

De acordo com a reportagem o Demi Moore e Ashton Kutcher, quando estiveram no Brasil no início de 2011, influenciaram seus amigos Bia e Ronaldo Fenômeno, e Luciano Huck e Angélica:

> Luciano Huck e Angélica, que receberam as estrelas hollywoodianas, na casa deles em Angra dos Reis (RJ). Eles chegaram a convocar Yonatan Shani, do Kabbalah Centre, em São Paulo, para dar uma palestra sobre o assunto no Rio de Janeiro. "Estudei várias religiões e filosofias, como budismo, catolicismo, cabala, judaísmo e peguei o melhor de cada uma para me fortalecer. No fim, Deus é quem manda", resumiu, recentemente, Angélica (LOES; ALVES FILHO, 2011, n.p).

A atriz e modelo Ellen Jabour, Marina Lima, a jornalista Glória Maria, Cléo Pires, dentre outros atores se declararam cabalistas nesta reportagem (LOES; ALVES FILHO, 2011).

Shmuel Lemle, que foi mestre do Cantor Paulo Ricardo, parece ser inclinado para ensinar celebridades e artistas na introdução aos conhecimentos cabalísticos. Benício (2017) relata que especialmente os artistas residentes no Rio de Janeiro costumam buscar Shmuel para cursos e orientações.

Talvez o foco da associação Kabbalah Centre em buscar e evidenciar famosos seja uma estratégia muito bem formulada para adesão das massas, assim como aponta McQuail (2000), produzindo um discurso social através da influência que esse artista traz, induzindo tanto a investigação sobre o assunto, quanto possível adesão.

Como já apontado, apesar das estratégias utilizadas pela associação Kabbalah Centre para divulgação da Cabala, ou ainda, a adesão de famosos destes conhecimentos produzirem caminhos também para serem investigados, e que certamente merecem atenção até, mesmo para composição deste estudo, e investigações sobre caminhos biopolíticas que estão sendo incorporados nas incorporações sobre fé. O que se buscou nesta breve abordagem foi compreender se os canais analisados trilharam caminhos semelhantes, ou ainda, se a maioria dos cristãos que deixam seus comentários associam o nome de celebridades.

A resposta parece ser negativa, dos três Rabinos investigados apenas um deles (Rabino Dudu) aparece com maior frequência em entrevistas ou em projetos com pessoas midiáticas como Danilo Gentili, Pondé etc. Porém, em suas colocações parece que essas pessoas fazem parte de seu círculo social, e não aponta, pelo menos inicialmente, ser uma estratégia única ou ambicionada em larga escala, até mesmo porque, os vídeos desse canal são vídeos simples, a maioria sem edição ou qualquer cuidado com relação aos aspectos comunicacionais, como será demonstrado na sequência deste estudo.

O assunto Cabala começou a surgir na plataforma do Youtube brasileira depois de 2007 trazendo diversas abordagens e personagens. Muitos canais são direcionados a documentários, relatos históricos e curiosidades. Já os canais dos rabinos judeus com aulas

expositivas detalhadas começaram a surgir em 2012, mesmo os que apareceram antes desta data tratavam de forma mais elucidativa sobre o assunto.

Até o momento, os canais apropriados pelos cristãos que anunciam através de seus relatos nos comentários sobre sua fé e adesão aos conhecimentos cabalísticos são apenas aqueles apresentados por judeus homens. Os mais representativos no Brasil, tanto em suas respectivas abordagens até o momento são: 1) Rabino Rony que apresenta o canal Contraste, com 820 mil inscritos, e, mais 94.189.959 visualizações. 2) Rabino Dudu, com 191 mil inscritos e 10.530.961; e, 3) Rabino Eliahu Hasky, com 165 mil inscritos e 15.596.330.

A análise será realizada tanto na composição semiótica que envolve a apresentação dos respectivos canais, envolvendo o cenário, abordagens, tecnologias visuais, e comunicacionais, quanto na forma de apropriação dos cristãos que acompanham os canais e deixam seus comentários nos vídeos.

Para construção da análise foram coletados vídeos que foram separados em seis abordagens, quatro destas apresentam aulas expositiva detalhada do posicionamento da Cabala sobre assuntos que são contraditórios com o posicionamento da teologia cristã, pontuando e analisando através das mensagens a adesão positiva de cristão sobre a visão judaica.

Estes assuntos são:

1) A existência de um Deus não personificado que se manifesta em toda a Natureza, muito mais próximo do Deus de Spinoza do que do Deus do cristianismo, apresentando Deus como sendo uma essência única que se manifesta muito além de nossa compreensão;
2) A explicação sobre Jesus não ser o Messias, e mais ainda, ser uma figura criada pela igreja cristã para manipular e desorientar o povo;
3) A compreensão judaica sobre Reencarnação, níveis e estágios de almas;
4) A não existência dualista entre Satanás e Deus, segundo os cabalistas Satanás é amigo de Deus, e ainda, o auxilia em seu plano para a terra.

Também foram analisadas duas outras abordagens que podem favorecer uma reflexão profunda sobre a dicotomia existente não apenas nessas abordagens, mas na forma com que as pessoas têm se apropriado delas de maneira que possa ocorrer um fenômeno de posicionamentos religiosos ainda mais conflitantes do que as instituições cristãs tradicionais.

Assim, foi analisado de acordo com a fala dos rabinos, porque se ensina Cabala online de forma aberta já que o ensino teria sido ocultado por mais de seis mil anos, até mesmo da maioria dos judeus, que devem atender como uma das premissas ser homem, acima dos 40 anos e ter reputação impecável.

E, por fim, como algumas linhas do próprio judaísmo que não condizem com o pensamento da linhagem dos fariseus são discriminadas pelos próprios rabinos. Para isso, devemos nos lembrar que em vários momentos da história os Judeus tiveram guerras entre si. Como bem alude Noss e Grangaard (2023) os judeus Fariseus e Saduceus travaram uma guerra tão intensa em Jerusalém por volta de 60 a.C que se viram obrigados a chamar Pompeu, um General Romano para intervir, porém, Pompeu tomou a cidade para si, tornando Jerusalém domínio do Império Romano. Dentro desta linha de pensamento, foi analisado como as abordagens dos rabinos com relação a temas de linhas contrárias são efetuadas, e consequentemente aderidas pelos cristãos.

CAP. 3- A DICOTOMIA APROPRIAÇÃO DOS CRISTÃOS DO CIBERESPAÇO

Após percorrer os caminhos que sustentaram as argumentações defendidas nesta tese, ou seja, de que a Teologia Líquida que o cristianismo estabeleceu, fez com que o discurso do próprio Jesus Cristo não fosse interessante dentro de um mundo cientificista e neoliberal. Porém, embora a secularização e desigrejação seja uma tendência evidenciada por uma parcela considerável da população americana e europeia, aqui no Brasil identifica-se "uma nova possibilidade de campo religioso restrita ao Ciberespaço".

Embora o uso do ciberespaço seja um mecanismo utilizados pelos comunicadores da fé desde seu início, a reflexão central, está na periculosidade de se apropriar de temas religiosos com bases tão subjetivas que pode fazer com que estes indivíduos não apenas se tornem "presas fáceis" para um novo mercado, mas principalmente, em produzir contextos sociais que possam gerar diversas formas e tipos de crises (políticas, saúde, economia etc.).

Como bem pontuou Van Dijk (2020, p.9) interessa-nos saber, entre outras propriedades semióticas do discurso, se relacionam a algo tão abstrato e geral como as relações de poder na sociedade. Assim, a análise do discurso digital considerou as especificidades dos discursos nativos da internet (PAVEAU, 2022).

Neste caso, não apenas nativos por ser um discurso que nasce no ambiente digital, muito pelo contrário, mas nativo no sentido do conhecimento cabalístico estar sendo propagado por rabinos, disposição essa não possível dentro do próprio meio judaico, pois como já aludido anteriormente, somente judeus acima de quarenta anos, e, com reputação impecável podem ter acesso aos conhecimentos da Cabala, que, por sua vez, é direcionado com mestres específicos que acabam por decidir os níveis que estes aprendizes podem chegar.

Assim, o discurso nativo desta tese considera a forma e o discurso que está sendo empregado pelos canais analisados, bem como, apropriado pelos cristãos em seus comentários, sendo o ambiente digital o único ambiente que este discurso está sendo propagado.

Para Paveau (2022, p.41): "Os discursos nativos da web são, aliás, relacionais: a arquitetura da rede faz com que eles sejam todos materialmente interligados. Entre eles e seu enunciador está aquilo que lhes atribui propriedades particulares", as quais foram consideradas neste estudo.

3.1. Apresentação e Análise dos canais

Antes de adentrar nas análises dos vídeos, assuntos e comentários dos cristãos referentes aos conteúdos que parecem ser contraditórios com a teologia cristã, é necessário que os canais de onde provêm tais conteúdos sejam apresentados e analisados com igual profundidade. Especialmente porque a enunciação dos discursos estão entrelaçados com o *ethos* dos respectivos enunciadores.

Barros (2012, p.46) explica que:

> O *ethos* do enunciador é a sua imagem construída nos textos como um ator da enunciação e não como um actante da enunciação ou como um autor de carne e osso; deve-se distinguir o *ethos* do enunciador do *ethos* do narrador, sendo o ethos do narrador definido por um único discurso, e o do enunciador, por um conjunto, uma totalidade de discursos.

Embora Barros (2012) assuma um certo desafio em separar o enunciador do ator da enunciação, no caso desta tese, eles são os mesmos, portanto, suas enunciações reverberam diretamente da composição de sua totalidade. Pois, como já observado anteriormente, para que o assunto Cabala, especialmente sobre os assuntos que são contraditórios a teologia cristã, possa ser aceito e comentado pelos cristãos, o primeiro requisito está na complexidade semiótica que envolve o apresentador e o canal como um todo.

No Brasil, todos os canais que apresentam maior expressividade de comentários de cristãos, especialmente de agradecimentos, ou ainda, se concordância e reflexões positivas são os canais onde o apresentador é um judeu ortodoxo, que se apresenta com o uso da kipá[28], e ainda que tragam fluência do hebraico em suas mensagens, apresentando um discurso enfático, e de certa forma um estilo um tanto poético, idealizado por meio de uma narrativa que busca requerer reconhecimento de sua autonomia de fala e herança histórica como únicos herdeiros da verdade do Deus do Velho Testamento.

Vale aqui mencionar que, embora existam outras centenas de canais que tragam conhecimentos cabalísticos, o fato de não terem como enunciadores personagens que apresentem essa exclusividade na composição de sua identidade e autonomia fazem com que

[28] Peça utilizadas pelos judeus, na cabeça, como simbolismo do temor a Deus, é da religião. São usadas especialmente por homens, embora algumas linhas tambem permitam mulheres.

os cristãos não deixem comentários se identificando, e, quando o fazem, remetem linguagens pejorativas e intolerantes.

Este contexto evidencia as afirmativas de Teixeira (2012, p.72) que:

> [...] o sujeito está implicado no exercício da língua, instituindo-se num jogo entre a generalidade da forma que indica pertença a língua, instituindo-se num jogo entre a generalidade da forma no uso- a palavra-, que recebe uma semantização relativa à situação enunciativa, não isoladamente, mas em desencadeamentos sintagmáticos. A relação necessária entre subjetividade e linguagem se "deixa ver" na atualização da língua em discurso, pela dissociação analítica do enunciado, no processo de sintagmatização, isto é, sem perder de vista a ação das palavras uma sobre as outras.

Assim, quando os cabalistas apresentam-se como rabinos, e ainda, dentro dos arquétipos que compõem a sabedoria judaica, recorrendo ao uso do hebraico em suas explicações, antecipam-se como tendo certa autoridade de possuir conhecimentos que fazem parte da base da fé cristã, já que o próprio Cristo era um Judeu, produzindo sentido e construção interativa de suas respectivas falas (HILGERT, 2012).

Hilgert (2012) aponta que sem esses significados na enunciação, o sentido por parte dos adeptos parece não alcançar quaisquer valores semânticos, ou ainda, impulsionar uma dissociação, e incompreensão quase natural. No caso desta tese, quando o enunciador não possui as características prévias, os cristãos não estabelecem quaisquer vínculos com outros atores que tragam o assunto Cabala em voga, mesmo que os assuntos e/ou abordagens sejam as mesmas. Assim, a significação subjetiva que parte do *ethos* do enunciador será condição pressuposta para que os cristãos possam interpretar e interagir, oferecendo-lhe um estímulo de sentidos, mesmo que haja certa incompreensão do que está sendo dito.

Dentro deste contexto, os canais escolhidos para análise, foram os 3 canais de Cabala do Youtube que apresentam maior aceitação e comentário por parte dos cristãos. Sendo apresentado primeiro a características e signos que compõem estes canais, e, posteriormente, apresentados os vídeos que são contraditórios com a teologia cristã e, que possuem comentários positivos e adesão por pessoas que se auto identificam como cristãos. As análises foram realizadas por meio da indicação de Marie-Anne Paveau (2022), e, também, com auxílio de outras literaturas responsáveis por trazer uma profundidade semiótica da análise.

Segundo explica Paveau (2022), a composição dos discursos digitais nativos apresenta seis características próprias, que faz com que os estudos comunicacionais repensem suas metodologias anteriores.

Os seis elementos a serem considerados para análise do discurso digital, incluem :1) Composição; 2) Deslinearização; 3) Ampliação; 4) Relacionalidade; 5) Investigabilidade; 6) Imprevisibilidade.

A **composição** se refere ao hibridismo entre a mensagem e as indicações de natureza tecnológica, ou seja, para que uma mensagem afete os interlocutores é necessário que as tecnologias de linguagens, especialmente a inteligência artificial, considerem o assunto relevante e direcionem a propagação. Assim, a mensagem deve compor com os requisitos e direcionamentos requeridos pela tecnologia.

De acordo com Paveau (2022, p. 66): "Esse tipo de composição tecnolinguageira é desenvolvida por um hibridismo semiótico: os tecnodiscursos podem ser plurissemióticos e mobilizar simultaneamente, e na mesma semiose, texto, imagem fixa ou animada, som [...]".

A **deslinearização** caracteriza a não existência de um único sintagmático, mas, podem ser deslinearizados pelos links hipertextuais que podem direcionar o texto fonte e "seu leitor para outro discurso, em outra janela do navegador e outra situação de enunciação" (p.66).

Com relação a **ampliação** considera-se a conversão simultânea através das redes sociais, ou ainda, redes colaborativas na criação de um espaço enunciativo único, mas com a identificação dos diferentes enunciadores. Assim, a **relacionalidade** evidenciará sempre uma relação com outros discursos "que faz com que os enunciados sejam coproduzidos com a máquina; que estarão sujeitos às subjetividades da "configuração das interfaces de escrita e leitura" (p.67).

Já a **investigabilidade** trata-se do acompanhamento da inteligência artificial em processo constante de redocumentação, em um universo que nada esquece e, que investiga tudo de forma sempre a buscar métricas a partir de metadados criados, sendo inscrito no código dos discursos digitais nativos.

Quanto a **imprevisibilidade** considera-se que decorrem da busca de promoção de conteúdo requerido, ao menos parcialmente pelos algoritmos. Segundo Paveau (2022, p.67):

> [...] fato que os torna imprevisíveis para os enunciadores humanos, tanto no plano de sua forma (passando automaticamente de um lugar de enunciação pré-digital a um lugar digital, um enunciado muda de forma), quanto no plano de seu conteúdo (algumas ferramentas, como os programas, redocumentam os discursos nativos dispersos, criando conteúdos digitais).

Como bem apontou Paveau (2022), a análise de discurso digital caminha em esteira própria, porém, nos estudos acadêmicos pode ser confundida com outras perspectivas e teorias análises de discursos, incorrendo assim, uma falsa incongruência na análise, assim, buscando evitar tais aproximações a partir de agora serão utilizados os termos: tecnodiscurso, tecnolinguagem, tecnopalavras. tecnosigno, tecnogênero, tecnoambiente.

3.1.1 Canal Contraste

O Canal Constraste[29], inscrito desde 2017, é apresentado pelo Rabino Rony Gurwicz, formado pelo Rabinato Central Ortodoxo de Israel. Em 19 de Março de 2023, seus vídeos apresentavam 76.228.988 visualizações.

Em dezembro de 2022[30] o Canal possuía 587 mil inscritos, em março de 2023, esse número saltou para 734 mil para 829 mil em maio, ou seja, um crescimento de 41,23% em cinco meses, alcançando 96.273.652 visualizações.

A média de postagem são de 2 a 3 vídeos por semana, com duração de 10 a 30 minutos cada aula. Na figura 2, é apresentada a primeira página do canal. De acordo com informações do próprio canal, é o maior canal de judaísmo do mundo.

Na apresentação dos três canais investigados, dedicaremos um investimento maior nesse canal devido ao fato dos responsáveis parecerem se apropriar de todos os elementos tecnocomunicacionais demonstrados por Paveau (2022), o que certamente influencia o crescimento de sua taxa percentual de 41,23% em cinco meses, e ainda, ser pelo menos 430% maior do que os demais canais.

Nota-se que os responsáveis fazem um profundo estudo das cores, formas de enunciar a capas dos vídeos, simbolismo no cenário, edição animada, áudio, e simbolismos de cenário que embora sejam simples, utilizam símbolos que remetem ao discurso de poder.

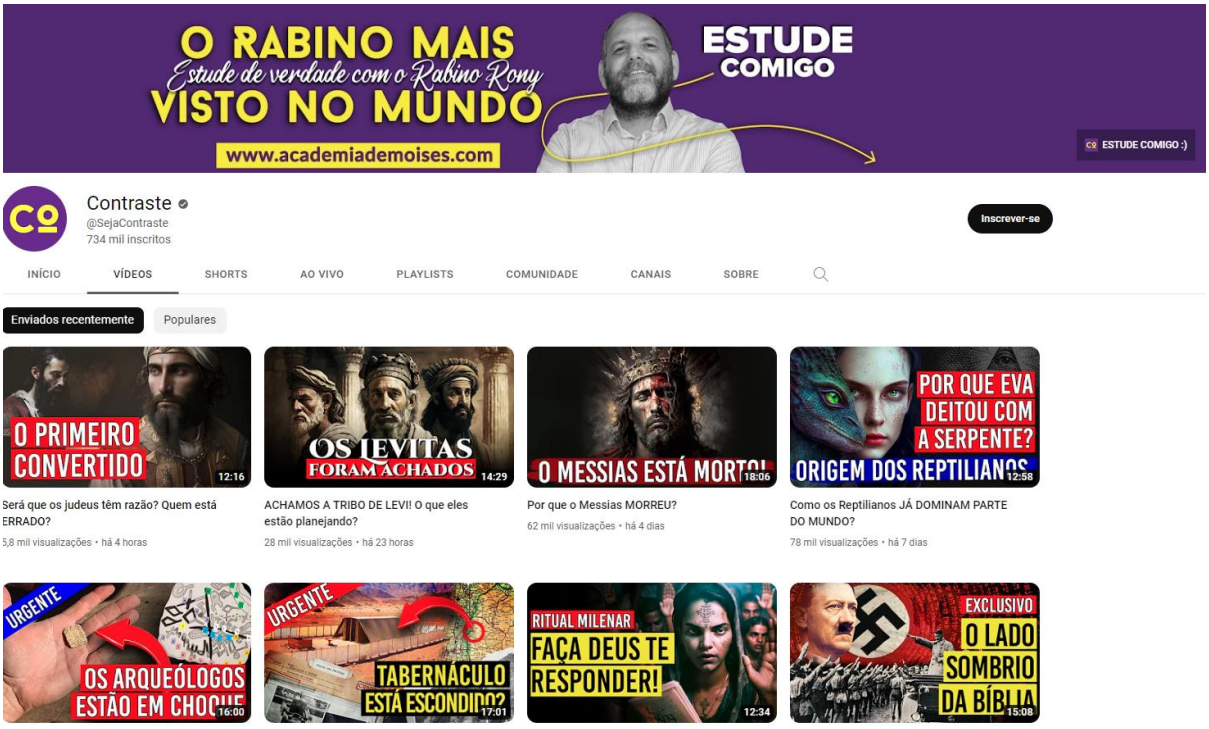
---

[29] https://www.youtube.com/@SejaContraste/about
[30] Quando ocorreu a qualificação deste estudo.

É possível dizer que este canal usa os recursos que Maingueneau (2008, p.75) apontou como sendo a fórmula para uma destacabilidade, ou seja, “enunciados curtos cujo significando e cujo significado são considerados no interior de uma organização pregnante”. Neste caso, a tecnocomunicação usará a composição para propor mensagens que apropriam-se de todos os recursos disponíveis para atingir o leitor.

A figura 2, demonstra a capa do canal, já introduzindo além dos recursos visuais a chamada para estudar em uma plataforma fechada que oferece aulas. No entanto, a capa com os vídeos enviados recentemente parece não seguir uma sequência, mas sim, a deslinearização, provavelmente devido ao fato de os aplicativos de inteligência artificial demonstrarem o que está sendo mais investigado pelos usuários. Desta feita, os elementos de investigabilidade, racionalidade e ampliação também ocorrem concomitantemente.

Figura 2- Capa do Canal Contraste



Fonte: Youtube.

Apesar do canal ser apresentado a grande maioria das vezes por apenas um enunciador, adotou um nome comercial, proporcionando a possibilidade de dissociação futura de um único apresentador. Além disso, já na capa do canal, começando pela estratégia de unir a cor roxo com o amarelo, e as capas dos vídeos sempre de uma forma elaborada e chamativa, faz com que o crescimento de mais de 43% em cinco meses seja justificado pelos elementos da

tecnolinguagem apontadas por Paveau (2022), onde aponta os seis elementos de acordo com as diretrizes do tecnoambiente.

De acordo com Pedrosa (2014) as cores roxo e amarelo são complementares, e, possuem harmonia com relação tanto ao padrão RGB utilizado pelos monitores, como o padrão CMYK utilizado pela indústria gráfica. Segundo Paveau (2022) as produções compósitas dos tecnoambiente vão se aproveitar de todos os elementos visuais e auditivos possíveis, especialmente pelo fato de muitos sentidos serem difíceis de serem ativados.

Na maioria dos vídeos, o enunciador aparece em frente à sua biblioteca pessoal, assim como os demais rabinos, demonstrando-se como autoridade culta para falar sobre os diversos assuntos. Para Van Dijk (2020) essa estratégia reproduz um local de fala que compõe o discurso e a reprodução do poder social, promovendo uma simbologia já em seu enunciado primário.

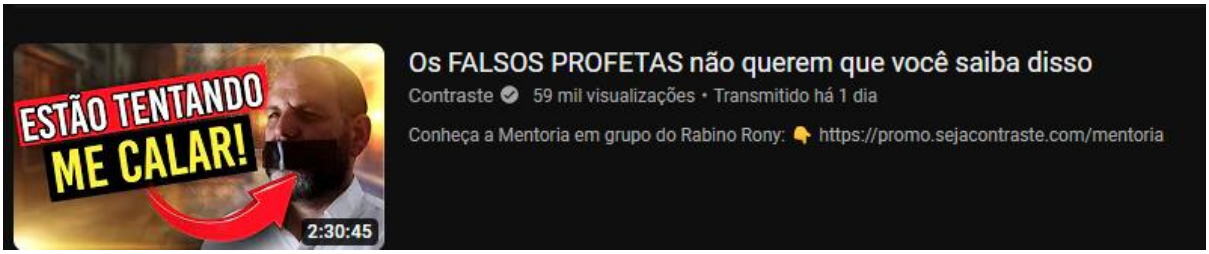
Figura 3- Vídeo na biblioteca

Fonte: Youtube.

Não deve ser suprimido o fato de que este canal apropria-se de todas as estratégias que compõem as cenas da anunciação já para apresentar seus vídeos na primeira capa, e assim, fazer com que os internautas se sintam compelidos a adentrar no vídeo. Além disso, os signos e simbolismos adotados pelo judaísmo é uma das expressões que foram amplamente reutilizadas na própria gênesis da estrutura do campo religioso ao qual estamos expostos. Bourdieu (2009)

ressalta que esses elementos são formas de se reproduzir uma religião dentro de uma linguagem implícita e particular.

Figura 4- Capa de vídeo Contraste



Fonte: Youtube.

Na figura 4, é possível evidenciar não apenas um texto persuasivo provavelmente aprovado metricamente pelos softwares de algoritmos, mas também, a apropriação do que Maingueneau (2008) chamou de tesouro bíblico, conferindo-lhe culturalmente uma autoridade inquestionável, além de outros atributos que podem ser considerados como hiperenunciador.

A maioria dos vídeos do canal apresentam um rico cuidado de edição. Os encontros que ocorrem ao vivo, por sua vez, são, geralmente, direcionados à oferta de cursos ou mentorias.

3.1.2 Canal Rabino Dudu

O Canal do Rabino Dudu[31] foi fundado em 2012. Em dezembro de 2022, apresentava 171 mil inscritos, já em maio de 2023, esse número saltou para 191 mil, um aumento de 11,70% em cinco meses.

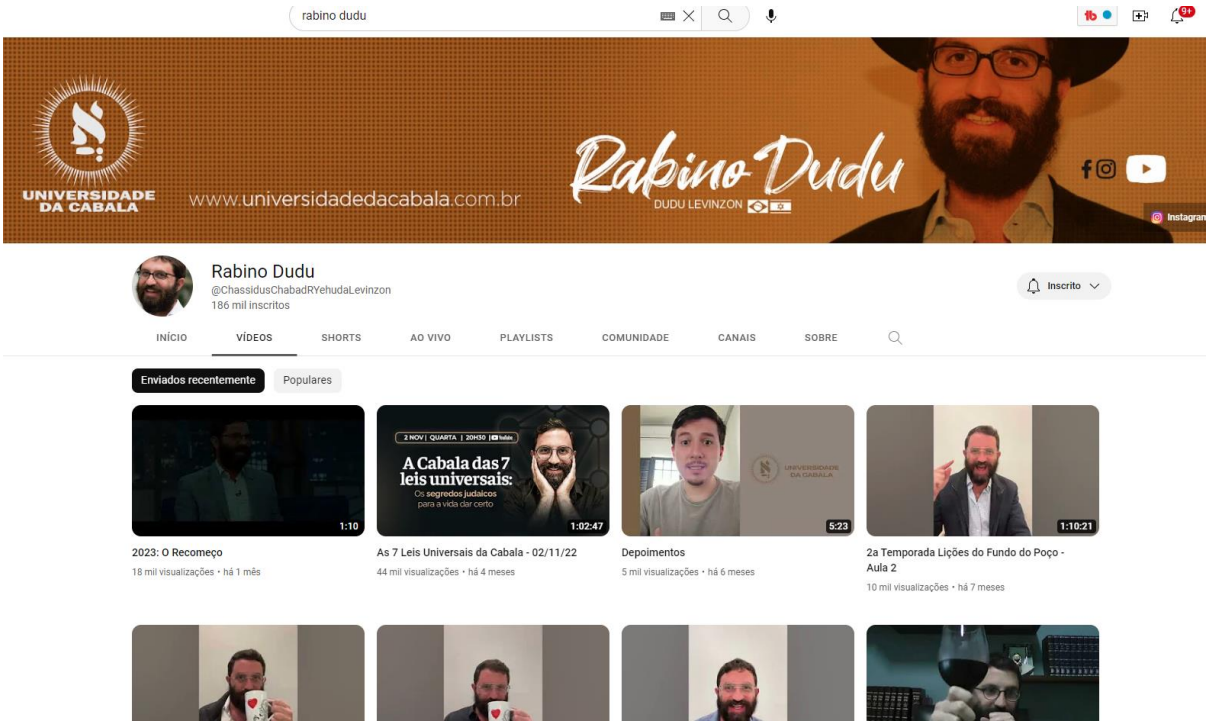
Este canal é apresentado pelo Rabino Eduardo Levinzon, que estudou em Yeshivot (academias talmúdicas) no Brasil, Israel e Nova Iorque, onde se formou rabino em 2003. Diferentemente do Canal contraste é possível observar que seus vídeos não possuem tratamento especial. As capas de cada vídeo são retiradas da própria imagem do vídeo. Muito provavelmente sugeridas pelo próprio Youtube.

Embora a capa também ocorra já com a oferta de cursos extras em através de assinatura mensal em outra plataforma, a cor bege (marrom castanho) traz um certo desconforto visual e melancolia. Além disso, enquanto a imagem do rabino Rony do canal contraste aparece se sobrepondo em preto e branco ao logo de entrada, proporcionando um “contraste” intencional.

[31] https://www.youtube.com/@ChassidusChabadRYehudaLevinzon

De forma inversa, na capa exposta na figura 5, a imagem do rabino Dudu aparece como marca d'água, sendo encoberta pela cor bege (marrom castanho)

Figura 5- Capa Canal Rabino Dudu



Fonte: Youtube.

A organização dos conteúdos, ou as capas dos vídeos também não recebem qualquer tipo de tratamento. Não há uma linearidade com relação às postagens de conteúdo, sendo a frequência oscilada entre publicações semanais, diárias, e depois ausência de meses.

Outro elemento que fica evidente é a ausência de preparação do cenário, ou ainda, áudio, há sempre uma imprevisibilidade, e ainda, uma postura informal. Um aspecto incomum é a utilização de sua biblioteca em alguns momentos, que também apresenta a exposição de livros tradicionais, e de uma coleção Talmúdica, assim como todos a maioria dos rabinos. O que Van Dijk (2020) aponta como sendo uma forte estratégia para um discurso de poder.

Um aspecto interessante a ser observado é sobre a abordagens dos vídeos, que apesar de apresentarem seus conhecimentos também dentro da Cabala judaica, abordam sempre temáticas de prosperidade financeira, autoajuda e reflexões morais.

As abordagens sempre se aproximam da ideia de teologia da prosperidade, aderindo assim, um cristão mais inclinado ao neopentecostalismo, e portanto, outras espécies de comentários e aproximações.

De acordo com Francisco (2014, p. 208) esse tipo de discurso embasado pelo simbolismo e diversos símbolos que incluem ritos e mitos, são apropriados de forma muito fácil pelos católicos carismáticos e neopentecostais por representar suas “formas simbólicas de devoção e vivência religiosa”.

Dos elementos apontados por Paveau (2022), parece que o canal vai se aproveitar de uma forma bastante ativa da Relacionalidade, já que este é um dos poucos rabinos que aparece constantemente relacionado a outros discursos, recursos midiáticos, e famosos.

Como podemos ver na figura 6, dentre os relacionamentos aderidos pelo rabino Dudu estão programas populares como Danilo Gentili e Pânico da Jovem Pan, além de Podcast como o Jota Jota, entrevistas jornalísticas (CBN), mesa de debates (CNN), e demonstração de relacionamento com o filósofo Pondé e professor Roc:

Figura 6- Rabino Dudu nas diversas mídias

Fonte: Google.

Essa rede de relacionamento pode fornecer uma outra linha de investigação sobre as hibridizações que ocorrem entre os tecnodiscursos, e, os discursos tradicionais, e das confluências de um sobre o outro, já que sem quaisquer tipos de cuidados tecnocomunicacionais, o canal do Rabino Dudu continua crescendo consideravelmente mediante aos outros canais.

3.1.3 Canal Rabino Eliahu Hasky

O canal do Rabino Eliahu Hasky[32] teve início em 2012. Em dezembro de 2022 estava com 156 mil inscritos. Em maio de 2023 o número saltou para 166 mil, representando um aumento de 6,41% em cinco meses, um percentual menor que os dos outros canais anteriores.

Assim como os outros dois canais apresentados, seu canal do Youtube também oferece cursos extras na sua capa principal através de outra plataforma fechada.

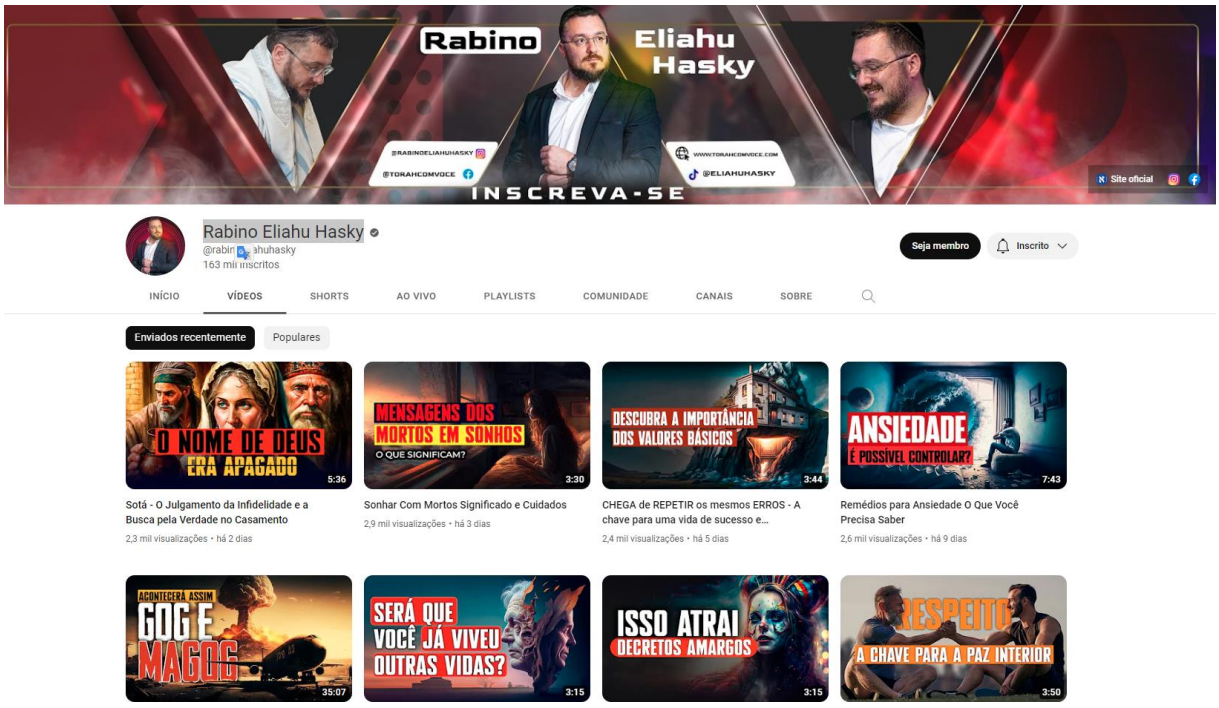
A cor escolhida para sua marca é vermelha e preta. Segundo Pedrosa (2014) esta é uma junção de cor forte, que traz a sensação de poder, a imagem do enunciador aparece 3 vezes de forma nítida, uma no centro, e duas dentro de dois triângulos inversos, recorrendo mais uma vez ao simbolismo, buscando demonstrar um certo domínio das subjetividades que envolvem o mundo religioso, como bem aponta Bourdieu (2009).

As frequências de suas postagens variam de 3 a 5 vídeos por semana.

Em termos gerais o canal parece adotar os seis elementos tecnocomunicacionais preconizados por Paveau (2022), a lembrar :1) Composição; 2) Deslinearização; 3) Ampliação; 4) Relacionalidade; 5) Investigabilidade; 6) Imprevisibilidade.

[32] https://www.youtube.com/@rabinoeliahuhasky

Figura 7- Capa Rabino Eliahu Hasky



Fonte: Youtube.

Apesar de todos os vídeos serem ricamente editados, e o áudio ser cuidadosamente considerado, atendendo os requisitos de composição aludido por Paveau (2022), e ainda buscar atender os outros requisitos, observa-se uma desconexão do cenário em que o enunciador se posiciona, sendo passível de interferência no processo de investigabilidade de redocumentação que as redes constroem.

A frequência com que o apresentador muda de cenário nos dá conotação de alguém que está sempre em viagem, e busca os melhores lugares com fundos claros para fazer suas respectivas gravações, o que prejudicaria as aplicações de uma exigência da Inteligência Artificial quanto a geolocalização.

Figura 8- Cenários apropriados pelo Rabino Eliahu Hasky

Fonte: Youtube.

É importante observar que embora os cenários sejam cuidadosamente organizados, o elemento dos livros e bibliotecas que compõem a maioria dos canais rabínicos, lhes proporcionando o que Maingueneau (2008) chamou de autoridade doutrinal, possa interferir no crescimento e aceitabilidade por parte dos cristãos.

Com relação às abordagens, não segue uma única linha, discorrendo tanto sobre aspectos mais teológicos, quanto sobre prosperidade, emoções e comportamentos.

Desta feita, observa-se que os três canais embora compartilhem da temática Cabala possuem estratégias diferenciadas, especialmente na adoção dos elementos da tecnocomunicação. Portanto, seus públicos e as apropriações, especialmente pelos cristãos como é o caso deste estudo, também se dará em diferentes níveis e abordagens.

Na sequência escolhemos 3 assuntos dicotômicos entre a teologia cristã e o conhecimento cabalísticos que são tratados pelos rabinos para compor nossa análise desse novo ambiente de Ciberfé que está sendo construído.

3.2 O Deus da Cabala e o Deus do Cristianismo

Talvez uma das maiores fragilidades da teologia cristã seja a compreensão de Deus. Acredita-se que desde o Concílio de Nicéia (325 d.C), com a proposta da criação de uma teologia cristã independente de raízes judias o catolicismo tenha deixado uma lacuna substancial para entender a proposta monoteísta deliberada por Abraão.

O ponto principal das discussões, se deram a partir da busca de uma gênese para sustentar uma teologia cristã que se fosse distante do judaísmo ou de quaisquer outras influências que pudessem comprometer a nova igreja romana. Se aceitassem a proposta monoteísta de Abraão, teriam que recorrer aos conhecimentos teológicos judaicos para reconhecer Cristo como o messias Judeu, e, consequentemente estariam sujeitos as acusações de não terem competência para quaisquer tipos de alegações já que por herança, não apenas os conhecimentos, mas também, o domínio e liderança da fé judaica estariam restritos aos levitas.

Por outro lado, o fato de Cristo ser um judeu, e, defender em sua teologia a inclusão de todos os outros povos na proposta de salvação do Deus de Israel, o evidenciaria apenas como um filósofo ou um pregador liberal. Assim, a igreja procurou elevar a posição do discurso de Jesus Cristo como um "novo e único caminho".

O fato é que elevar Cristo como sendo o responsável pela criação de uma nova religião poderia incorrer na acusação de idolatria, uma vez que o próprio Cristo era monoteísta. A alternativa encontrada foi tratar a figura de Jesus Cristo como sendo o próprio Deus encarnado, iniciando assim uma série de tentativas para implementar esse discurso.

Assim, a saída encontrada foi produzir a figura da Santíssima Trindade, onde o Pai, o Filho e o Espírito Santo unidos seriam a manifestação divina. No entanto, esse discurso não foi apropriado de forma tão clara, pois incorria um certo tom de heresia, argumentos usados pela própria igreja para justificar suas perseguições.

Após diversas tentativas, a Patrística[33] de Santo Hilário de Poitiers, escrita no século IV estabeleceu o Tratado sobre a Santíssima Trindade em um momento em que o cristianismo buscava não apenas justificar, mas também, adotar uma diretriz para definir e diferenciar os escritos cristãos e pagãos, bem como, consolidar sua teologia e filosofia. Nesta busca por ortodoxia estava principalmente a constatação de que Jesus Cristo não poderia ser subjugado a

[33] Por patrística se entende o estudo da doutrina, das origens dessa doutrina, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos pais da Igreja (Patrística s/a).

ninguém, nem ao próprio Pai, indo contra quaisquer movimentos que compreendessem Jesus Cristo como um apenas um servo de Deus, como os cristão gnósticos, arianos, helênicos, sabélios, dentre outros grupos que também adotavam a filosofia cristã.

Santo Hilário de Poitiers, nasceu em Gália, e em 356 é um dos participantes do concílio de Bézier, bispo da cidade de Poitiers, dedica-se profundamente na criação de um cristianismo independente de outras crenças, e, dedica-se exclusivamente contra o movimento cristão ariano. Embora tenha sido exilado um período por opor-se aos bispos da Gália, buscando uma ortodoxia escreveu importantes obras que vieram a ser aderidas posteriormente pela igreja.

O cristianismo Católico surge como premissa de que Jesus Cristo não só é uma divindade, mas como o próprio Deus. De acordo com as considerações iniciais dos editores da Patrística de Hilário, versão online:

> O que Hilário e todos os Santos Padres proclamam é o fato da nossa salvação, operada pela Trindade Santa, salvação esta entendida tradicionalmente como deificação. É o que se acha em jogo na luta travada por Hilário e pelos outros Padres contra as heresias, tanto trinitárias como cristológicas.

Agostinho (354-430), em seu livro "Confissões" traduz a angústia de se conceber Deus, que ou seria cruel vendo as mazelas da sociedade e se regozijando colocando como condição para salvação a prostração e salvação, o que o colocaria também como narcisista, ou, Deus seria tão fraco que precisaria competir com Satanás pela alma humana, o que o colocaria no mesmo patamar e força, não sendo portanto, o único Deus.

Agostinho em todas suas confissões desdobra-se em uma luta interna, defendendo a vida devocional como forma de vencer os pecados, e se redimir, inclusive os pecados cometidos durante o período da infância, busca então, uma filosofia e proposta que consiga a emancipação de Deus, que em sua construção acaba sempre por limitá-lo dentro da compreensão humana.

A negação de outras influências na construção da filosofia cristã, e ainda, do próprio judaísmo, fez com que a busca pelo monoteísmo se tornasse confusa, e, de certa forma, produzisse uma lacuna, não só na teologia cristã, mas ao que parece, para os próprios cristãos. Ao tentar estabelecer um único Deus através da explicação da Santíssima Trindade, conseguiu por muitos anos calar as discussões afirmando ser este um mistério divino.

Encontra-se nesta estrutura, a criação de uma mentalidade ocidental que foi doutrinada por milênios a não questionar quaisquer coisas que viessem com roupagem sagrada, ou mais

ainda, que fosse (seja) proveniente dos mandos e desmandos da igreja (ou do líder religioso), sob pena de acusação de heresia, sanção e morte. Assim, cabe (ria) a sociedade se satisfazer apenas com trechos da história, adotando como verdade absoluta, sem nenhuma chance da dúvida ou da investigação.

Segundo Habermas (2015), não é apenas no campo religioso que isso ocorreu, mas em todas as esferas da sociedade, especialmente aquelas que foram (são) produzidas por meio da comunicação como se fosse uma justificativa para essa lacuna do saber, uma enxurrada de definições e conceitos parecem promover um certo preenchimento dos vazios deixados, porém, que pouco ou nada contribuem ao que já está posto. E ainda, impedem o exercício da reflexão crítica.

No entanto, a secularização do campo religioso promovida com auxílio do neoliberalismo, evidenciou a rachadura teológica e o discurso de Jesus Cristo mais do que nunca se tornou demodê, não apenas por não corresponder uma sociedade de consumo, já que seu discussão se limita a transformação pessoal, mas também, pelo fato da teologia não conseguir responder as inúmeras evidências científicas, históricas e arqueológicas que foram sendo trazidas no decorrer dos anos.

Na sociedade contemporânea, as evidências científicas serviram como proposta de crença legítima, a verdade absoluta, uma vez que tem como narrativa se pautar em fatos, e estar disposta a ser a cada instante testada. Por outro lado, a religiosidade parece fazer parte da vida do humano. Segundo Jung (1990) faz parte da própria construção da *psique*, o que significa que deixar esse campo vazio, sem explicações, é um propulsor para problemas mentais que podem ser extremamente danosos.

Assim, a Cabala judaica parece se encaixar muito bem na narrativa contemporânea, já que além de oferecer uma conciliação entre a religião e a ciência, ainda se emancipa com o simbolismo de crença do próprio Cristo. Para preencher a lacuna sobre Deus, a Cabala judaica defende que o monoteísmo na crença de apenas um Deus baseia-se na crença de um Deus tão superior que seria impossível para a mente humana compreendê-lo. Os nomes de Deus que aparecem na Bíblia são apenas manifestações das formas de poder de Deus.

Scholem (2021, p.116) explica que:

> Todos os sistemas cabalísticos têm sua origem em uma distinção fundamental a respeito do problema Divino. Em abstrato, e possível

> pensar em Deus como um Deus em Si, com referência a Sua própria natureza apenas, e em Deus como Sua relação com Sua criação. No entanto, todos os cabalistas concordam que o conhecimento religioso de Deus, mesmo do tipo mais elevado, só pode ser obtido através da contemplação da relação de Deus com a criação. Deus em Si, a Essência absoluta, está além de qualquer compreensão especulativa ou mesmo extática. A atitude da Cabala em relação a Deus pode ser definida como um agnosticismo místico, formulado de maneira mais ou menos extrema e própria do ponto de vista do neoplatonismo.

Essa adesão de Deus como essência divina adotada pelos cabalistas, talvez seja responsável pela liberdade com que George Smith (1875) sentiu ao aproximar as gênesis babilônicas e caldeias da gênese mosaica. Laliga (2011) aponta ainda que a compreensão de Deus na Cabala é tão superior, que suas manifestações bíblicas seriam rapidamente compreendidas como um panteão de subdeuses.

Cabe aqui mais uma vez, relembrar que as palavras de Scholem (2021) sobre Deus como Essência Absoluta, está muito próxima da compreensão de Spinoza, sobre Deus como substância absoluta. Laliga (2011) aduz ainda que através deste pensamento Spinoza conseguiu inovar a compreensão de Deus, explicando através da metafísica e de um novo sistema cartesiano, embasado na lógica e nos números a compreensão sobre Substância absoluta, o que o levaria a ser amplamente aceito na Alemanha, por Leibniz, Albert Einstein, dentre outros.

Em outro trecho, Scholem (2021, pp.116-17), explica ainda que:

> No intuito de expressar esse aspecto incognoscível do Divino, os primeiros cabalistas da Provença e da Espanha formularam o termo *Ein-Sof* (“infinito”). Essa expressão não pode ser identificada como uma tradução de um termo filosófico latino ou árabe. Antes, trata-se de uma hipóstase que, em contextos que lidam com a infinitude de Deus ou de Seu pensamento que “se estende sem fim” (*le-ein ou ad le-ei sof*), trata a relação adverbial como se fosse um substantivo e o utiliza como um termo tecninco. *Ein-sof* aparece pela primeira vez nesse sentido nos escritos de Isaac, o Cego e seus discípulos, particularmente nas obras de Azriel de Girona e mais tarde no Zhoar, no *Ma’arechet ha-Elohut e* em escritos daquele período.

Não se pretende neste estudo tomar qualquer tipo de posicionamento, mas apenas, demonstrar que dentro das bases cabalísticas e da teologia cristã líquida, que fora construída pela Igreja, e, posteriormente adotadas pelo protestantismo, que segundo MacArthur (2017) não

contrariou a formulação de Deus dentro do contexto da Santíssima Trindade Hilariana, se apresentam totalmente dicotômicas no mais dos profundos sentidos.

Enquanto o Deus do cristianismo busca suas explicações dentro da concepção de Deus, unindo Jesus Cristo e o Espírito Santo, inclusive discorrendo sobre os sentimentos humanos de Deus como o amor, a graça, o ódio, a ira, largamente encontrados nas inúmeras obras que compõem a teologia cristã. O Deus da Cabala desassocia todos os elementos e hipóteses aderidos pela igreja cristã, seja ela católica, protestante, pentecostal, neopentecostal, dentre outras, mas sim, evidencia Deus como Substância, Essência ou Energia divina infinita, muito mais próximo das concepções de Spinoza, do Gnosticismo, dos Essênios, e, de diversos outros grupos que no decorrer da história foram apontados pela Igreja como sendo herege.

Refletindo então sobre a dicotomia da compreensão de Deus pela Cabala e pela Teologia cristã, será analisada a adesão por parte de pessoas que se identificam como cristãos e professam aderir a concepção cabalística de Deus.

O vídeo intitulado: Por que Deus não Existe?[34] Foi publicado pelo Canal Contraste em 2021. No mês de maio de 2023 possuía 282 mil visualizações e 487 comentários.

Apropriando-se mais uma vez das estratégias do Tecnodiscurso, o enunciador inicia o vídeo questionando se Deus realmente existe, utilizando-se de uma enunciação aforizante, o que Maingueneau (2012) apontou como sendo uma estratégia de discurso análoga a "frase sem texto", ou "uso de provérbios. E, na impossibilidade do ouvinte (neste caso o internauta) voltar-se à resposta, acaba por sucumbir às reflexões e direcionamentos do enunciador.

A condução do discurso do rabino Rony segue exatamente as indicações de Maingueneau (2012, p. 17):

> O "aforizador" assume o *ethos* do locutor que adquire importância, do indivíduo autorizado no contato com uma Fonte transcendente; ele não se dirige a um interlocutor posto no mesmo plano que ele e que pode responder, mas a um auditório universal. Ele é visto como enunciando sua verdade, dispensada de negociação, exprimindo uma totalidade vivida: quer seja uma doutrina ou certa concepção da existência. Através da aforização vê-se coincidir sujeito de enunciação e Sujeito no sentido jurídico e moral: alguém se coloca como responsável, afirma valores e princípios diante do mundo, dirige-se a uma comunidade para além dos alocutários empíricos que são seus destinatários.

[34] https://www.youtube.com/watch?v=1zTmulEysig

O trecho acima produzido por Maingueneau (2012), embora volte-se a definir o contexto da enunciação aforizante parece ter sido construída a partir da análise dos elementos utilizados neste vídeo, justamente, expondo o *ethos* do locutor na explicação da Fonte transcendente e, neste caso também imanente. O simbolismo que remete toda a construção do canal, e do próprio enunciador, como já demonstrado acima, o confere o signo de autoridade, traduzindo então qual seria a verdadeira ideia sobre Deus.

Assim como aponta Cazarotto (2015, p.124) "os simbolismo ideacionais são fundamentalmente as âncoras de todas as narrativas". No vídeo, o Rabino explica Deus dentro do contexto cabalista, ou seja, apesar de ser o criador, ele é o criador porque criou a própria criação. Deus sendo Eterno está fora da concepção de tempo, ou qualquer início de nossa ideia de criação. Ou ainda, possui qualquer tipo de sentimentos humanos, já que foi Ele que criou os sentimentos, e, portanto, não está subordinado a nenhum tipo de sentimento.

A própria criação do mundo, a partir do inexistente é criação da inexistência, ou seja, a inexistência também seria criação de Deus, qualquer comparação com conceitos humanos são metáforas para que o ser humano compreenda. Por isso, as expressões metafóricas buscam evidenciar atributos divinos para aquele momento.

O Rabino ainda explica que os seres humanos, o planeta e os universos que conhecemos são apenas uma criação limitada de Deus. O conhecimento literal exposto na Torá, é apenas uma forma de fazer com que pessoas de quaisquer níveis possam buscar compreender, porém, na medida que se estuda, o conhecimento vai adquirindo níveis, que expressarão de uma forma mais próxima a compreensão de Deus.

Deus é tudo, e suas *sephirots* se manifestam de todas as formas como partes da manifestação, inclusive na natureza. Tudo é Deus!

Figura 9- A inexistência de Deus

Fonte: Youtube.

Na figura 10, o rabino Rony utiliza-se da ideia de manifestação de Deus, deixando uma lacuna para que o internauta compreenda o significado destas expressões.

Figura 10- A Expressão de Deus

Fonte: Youtube.

Nota-se portanto, que o discurso enunciado neste vídeo, caracterizado também como um discurso aforizador ocorre dentro de diversos sentidos e símbolos, que são reforçados pela construção prévia do *ethos* do enunciador. Ou seja, o fato de ser homem, judeu, rabino, cabalístico, compreender os ensinos bíblicos através do hebraico, e dirigir-se a uma sociedade que possui uma teologia liquida incapaz de conceber a ideia de Deus, já que acabou por menorizar Deus ao mesmo patamar de Jesus Cristo, sendo então uma espécie de idolatria. Essa é umas das concepções ideológicas construídas tanto no Canal Contraste como no Canal do Rabino Eliahu Hasky que apontam para os cristãos como idólatras, e, portanto, afastados de Deus, que vão reverberar em "*pseudo* conversões para professarem suas respectivas nova fé através do Ciberespaço".

Abaixo, é evidenciado alguns comentários de pessoas que afirmam ser cristãos e, que acusam a aderir o discurso cabalístico sobre Deus. Todos os tecnocomentários separados para análise podem ser definidos como comentários relacionais de agradecimento.

De acordo com Paveau (2022, p.116), este tipo de comentário pode ser definido como:

> Forma relacional no limite conversacional, o comentário-agradecimento realiza um ato performativo, sem, no entanto, produzir um discurso sobre o conteúdo do texto primeiro. Semelhante ao *small talk* (conversa breve e informal), o comentário agradecimento tem uma função principalmente social.

Desta forma, compreendendo a tipologia dos comentários e suas funções sociais, bem como interacionais, as análises também serão realizadas através de reflexões semióticas, principalmente aquelas que evidenciam tanto a fragilizada teologia cristã, quanto a busca por explicações, pertencimento e reterritorialização da fé dos internautas.

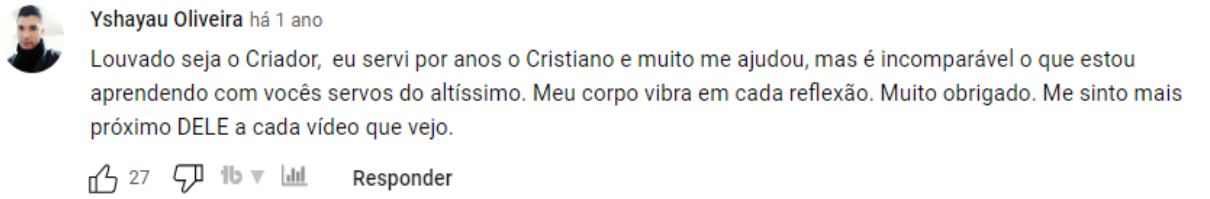
Barros (2014) explica que o estudo da linguagem e da comunicação acabam por si só sendo multi e interdisciplinares, já que precisam buscar subsídios para compreensão dos "vãos" dos diferentes discursos.

Assim, notam-se comentários que apresentam vertentes e anseios diferentes no processo relacional de agradecimento, apesar de todos evidenciarem o fato de ser cristão. Cada um dos comentários produz elementos que permite que sejam analisados em contextos distintos.

Embora tenham sido selecionados apenas alguns comentários, todos eles possuem aderença e concordância de outras pessoas que deixam suas mesmas palavras através do sinal positivo abaixo do comentário.

No primeiro comentário o usuário com nome de “Yshayau Oliveira” relata que serviu durante o cristianismo, alegando não ter tido nenhuma instrução mais profunda sobre Deus, e apontando o rabino judeu como servos do altíssimo. Outras 26 pessoas apontaram compactuar com seu comentário.

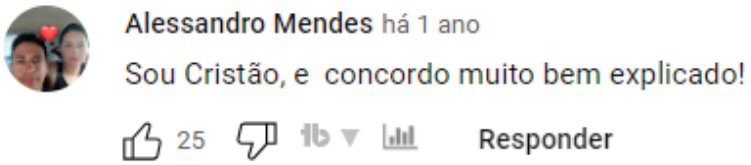
Como pode ser visualizado abaixo:



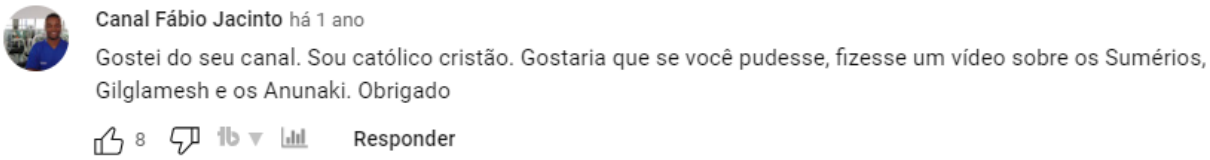
Embora o internauta não aponte sobre qual cristianismo ou religião está se referindo, suas colocações, especialmente na forma com que ele se refere aos judeus, parece remeter a uma vertente neopentecostais ou carismática. De acordo com Francisco (2014) o neopentecostalismo brasileiro buscou em muitos *pseudo*s rituais judaicos uma alternativa para propor experiência religiosa aos seus seguidores. No entanto, com falta de fundamentos dentro da teologia cristã que pudessem sustentar quaisquer práticas e ritos, acabou por evidenciar que se estes “provinham dos pais da fé”, ou seja, dos judeus, seriam inquestionáveis.

Francisco (2014) ainda aponta que uma das principais propulsoras dos elementos judaicos em seus cultos e, consequentemente a apropriação equivocada de seus ritos foi a Igreja Universal do Reino de Deus, que encontrou nos signos, símbolos e objetos, elementos místicos que poderiam ser utilizados para promover experiências de consumo sem quaisquer tipos de acusações ou resistência por parte dos fiéis, já que como “explicação” teológica dogmática poderia ser esgotado referindo-se aos judeus como sendo os “pais da fé cristã”.

O internauta “Alessandro Mendes” faz uma auto afirmação de ser cristão e concordar com todos os apontamentos realizados pelo rabino Rony sobre Deus, o que como já foi evidenciado, demonstra a dicotomia existente entre a forma com que a teologia cristã concebe Deus. Outras 25 pessoas compactuaram com seu comentário.

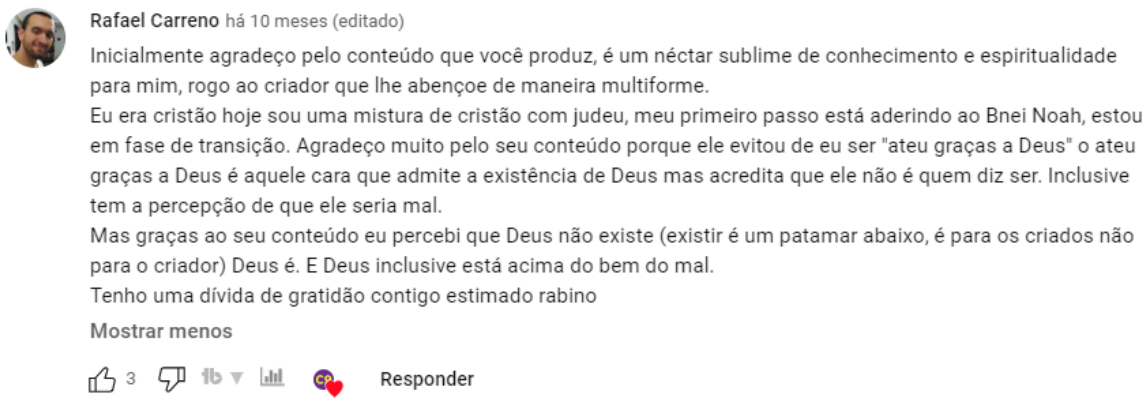


O usuário “Canal Fabio Jacinto” parece atuar também dentro de um comentário relacional link, o qual ao mesmo tempo que comenta agradecendo, busca promover seu próprio canal. Apesar de não apresentar nenhum link de forma explícita, conforme aponta Paveau (2022) aparece com o nome de seu canal, evidenciando-se como cristão católico, porém, solicitando o desenvolvimento de assuntos que não são pertencentes a Cabala. De acordo com Paveau (2022, p.116), esse tipo de comentário podemos chamar de egocêntrico, no sentido literal do texto. Porém, mesmo assim, outras 8 pessoas compactuaram com seu comentário.



Já o internauta “Rafael Carreno” aponta os conhecimentos cabalísticos como sendo um “néctar” para preencher o vazio existencial deixado pelo cristianismo. Evidenciando assim, que os cristãos por se sentirem deslocados e suprimidos de explicações iniciam uma jornada existencial.

O afastamento das discussões teológicas que se deram após o capitalismo, evidenciando um mundo Pós-Deus (SLOTERDIJK,2019); a morte de Deus na cultura (EAGLETON, 2014), ou ainda, apropriação da religião como mercado, como preconizado por muitos autores anteriormente citados, cria um espaço de vazio, e busca incessantes por novos territórios que possam trazer a ressignificação religiosa. Outras três pessoas compactuaram com seus comentários.

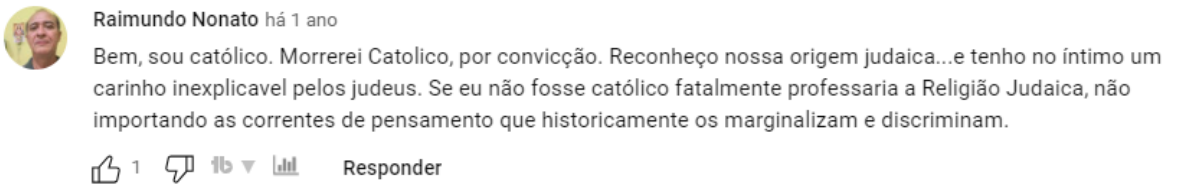


Quando o usuário afirma ser “uma mistura de cristão com judeu”, evidencia seu deslocamento e desconhecimento profundo de ambas as teologias, já que o judeu não acredita que Cristo seja o Messias, como será discorrido neste estudo. Muito pelo contrário, para o Rabino Rony do Canal Contraste e o Rabino Eliahu Hasky, os cristãos são idólatras e ignorantes. No entanto, parece aderir a um terceiro movimento, que procura dentro de uma incongruência, e com bases ainda mais líquidas unir os dois movimentos. Nota-se que o internauta não menciona ser um judeu messiânico, mas sim, um cristão-judeu, levando a entender que os conhecimentos cabalísticos estão sendo empregados a partir de suas próprias concepções das aulas virtuais.

Habermas (2015) já teria apontado que o fato das discussões religiosas terem se distanciado do campo da ciência e da razão, levou a sociedade líquida a se apropriar de elementos religiosos de forma a adequar suas próprias concepções, dentro do que para o indivíduo pareça ser mais razoável.

Francisco (2014) também apontou que a religião que fora apropriada pelo capitalismo e que busca o tempo todo promover experiências, acabam uma hora ou outra por ser insuficiente, fazendo com que os indivíduos exerçam sua religiosidade em constante trânsito religioso.

Por fim, o último comentário evidencia, mais uma vez, a teologia cristão como tendo bases líquidas, porém, que ainda afetam a consciência racional de uma forma ativa.



Branco (2021), assim como Armstrong (2007, 2021) apontaram que uma das estratégias usadas pela igreja para manter o seu discurso de poder, foi a ideia de uma fé cega e inquestionável, ou seja, o discurso de que qualquer questionamento do que estava sendo exposto pela igreja deveria ser considerado heresia ou pecado.

Desta forma, não importava aos fiéis se aprofundar ou conhecer quaisquer aspectos mais íntimos, filosóficos ou dogmáticos da religião, já que isso poderia subsidiar questionamentos contrários, e consequentemente, ocasionar o pecado ou heresia.

O relato acima do usuário “Raimundo Nonato” evidencia essa mentalidade através de uma constante afirmativa de ser um cristão católico, viver e morrer como sendo cristão católico, no entanto, considera que se não fosse católico seria um judeu, evidenciando mais uma a tese aqui defendida.

Eagleton (2014) relata que a defasagem entre as razões da fé religiosa não é um assunto contemporâneo, muito pelo contrário, Spinoza (2021) já apontara que a fé religiosa criada pela teologia cristã ocasionara uma espécie de ilusão, que cegou o povo, e lhes tirou capacidade de reagir. No entanto, apesar de muitos intelectuais aderirem às ideias de Spinoza, ele acabou sofrendo uma tentativa de homicídio e terminou seus dias isolado.

No século XVII, Spinoza sofreu uma verdadeira perseguição dos teólogos cristãos e até mesmo rabinos judeus, por considerarem suas obras provenientes do demônio. Enquanto Spinoza tentava buscar uma fé - racional, também acabou por prever um destino da teologia cristã que agora evidenciamos. Em seu livro, tratado teológico-político considerou:

> Os piores hipócritas, animados pela raiva a que chamam de zelo pelo direito divino, perseguiram por toda parte homens insignes pela sua honestidade e reconhecidos pela sua virtude e, por isso mesmo, malvistos pela plebe, reprovando publicamente as suas opiniões e inflamando contra eles as fúrias da multidão. E esse abuso descarado, porque se acoberta sob a aparência de religião, não é fácil de reprimir (SPINOZA, 2014c, p. 35).

Mesmo que o judaísmo ortodoxo nunca mais tenha aceitado Spinoza depois de sua expulsão, de certa forma, hoje se beneficia de seu legado. Por outro lado, se a Teologia tivesse atentado para sua filosofia, especialmente a protestante e reformada, talvez tivesse oportunidade de rever suas estratégias.

No entanto, parece que esta omissão também está sendo responsável por seu fim. Como já demonstramos no decorrer deste estudo mais de uma vez, a igreja cristão está cada vez mais perdendo espaço para outros movimentos. Porém, até agora, nenhum dos movimentos que reconhecemos no Brasil, tenha se apresentado tão enfaticamente contra a figura de Cristo, ou ainda, contra o cristianismo de uma forma geral, e ainda tenha conseguido adesão por parte de cristãos, tampouco, que essa ideologização se dê apenas no espaço da ciberfé, como parece o fenômeno que está ocorrendo sendo encabeçado especialmente por estes dois rabinos.

Dentro destas colocações, por fim, serão analisadas as abordagens dos rabinos com relação à figura de Jesus Cristo, seus argumentos e formas de enunciados, e por fim, alguns comentários que apontam para uma "pseudo conversão" e formas de atuação e expressão religiosa dentro do contexto do território da "ciberfé".

3.3 Jesus não é o Messias?

Cabe esclarecer no início deste tópico que a Cabala que está sendo apresentada pelos rabinos ortodoxos investigados através da Plataforma do Youtube, trata-se de uma linha cabalística provavelmente com herança dos Fariseus. Para esta linha cabalística a figura de Cristo aparece como um judeu que fora concebido por Maria após trair seu marido José com um General Romano que eventualmente também de chamava José. Maiores detalhes da história serão melhor evidenciados na apresentação do discurso dos apresentadores, especialmente do Rabino Eliahu Hasky.

Essa é uma é que a história contada trata-se de uma versão existente no livro de "Toled Yesdu". É uma obra judaica que, de acordo com Klauck (2007) teve como intuito principal "desmontar" o movimento cristão que crescera muito rapidamente. Ainda hoje há uma discussão sobre a real data desta obra. No entanto, ainda deve se considerar que na época de Jesus Cristo a figura do Messias Judeu era muito aguardada, e que surgiram vários Messias.

Kaluck (2007, p. 254) aponta ainda que:

> [...] Uma versão segura, ao mesmo tempo canônica e autorizada das Toledot Yeschu, a que poderíamos recorrer jamais existiu. O estado de transmissão da obra estava em constante transformação. Nem mesmo possuímos confiáveis, o que nos obriga a trabalhar com manuscritos e textos impressos da era moderna. Isso se deve ao fato de a obra ter um caráter de literatura subversiva, ocultando-se, por razões evidentes, a sua existência aos cristãos, tendo sido divulgado apenas de mão em mão.

Acredita-se que a dicotomia entre os enunciados pelos rabinos e a forma com que o cristianismo teoricamente enxerga Jesus, seja uma das maiores demonstrações não apenas da fraqueza da teologia líquida que foi formulada pela igreja cristã a partir de Constantino, mas

também, no distanciamento de qualquer espécie de capacidade de pensamento crítico na apropriação da religiosidade por parte da sociedade contemporânea.

Eagleton (2014, p.39) pode fornecer uma pista para essa dicotomia:

> O problema é que qualquer ideologia eficaz deve desempenhar as duas tarefas ao mesmo tempo. Para ter credibilidade e assim conquistar a anuência geral, ela deve enraizar-se no que os homens e mulheres de fato fazem; mas, em uma sociedade movida pelo apetite e pelo interesse próprio, correrá o risco de refletir os mais detestáveis valores, deixando, assim, de legitimar a ordem social. Numa sociedade racionalizada talvez a religião possa sobreviver refletindo a lógica retificada da vida cotidiana, como na religião "natural" ou racional" do Iluminismo. Mas poderá então esgotar seus próprios recursos simbólicos.

Talvez, por inúmeros fatores dos quais já se percorreu neste estudo, a falta de base teológica tenha culminado para essa idiocrasia religiosa. Ao produzir uma teologia líquida, que aos poucos foi perdendo espaço para o capital, e, sendo usada como mais um agente de econômico participante do mercado, e a apropriação da religiosidade dentro dos "*modus operandi*" individuais, tenha se tornado um ambiente fértil para incapacidade de reflexão de qualquer tipo de identidade.

Lembremos que o Judeu, Jesus Cristo durante seu ministério priorizou as mensagens de amor e paz, e ainda, defendeu que todos poderiam ter direito aos reinos dos céus se seguissem um caminho de reforma individual. De acordo com o Livro de Lucas, 23:38; Marcos 15:26; Mateus 27:37; João 19:19. Ao ser crucificado havia uma placa em cima da cruz onde constava escrito que Jesus Cristo era o Rei dos Judeus, se referindo ao messias que era esperado pelos Judeus, e, que se tornaria Rei de toda Israel.

A aceitação de que Jesus Cristo era o messias esperado pelos judeus foi o discurso de conversão usados por todos os Apóstolos que também eram judeus, bem como, pelos demais seguidores, e, ainda, foi o motivo para ser uma filosofia adotada por diversos grupos de cristãos primitivos, e ainda, pela própria formação da igreja.

Teoricamente, as mensagens de Cristo deveriam compor a base da fé e da teologia cristã, Porém, o que temos evidenciado no decorrer desta tese é que essas mensagens parecem não ter sido consideradas apropriadas para manutenção de qualquer Poder humano sobre os demais. Na verdade, o discurso de Cristo já nasceu demodê, pois de acordo com os escritos encontrados em Nag Hammadi, uma das preocupações do próprio Cristo seria a preocupação

era a formação de igrejas e movimentos que pudessem distorcer seus ensinos (BRANCO, 2021).

Todos os escritos demonstram não apenas Jesus Cristo como sendo um Judeu, mas uma Judeu que possuía profundos conhecimentos Cabalísticos, incluindo toda a mística judaica que agora é "parcialmente" abordada de forma aberta pelos rabinos cabalistas judeus ortodoxos.

De acordo com Klauck (2007) os livros encontrados em Nag Hammadi, não apenas conhecido por parte da Igreja Católica, mas seu conteúdo considerado polêmico e citado durante muitos momentos iniciais da Igreja Católica, evidenciando desde o início a criação da teologia cristã com base nos interesses daqueles que ocupavam os cargos de Poder.

O primeiro de Concílio realizado em Niceia no ano de 325 d.C, pontuou que a teologia cristã se distanciaria das demais, apresentando um novo caminho, e portanto, Jesus Cristo teria o mesmo valor representativo do Deus Pai. Porém, incomodado com esta afirmativa, com reconhecimento e posse de muitos outros escritos, o Imperador Constâncio, filho de Constantino, realiza no ano de 359 d.C, o Concílio de Rimini, com aproximadamente 400 bispos, onde o tema principal era defender a controversa sobre Cristo, especialmente sob as acusações dos bispos arianos de que Jesus Cristo não era igual ao Pai, mas semelhante ao Pai. Esse Concílio terminou com a realização de um Novo Credo, levando inclusive à acusação e expulsão e exílio dos que defendiam que Cristo era a mesma substância como Pai, dentre eles o próprio Hilário, de quem posteriormente vai ser adotado o Tratado da Santíssima Trindade.

No ano de 382, foi realizado o Concílio de Roma (382), sob a autoridade do Papa Dâmaso I, invalidando o Concílio de 359, aderindo todos os que tinham sido expulsos e exilados novamente, e, de forma inversa expulsando e exilando todos que defendiam a ideia de que Cristo era apenas semelhante ao Pai, e não pertencente ao próprio Pai.

Neste decreto foram mencionados os livros que seriam aceitos como livros canônicos, e os que seriam considerados como livros heréticos, queimados, e seus adeptos mortos acusados de heresia. Neste momento o Tratado da Santíssima Trindade é aceito. Posteriormente, o Papa Gelásio (492-496) escreveu o *Decretum Gelasianum*, apontando uma lista com os nomes dos livros que a igreja condenou, onde é citado todos os livros encontrados posteriormente em Nag Hammadi.

Os conteúdos cabalísticos mencionados pelo próprio Cristo ao ensinar seus discípulos disponíveis por exemplo do Evangelho de Tomé, no Pistis Sophia, no Evangelho de Maria

Madalena, dentre outros, poderiam trazer muitas explicações para a adesão dos cristãos ao misticismo cabalístico, porém, para não comprometer os objetivos deste estudo, esta alusão com maior profundidade será realizada em outro momento.

A observação que cabe neste momento, é a constatação de que a Cabala é um conhecimento que antecede muito antes de Jesus Cristo, não retrata, até onde se tem conhecimento sobre Jesus ser ou não o Messias, essas discussões ficam à mercê de alguns rabinos já na Era Cristã, especialmente daqueles que queriam encontrar mecanismos para refrear o movimento cristão.

Scholem (2021) aponta inclusive que no final do século XIII muitos judeus convertidos ao cristianismo na Espanha passaram a influenciar o desenvolvimento de uma Cabala Cristã. Esse movimento parece ter sido positivo, já que o autor aponta que:

> Do século XV em diante, em certos círculos cristãos de persuasão mística e teosófica, começou a se desenvolver um movimento com o objetivo de harmonizar doutrinas cabalistas com o cristianismo e, sobretudo, de demonstrar que o verdadeiro significado oculto dos ensinamentos da Cabala apontaria para uma direção cristã. Naturalmente, essas opiniões não tiveram recepção amistosa por parte dos próprios cabalistas judeus, que expressaram puro desdém diante dos equívocos e das distorções da doutrina Cabalista (SCHOLEM, 2021, p. 247).

Assim, a adesão dos conhecimentos da Cabala já teriam sido evidenciadas por alguns cristãos, que tinham como foco principal a composição entre os ensinamentos da Cabala e o reconhecimento de Cristo como o Messias, inclusive, apontando na própria Cabala sua demonstração.

De acordo com Scholem (2021) n o século XVII a Cabala cristã recebeu ainda dois grandes nomes que impulsionaram a difusão destes conhecimentos, o filósofo Jacob Boheme e Christian Knorr von Rosenroth.

Jocob Boheme foi um filósofo luterano e místico que viveu entre os anos de 1575 e 1674, que produziu muitos escritos sobre os conhecimentos cabalísticos dentro do cristianismo. Na 36ª questão de seu livro: “As quarenta questões: sobre a origem, a essência, a substância, a natureza e a propriedade da alma; e sobre o que ela e, de eternidade em eternidade, Boheme alude sobre a alma de Cristo o Messias (BOHEME, 2018). As discussões cabalísticas realizadas por Boheme de forma aberta, e extremamente fértil, levaram à sua expulsão pelo pastor

Gregorious Ritcher, que mais tarde viu seu filho Johan G. Gichtel se tornar discípulo de Boheme.

O também luterano, Christian Knorr von Rosenroth nasceu a Polonia em 1631, e faleceu na Alemanha em 1689, era um acadêmico cristão cabalista, voltado às investigações línguas antigas, inclusive orientais e cabalísticas. Dedicou-se também ao Hebraico para encontrar evidências de Cristo como sendo o Messias já postulado na numerologia cabalística, assim como afirmavam os primeiros cristãos cabalistas do século XIII, o qual preconizavam que *Adam Kadon* era Jesus, e, que as tr*ês sephirot* espirituais traduziam a santíssima Trindade (ROSENROTH, 2004).

No entanto, devido aos movimentos ortodoxos e conservadores dentro do cristianismo, especialmente no protestantismo, aos poucos o conhecimento cabalístico cristão passou a ser adotado por um pequeno e seleto grupo de intelectuais, sendo um dos fundamentos das bases teosóficas da maçonaria, e em outros círculos teosóficos restritos (SCHOLEM, 2021).

Porém, mesmo que a história evidencie estudiosos cabalistas cristãos, e ainda muitas obras provenientes destes cabalistas, que buscavam evidenciar a existência de Jesus como Messias, segundo os conhecimentos cabalísticos, nem de perto os movimentos observados nos canais brasileiros analisados apresentam qualquer tipo de empatia ou aproximação do cristianismo. Ou ainda, as pessoas que se identificam como cristãos fazem quaisquer tipos de comentários ou tragam discussões dentro dos conhecimentos da Cabala cristã, muito pelo contrário, parecem aceitar os discursos enunciados sem nenhuma espécie de filtro.

Eagleton (2014, p.47) aludiu que:

> Se o espirito religioso da modernidade pode ser vago, será entre outros motivos porque uma versão diluída da fé atende mais ao gosto de uma era cética do que uma versão doutrinária. Devidamente escoimada de seu dogma, ela e tão facilmente acoplada a modos seculares de pensamento, podendo assim preencher vazios ideológicos e oferecer soluções espirituais de maneira mais persuasiva que a própria religião ortodoxa.

Nota-se portanto, que o espírito religioso da modernidade pode se apresentar tão contraditório quanto suas raízes de pensamento. Ao contrário do que Eagleton (2014) parece que a liquidez teológica dogmática está levando certo grupo a buscar preencher tal vazio justamente com a ortodoxia judaica, sem quaisquer ressalvas ou reticências em suas afirmações, mesmo que estas afirmações sejam contra o próprio Cristo como sendo o messias.

Talvez Eagleton (2014) ao evidenciar a “morte de Deus” tenha se centrado na realidade americana e europeia, que adotou e se construiu historicamente nos meandros de uma teologia deficiente e incompleta, onde o cientificismo, a secularização e o capitalismo não tiveram muito esforço para adentrar, já que suas bases não conseguiam sustentar nem mesmo as descobertas básicas da ciência, como por exemplo, a evolução das espécies, ou ainda, necessitar calar diversos achados arqueológicos tentando enquadrar em discursos heréticos negacionistas.

Eagleton (2014) chegou a aduzir que o Esporte pode ser considerado como sendo a nova forma de experienciar a religião. Talvez, o que não fora considerado pelos estudiosos, é que a falta de consistência da teologia cristã poderia deixar um vazio tão grande que levaria os próprios cristãos, ainda meio sem consciência, a buscar explicações dentro da teologia judaica ortodoxa.

Além disso, não se pode deixar de citar o extremo esforços que as igrejas cristãs brasileiras fizeram para manter seus fiéis nos últimos anos, uma verdadeira corrida mercadológica que levou muitas delas, especialmente as neopentecostais, buscarem nos elementos e signos de prosperidade do judaísmo resposta para atender os anseios de uma crença neoliberal.

Os três rabinos parecem adotar a crença do *Toledot Yeschu* para conceber a figura de Jesus Cristo em suas narrativas, porém, embora os três abordem conteúdos pertencentes a este escrito, considerado como “anti-evangelho”, a forma de seu enunciado ocorrem com profundidade, formas e com objetivos diferentes.

O Rabino Dudu, assume uma postura carismática, demonstrando respeito e moderação em seu enunciado faz pequenos apontamentos do contexto do *Toledot Yeschu* escolhendo cuidadosamente trechos que embora sejam contrapostos do cristianismo, não trazem tanta agressividade. Já o Canal Contraste, apresentado pelo rabino Rony, concentra-se em evidenciar a figura do Messias com todas as características que não são a de Jesus, porém, sempre a referência de Jesus ocorre dentro de um contexto de subjetividade. O ponto levantado constantemente pelo rabino é a ignorância que os cristãos possuem, e por isso, precisam participar de sua plataforma. Por fim, o rabino Eliahu vai adotar uma figura mais agressiva, não apenas vai contar com profundidade a história do *Tolet Yeschu* em sua completude, como também usar o termo de ignorante e fazer constantes sátiras com os cristãos e com a Igreja. Seu objetivo parece ser criar polêmica e discussões em seu canal, pois assim, gera mais audiência.

As estratégias escolhidas pelos rabinos e a forma com que anunciam suas mensagens influenciam diretamente nos formatos e apropriações que os cristãos aderem ao conteúdo.

Para apresentação e análise escolheu-se uma apresentação de narrativa enunciada gradativa, ou seja, do menos contraditório (o rabino Dudu), perpassando pelo influenciador ideológico (rabino Rony), chegando ao enunciador agressivo (rabino Eliahu).

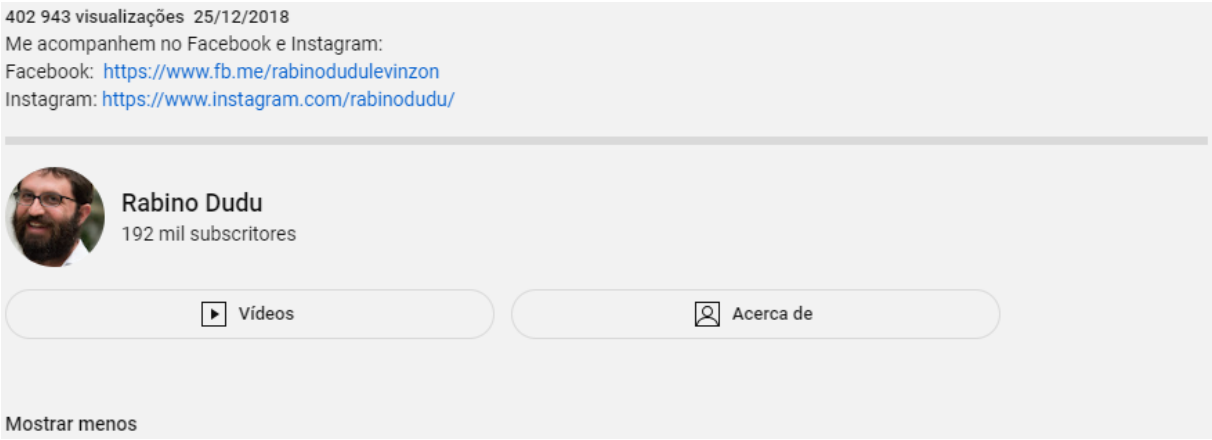
No canal do Rabino Dudu, o vídeo foi publicado em 2019, com o título "A Visão da Cabala Sobre Jesus"[35], a gravação ocorre durante uma aula presencial de 50 minutos aproximadamente, sem qualquer cuidado com os mecanismos tecnocomunicacionais. Tanto na imagem, quanto no som, iluminação ou ainda mecanismos interacionais. Como pode ser observado tanto na figura 11, como na figura 12, não há qualquer preocupação em usar os subsídios de ferramentas propostos pela Plataforma.

Figura 11- Rabino Dudu

Fonte: Youtube.

[35] https://www.youtube.com/watch?v=uQnUHVu8wsc&t=5s

Figura 12- Cenário do uso dos mecanismos tecnocomunicionais pelo rabino Dudu



Fonte: Youtube.

Durante os primeiros 15 segundos o enunciador enfatiza que reconhece que a figura de Jesus foi responsável por influenciar fortemente a história da humanidade, e que isto é uma verdade até mesmo para quem não acredita em religião. Portanto, não há como negar a influência e importância de Jesus.

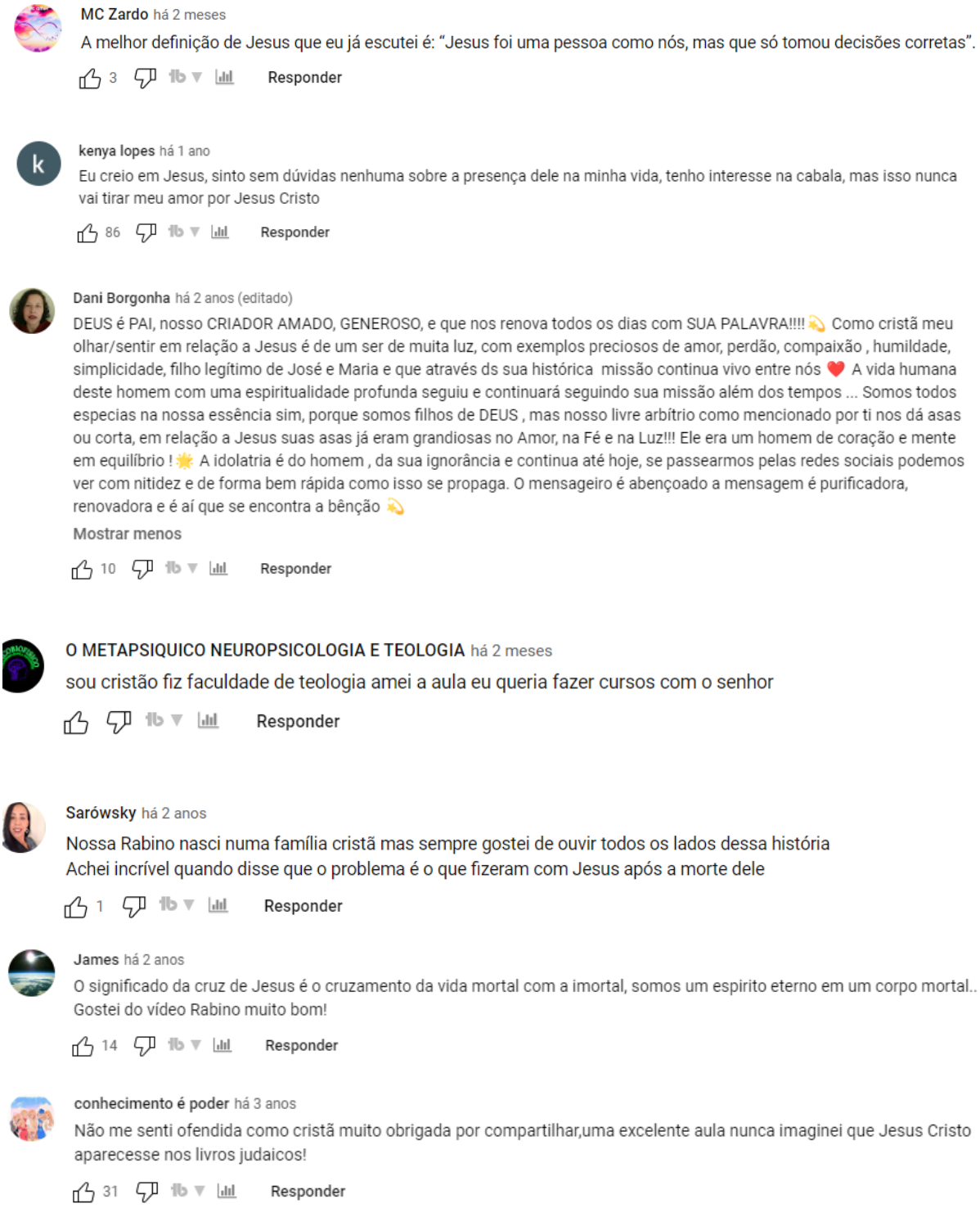
Parece que o enunciador tem compreensão clara da polêmica que pode gerar ao tratar deste tema, no entanto, é fundamental que o trate, a estratégia então é buscar amenizar os aspectos que "emanam influências determinantes, as quais, independentemente da tradição, conferem semelhança a cada indivíduo singular, e até identidade de experiências, bem como da forma de representá-las" (JUNG, 2003, p.68).

Assim, ao elaborar seu discurso, o rabino Dudu relembra em determinados momentos a influência de Jesus sobre a humanidade e a religiosidade e, que apesar do Judaísmo e da Cabala não reconhecerem Jesus Cristo como sendo o Messias Judeu, Jesus foi um Judeu que fez "as coisas certas", cumprindo os 613 mandamentos, e, tentando propagar uma mensagem de paz e conhecimentos.

Segundo o rabino, de acordo com o Talmud, Jesus foi um aluno Cabalista, citado no Guemará em um episódio de ensino, que por não ter sido compreendido por seu rabino decidiu atuar na disseminação de uma nova filosofia. No entanto, mas que não foram os Judeus que crucificaram Jesus, porque no Judaísmo não existe crucificação, se fossem os judeus, Jesus teria julgado e sido apedrejado.

Nesta prática comunicativa carismática atenuante, o rabino Dudu consegue realizar uma ampliação enunciativa e discursiva. Paveau (2022, p. 113) esclarece que neste caso, "a conversacionalidade dos comentários é acompanhada de outra função, raramente notada pelos

analistas: a ampliação enunciativa e discursiva. Ou seja, os efeitos produzidos pelo tecnodiscurso encontraram uma adesão dos internautas de modo que estes se veem evocados a discorrer sobre suas experiências, fazendo colocações próprias, que acabam por intervir no conteúdo enunciado, que neste caso, ocorre de forma positiva, realçando e de certa forma, validando o discurso enunciado.



MC Zardo há 2 meses
A melhor definição de Jesus que eu já escutei é: "Jesus foi uma pessoa como nós, mas que só tomou decisões corretas".
3 Responder

kenya lopes há 1 ano
Eu creio em Jesus, sinto sem dúvidas nenhuma sobre a presença dele na minha vida, tenho interesse na cabala, mas isso nunca vai tirar meu amor por Jesus Cristo
86 Responder

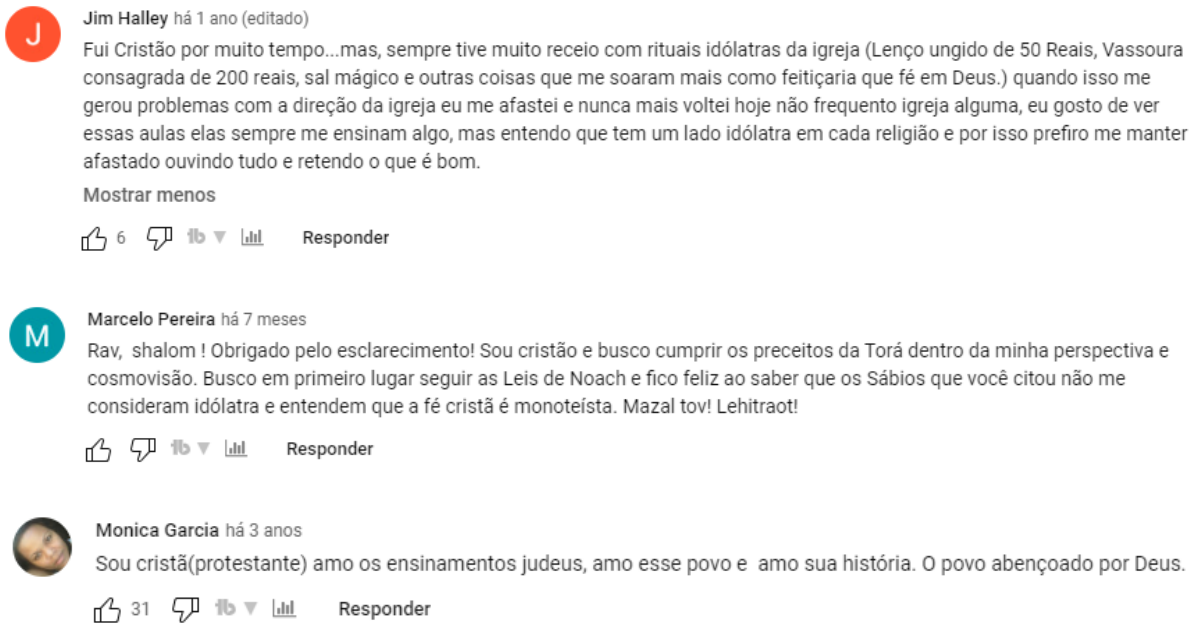
Dani Borgonha há 2 anos (editado)
DEUS é PAI, nosso CRIADOR AMADO, GENEROSO, e que nos renova todos os dias com SUA PALAVRA!!!! Como cristã meu olhar/sentir em relação a Jesus é de um ser de muita luz, com exemplos preciosos de amor, perdão, compaixão , humildade, simplicidade, filho legítimo de José e Maria e que através ds sua histórica missão continua vivo entre nós A vida humana deste homem com uma espiritualidade profunda seguiu e continuará seguindo sua missão além dos tempos ... Somos todos especias na nossa essência sim, porque somos filhos de DEUS , mas nosso livre arbítrio como mencionado por ti nos dá asas ou corta, em relação a Jesus suas asas já eram grandiosas no Amor, na Fé e na Luz!!! Ele era um homem de coração e mente em equilíbrio ! A idolatria é do homem , da sua ignorância e continua até hoje, se passearmos pelas redes sociais podemos ver com nitidez e de forma bem rápida como isso se propaga. O mensageiro é abençoado a mensagem é purificadora, renovadora e é aí que se encontra a bênção
Mostrar menos
10 Responder

O METAPSIQUICO NEUROPSICOLOGIA E TEOLOGIA há 2 meses
sou cristão fiz faculdade de teologia amei a aula eu queria fazer cursos com o senhor
Responder

Sarówsky há 2 anos
Nossa Rabino nasci numa família cristã mas sempre gostei de ouvir todos os lados dessa história
Achei incrível quando disse que o problema é o que fizeram com Jesus após a morte dele
1 Responder

James há 2 anos
O significado da cruz de Jesus é o cruzamento da vida mortal com a imortal, somos um espirito eterno em um corpo mortal..
Gostei do vídeo Rabino muito bom!
14 Responder

conhecimento é poder há 3 anos
Não me senti ofendida como cristã muito obrigada por compartilhar,uma excelente aula nunca imaginei que Jesus Cristo aparecesse nos livros judaicos!
31 Responder



Os comentários demonstram uma empatia do discurso por parte dos usuários, promovendo na ampliação enunciativa relações sociais que discorrem dentro de um espaço harmônico e compartilhado pela maioria dos usuários.

Já o canal Contraste as abordagens surgem provavelmente direcionadas pelas pesquisas que direcionam a imprevisibilidade de conteúdo. Deste canal foram analisados dois vídeos falando sobre o Messias, bem como, as apropriações de pessoas que se identificaram como cristãos nos comentários. O primeiro vídeo, publicado em 2019, e o outro, publicado em 2023.

O primeiro vídeo intitulado “Por que CONTINUAM TE ENGANANDO SOBRE O MESSIAS?”, foi realizado em formato de live, porém, editado posteriormente de acordo com as estratégias de tecnocomunicação. Mesmo sendo uma live, é possível observar os elementos do cenário escolhido, que parece ser seu escritório pessoal.

Logo nos primeiros minutos o enunciador enfatiza que vai usar o hebraico enunciando ser melhor: *Mashiach*, argumenta ainda que, Messias em português é uma palavras que não tem raiz ou uma significado próprio, enquanto em hebraico significa ungido, escolhido por Deus.

Esse exercício do uso constante da língua hebraica pelos rabinos, pode ser considerada como uma estratégia de estabelecer autoridade ao enunciador. Barbisan (2012, p.137) aponta que: “Empregar a *língua* e estabelecer relações entre *signos*, colocados em ação por um *indivíduo* para o outro *indivíduo*”.

As reflexões de Foucault (2015) sobre o uso do conhecimento como ferramenta para a ação do Poder mais uma operacionalizar os desdobramentos da influência sobre aqueles que pouco sabem, ou conhecem. O próprio Rabino Rony vai apontar que o problema do mundo é a ignorância, implementando um certo dispositivo intencional dele ser uma pessoa dedicada a preencher essa lacuna através da oferta de seus cursos.

Figura 13- Utilização da língua hebraica

Fonte: Youtube.

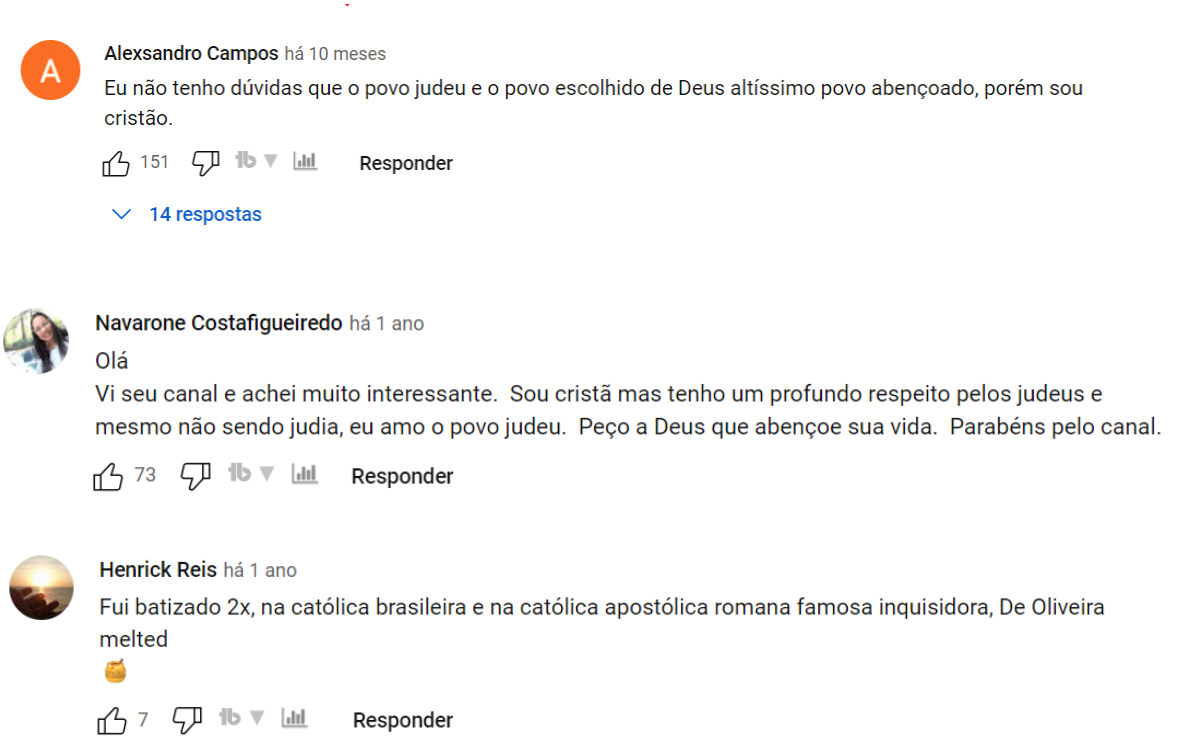
A limitação do saber do cristianismo, e a própria forma de manipulação do saber como estratégia de poder da igreja foi apontada por Foucault (2015) que considerou que se por um lado a igreja deteve o saber, queimando e retendo quaisquer obras que não lhes fosse convincente, por outro lado, implementou uma ideologia pastoral que estava ligada ao conhecimento individual do pastor com suas ovelhas, trazendo assim, subsídios para manipulações.

"A fim de assegurar-se desse conhecimento individual, o cristianismo apropriou-se de dois instrumentos essenciais que operavam no mundo helênico: o exame de consciência e a direção de consciência. Ele os retomou, mas não sem alterá-lo consideravelmente" (FOUCAULT, 2015, p.361).

O resultado que se percebe ao analisar essas adesões trazem à tona a inversão da estratégia, que agora volta a ser moeda dentro do judaísmo, que repete as mesmas estratégias

de detentores do conhecimento que são evidenciadas no Velho Testamento. Dentro de uma teologia líquida, parece que a religião que demonstrar saber mais, terá maior número de adeptos.

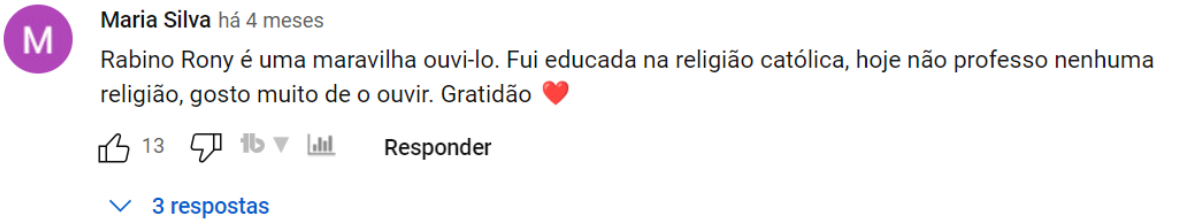
O mercantilismo se apropria muito bem dessa disputa, até mesmo porque o conhecimento juntamente com religião pode apresentar-se como mais uma face de produtos para um mercado sedento, assim como evidenciado nos canais analisados.



O comentário do usuário “Henrick Reis” como sendo batizado em “dois formatos” de “igrejas católicas”, e agora voltar-se contra, evidencia o distanciamento e fragilidade que a Igreja, ou as igrejas brasileiras foram sendo construídas, já que para atuar no território brasileiro perpassam pelas hibridizações culturais que distanciam quaisquer bases críticas com relação aos dogmas pregados por “um líder”.

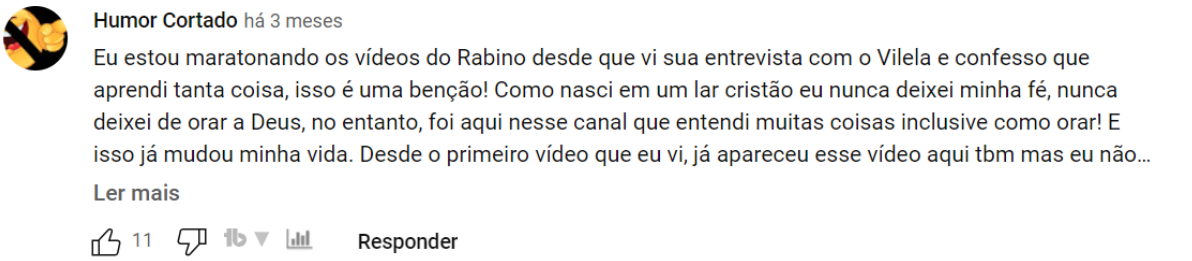
Rosado-Nunes (2004, p. 28) aponta que a problemática da questão religiosa no Brasil foi instaurada desde sua colonização:

> [...] o catolicismo trazidos pelos portugueses forjou uma religião sincrética, “popular” muito distante do catolicismo europeu, romano. Aqui, a mistura de elementos religiosos indígenas e africanos aos rituais, à simbologia e à doutrina católica, associada a escassez de clero, à ausência de uma catequese e educação religiosa mais formalizadas, e a outros fatores como a escravidão dos africanos, ofereceu condições para que se desenvolvesse um “catolicismo tropical”, ou “popular” com características próprias. “Eu sou do candomblé e sou católico”.



Jung (2003) fez uma crítica direta às lacunas deixadas na simbologia cristã, e aqui mencionamos também a teologia cristã, e advertiu sobre a busca de outros signos religiosos para preencher o vazio psicológico. De acordo com Jung (2003, p.26): "o vácuo é preenchido com absurdas ideias" que seriam provenientes diretamente pela desolação espiritual.

> Mas quem não consegue conviver com esses pedantismos doutrinários vê-se forçado a recorrer seriamente à sua confiança em Deus, embora em geral se constate que o medo e ainda mais convincente [...] Nosso intelecto realizou tremendas proezas enquanto desmoronava nossa morada espiritual [...] o intelecto tomado de presunção luciferiana usurpa o trono onde reinava o espírito (JUNG, 2003, p.26).



O vídeo mais recente sobre o tema foi publicado em abril de 2023, intitulado "Por que o Messias MORREU?[36]".

O rabino mantém o enunciado aforista, em seguida emancipando-se através de trechos bíblicos, e traz a informação de que em cada geração existe um messias, porém, o Messias ou Meshiah esperado pelo povo Judeu não veio ainda, pois todas as profecias do livro de Isaias não foram cumpridas. No entanto, um elemento interessante, é que ao fazer as afirmações mais enfáticas sobre Cristo não ser o messias esperado, aparece no canto da tela sua formação, buscando uma emancipação da fala, como pode ser observado na figura 14.

[36] https://www.youtube.com/watch?v=BT_oHDrtSoo&t=433s

Figura 14- Menção sobre a formação do Rabino

Fonte: Youtube.

Em certos pontos do vídeo onde ocorrem aparições dinâmicas, em seguida dos trechos bíblicos aparece o convite para que os internautas se associem a plataforma de curso com o seguinte apelo “Estude muito mais”.

Figura 15- Movimento de transição convidando a estudar

Fonte: Youtube.

O rabino Rony afirma que o Messias esperado será um Rei carismático, e ainda que será um líder militar para que todas as pessoas se voltem para os ensinos de Israel. Porém, a cada geração existe um candidato a Messias com estas características, citando que o Rei Ezequias teria um potencial de ter sido um dos Messias, e conclui dizendo que o Messias não pode morrer, deixando intrínseco estar falando de Cristo.

Além do elemento visual, são encontrados os recursos da ampliação, relacionalidade, investigabilidade, onde são adotados todos os recursos tecnocomunicacionais para que a mensagem, em suas diversas formas cheguem aos indivíduos.

Nota-se que esse processo ocorre pelas indicações e comandos que a inteligência artificial da respectiva plataforma vai pontuar.

Na figura 16, observa-se que abaixo do vídeo é dedicado uma ampla inclusão de diversos comandos e detalhes que englobam tanto os aspectos do vídeo, como a apresentação dos outros canais, e o link do produto ofertado.

Figura 16- Elementos tecnocomunicacionais

87 536 visualizações 14/03/2023
O judaísmo acredita que há um potencial messias em cada geração. Esse conceito é baseado na crença de que a chegada do Messias não é algo que ocorrerá apenas uma vez na história, mas sim que pode acontecer a qualquer momento, de acordo com a vontade de Deus.

Os judeus acreditam que o Messias será um líder carismático que trará a paz, a justiça e a redenção para o mundo. Ele será escolhido por Deus para cumprir essa missão e trará a salvação para o povo judeu e para toda a humanidade.

No entanto, a identidade do Messias é desconhecida e só será revelada no momento em que ele se revelar. Por essa razão, a tradição judaica ensina que devemos estar sempre prontos para a sua chegada, seja ela a qualquer momento.

📜 Estude de Forma Aprofundada na ACADEMIA DE MOISÉS:
https://bit.ly/3t2qmEg

🔴 Evento Online e Gratuito com Rabino Rony:👇
https://rebrand.ly/eventogratuitorony

Um ambiente online e único para você aprender de uma vez por todas a Cabalá, o Hebraico e as Escrituras Sagradas de forma verdadeira. A única Academia com aulas em português com rabinos formados pelo Rabinato Central de Israel. Estude com uma equipe que se importa com você! Tenha contato próximo e direto com os Rabinos e faça parte da comunidade mais vibrante de todo o Brasil! Desperte a conexão esquecida entre você e sua origem.

🔥 CANAL DO TELEGRAM: https://bit.ly/3ytPkzh

0:00 - Origem do Messias
1:40 - Profecias sobre o Messias
5:00 - Reconstrução do Templo
6:00 - Carisma e Sabedoria do Messias
8:30 - O Messias da Geração
10:40 - O Rei de Israel
15:40 - Morte do Messias

🚀 Compartilhe esse vídeo: • Por que o Messias...

❤️ Inscreva-se no nosso Canal e Seja Contraste: https://bit.ly/3a7QlCH

✉ Entre em contato conosco: https://bit.ly/3t2qmEg

SOBRE O RABINO RONY GURWICZ:

Rabino Rony Gurwicz se formou Rabino pelo Rabinato Central Ortodoxo de Israel em 2002, e desde então tem se dedicado a inspirar pessoas a fortalecerem o seu contato com Deus.
No ano de 2002 ele foi o Rabino Chefe da maior comunidade do Rio de Janeiro por 5 anos. Após voltar a Israel começou a dar aulas em Casas de Estudos (Yeshivot) prestigiosas em Israel.

Atualmente é o fundador do maior projeto de judaismo da america latina, a Academia de Moisés https://bit.ly/3t2qmEg)

Fonte: Youtube.

Em nenhum momento o rabino Rony menciona diretamente o nome de Jesus Cristo, sempre deixando intrínseco o fato de Cristo não ter atendido todos os critérios para ser o Messias. Em dois meses, esse vídeo reuniu 171 comentários.

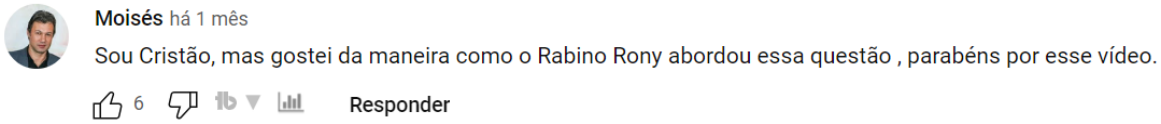
Nos comentários que ocorrem neste vídeo é possível traçar uma profunda reflexão sobre a emergência de se discutir sobre os assuntos religiosos de uma forma racionalizada, pois a mercantilização da fé mais uma vez se desdobra em produtos que podem ocasionar crises sociais, políticas, e de saúde.

Concorda-se mais uma vez com Habermas (2015, p.277) ao ressaltar sobre a "Nova Obscuridade" que foi sendo construída pela incessante busca pelo Poder e Capital. O capitalismo e toda sua fome por poder acabou por "abusar das formas de vidas tradicionais" sem mensurar ou se precaver para as consequências que poderiam ocorrer.

A apropriação do rabino Rony da enunciação aforizante e desatada leva o espectador a aderir seus valores, produzindo um efeito coletivo, assim como Mainegueau (2008) pontuou, e operacionalizando diversos campos da subjetividade humana.

É justamente nesta subjetividade que as novas operações de poder são evidenciadas na sociedade contemporânea, especialmente, com o auxílio de uma tecnologia que acaba por expor padrões de subjetividades que possam ser de alguma forma monetizados, dentro de uma perspectiva de materialização da mente. (ROSE, 2011).

Diferentemente do vídeo anterior, realizado três anos antes, onde os cristãos apenas se apresentam e fazem algum tipo de menção ao compartilhamento de suas crenças com as crenças judaicas, neste, apenas um internauta apontou ser Cristão e aderir o conteúdo. No entanto, seis pessoas compartilharam do posicionamento referido.

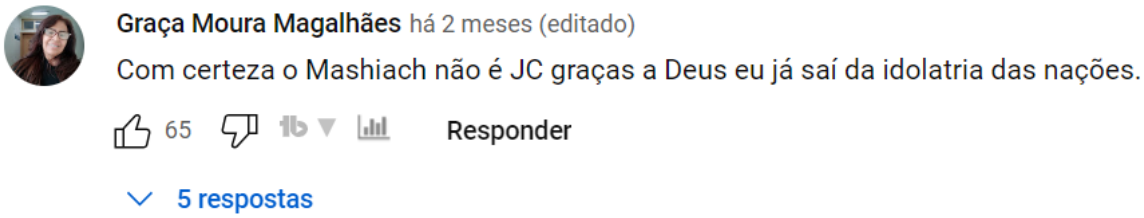


O que se observa nos diversos vídeos do canal é a adoção de uma junção de argumentos que irão atuar sempre demonstrando o desconhecimento dos cristãos do contexto bíblico, e a necessidade desse grupo buscar conhecimento fornecido pelo canal. Bem próximo de uma constituição já evidenciada por Rose (2011) que visa agenciar a constituição psicológica do indivíduo e do grupo, propondo uma espécie de reconciliação através de um conhecimento racional.

Aqui cabe esclarecer alguns descaminhos que podem ocorrer nesta composição de ciberfé:

> A Religião é uma relação com o valor supremo ou mais poderoso, seja ele positivo ou negativo, relação esta que pode ser voluntária ou involuntária; isto significa que alguém pode estar possuído inconscientemente por um "valor", ou seja, por um fator psíquico cheio de energia, ou pode adotá-lo inconscientemente. O fator psicológico que, dentro do homem, possui um poder supremo, age como "Deus", porque é sempre ao valor psíquico avassalador que se dá o nome de Deus (JUNG, 1990, p.85).

Nesse vídeo produzido apenas dois anos e meio do surgimento desse canal, muitos comentários de pessoas se referindo como ex-cristãos, que agora estariam "livres do paganismo cristão". Evidenciando as questões centrais que impulsionaram a construção desta tese.



A pseudo-conversão ao judaísmo dentro da Ciberfé pode ser justificada pela experiência de se sentir pertencente à fé basilar. Se associarmos os fatos de que os conhecimentos direcionados são minuciosamente formulados, bem como, a impossibilidade de participação real de uma sinagoga ou comunidade judaica, ficando esse tipo de fé refém da permanência nos grupos dos cursos dentro do ambiente online, remontaremos exatamente as estratégias de consumo e experiência.

Fontenelle (2017, p. 110) pontuou que "a experiência atrelada ao ambiente de venda à associação da mercadoria com alguma imagem ou cenário que provoque certa construção do reino da fantasia e leve ao desejo de compra", produzindo então, a sensação de experiência de pertencer a religião que teria sido base para as outras três maiores religiões do mundo, em um espaço individual cibernético, que está restrito a permanecer nesse espaço.

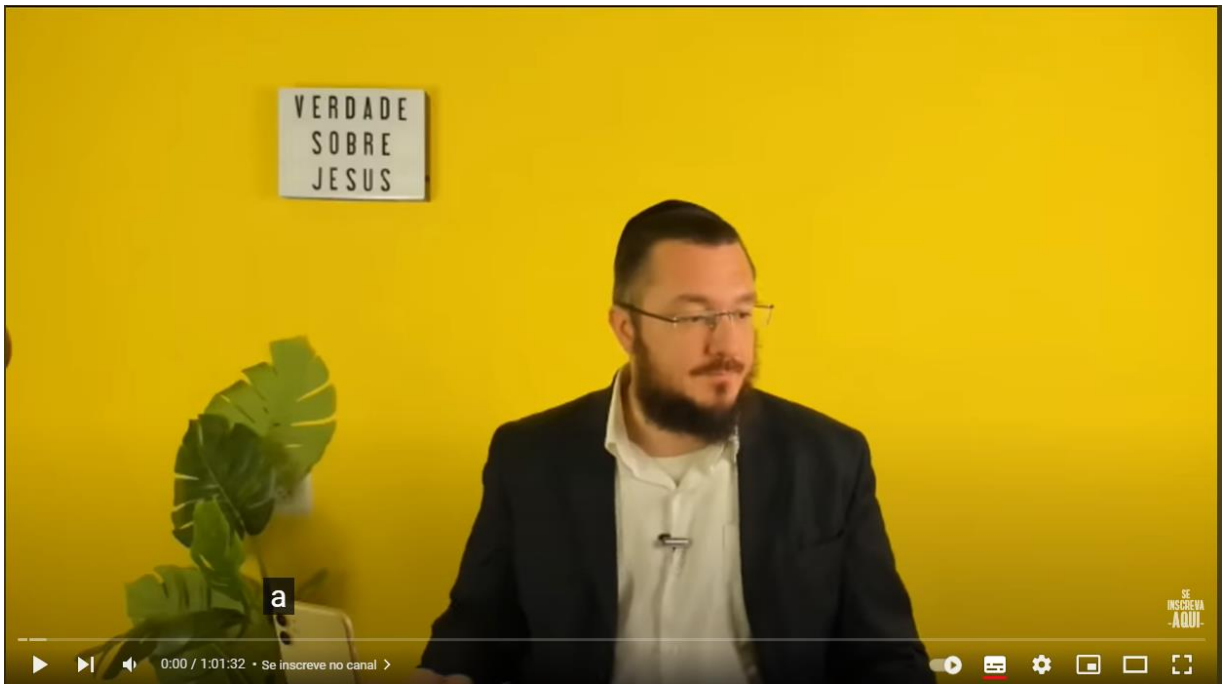
Por fim, no canal do **rabino Eliahu**, ovídeo intitulado "A DURA VERDADE sobre JESUS e por que NÓS NÃO ACREDITAMOS nele?"[37], foi publicado em 2020. É uma live ao vivo que na medida em que os assuntos vão sendo abordados de formas mais enfáticas acaba chegando a mais de mil pessoas on-line simultaneamente. Esse é um dos vídeos com maior número de comentários, chegando a 4629 que foram permitidas pelo moderador.

A linguagem utilizada na construção desse enunciado é agressiva, a proposta do apresentador em "dar uma significação clara para algo obscuro" parece ter causado duplo impacto. No entanto, de acordo com as propostas iniciais era justamente o esperado, "um espetáculo", nada mais atraente para envolver o público popular do que uma boa polêmica, especialmente quando ela ocorre por intermédio da comunicação através das redes sociais. Quando esse contexto envolve questões religiosas, base da construção da experiência humana, os signos e sentidos são aumentados (CAZAROTTO, 2015).

[37] https://www.youtube.com/watch?v=hv5N9g1RRy8&t=2175s

A apresentação do rabino em um fundo amarelo ouro, não se sabe se intencional, já que em outros vídeos seus cenários são brancos, causando uma espécie de incômodo, agitação e até mesmo estímulo participativo (PEDROSA, 2014).

Figura 17- Apresentação rabino Elihau



Fonte: Youtube.

Ele inicia o vídeo contando quase a mesma história que os demais rabinos apenas fizeram menções, porém, completa a história trazendo elementos extremamente contraditórios com a fé cristã. Para melhor compreensão foram compilados alguns contextos principais:

1- Maria era casada com José que era extremamente possessivo chegando a prender a esposa devido sua beleza...
2- Maria teria traído seu marido com outro José romano no dia de Yom kipur[38];
3- O nome de Yeshua (Jesus) que significa salvação teria sido dado para que Maria não fosse condenada à morte por traição;
4- Esse nome teria sido usado por Constantino para formação da igreja cristã;
5- Jesus era judeu por ter nascido de mãe judia;
6- Jesus estudou a Tora com um Rabino que o teria repreendido e expulso do Judaísmo;
7- Jesus seria reencarnação de Esaú e teria vindo para tentar se consertar;

[38] Dia do perdão, considerado o dia mais Sagrado pelos Judeus.

8- O mestre de Jesus achou que Jesus era rebelde e uma encarnação perdida, e portanto, o teria expulsado aos 12 anos.
9- Jesus teria ido para o Egito e se revoltado contra o judaísmo;
10- Acusa o cristianismo de ser uma crença idolatra criada sem base alguma, e que carrega elementos de outras religiões idolatras e pagãs.
11- E que os ossos de Jesus teriam sido enterrados em lugar específico por um rabino para que diminuísse a idolatria no mundo.
12- Ressalta que todo o Novo Testamento está errado, e tudo foi criado por Roma.

E termina a *live* falando de seus cursos que segundo o enunciador trazem "todas as verdades bíblicas", e, convida para que os interessados em "conhecer a verdade" a se inscrever no curso.

Observa-se um movimento interessante ocorrendo neste espaço, pois se por um lado, os judeus cabalísticos se apropriaram da lógica mercantil para promover seu produto religioso, por outro lado, a busca desesperada e desenfreada pelos cristãos ao arcaísmo também ocorre de forma paradoxal.

Sem nenhuma reserva crítica intelectual com relação ao discurso apresentado, várias pessoas começam a se posicionar na adesão deste enunciado, demonstrando que o processo de secularização não está direcionando uma eliminação do sagrado ou dessacralização da vida social, mas sim, impulsionando certos deslocamentos para um movimento inverso, onde ocorre uma adesão a sacralização dentro de concepções religiosas antigas.

Essa narrativa foi contextualizada por Cazarotto (2015, p. 121) ao tratar sobre a comunicação sob égide das leis dos deuses e do ocultismo, vejamos:

> Na realidade, a narrativa praticamente diz que a voz e ação estão vinculadas, com garantias de legitimidade (eleição e prestígio) a uma única pessoa. Não há como desautorizá-la: ela detém o poder econômico, político, jurídico, educacional, religioso etc. Além do mais, e um herdeiro missionado pelo poder moral antepassado.

No entanto, mesmo com essa postura, o imbricamento ideológico acaba por promover um ambiente colérico. Concorda-se com Oliveira e Carvalho (2013, p. 299) de que este tipo de discurso merece atenção especial por parte dos analistas, pois "a naturalização do discurso, algo

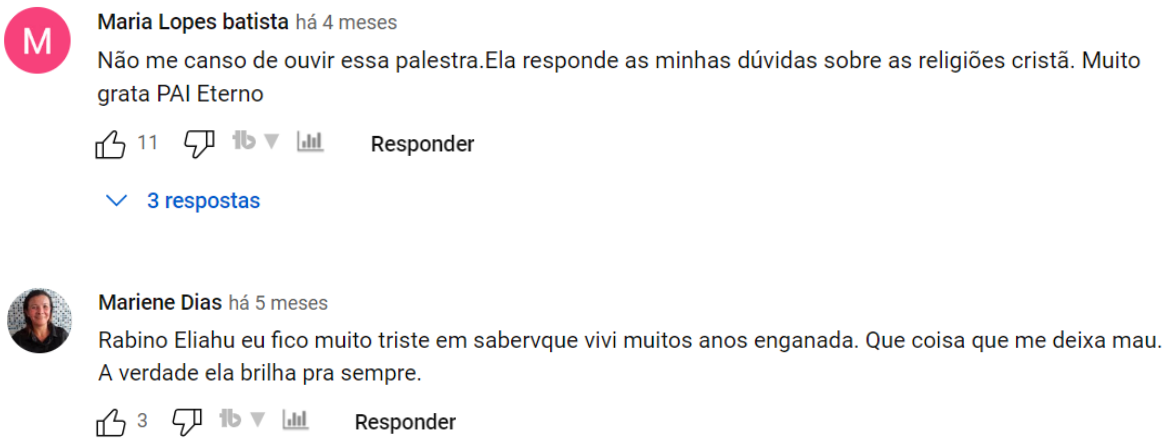
extremamente perigoso porque pode levar os indivíduos a reproduzirem ideologias que não são interessantes para eles, ou que são prejudiciais aos outros". Neste caso, na proposição de oferta de cursos, e criação de um novo contexto de religiosidade não está sendo mensurado por parte do enunciador quaisquer outros tipos de consequências. Muito pelo contrário, está sendo impulsionada uma esfera de ódio e polarização ideológica.

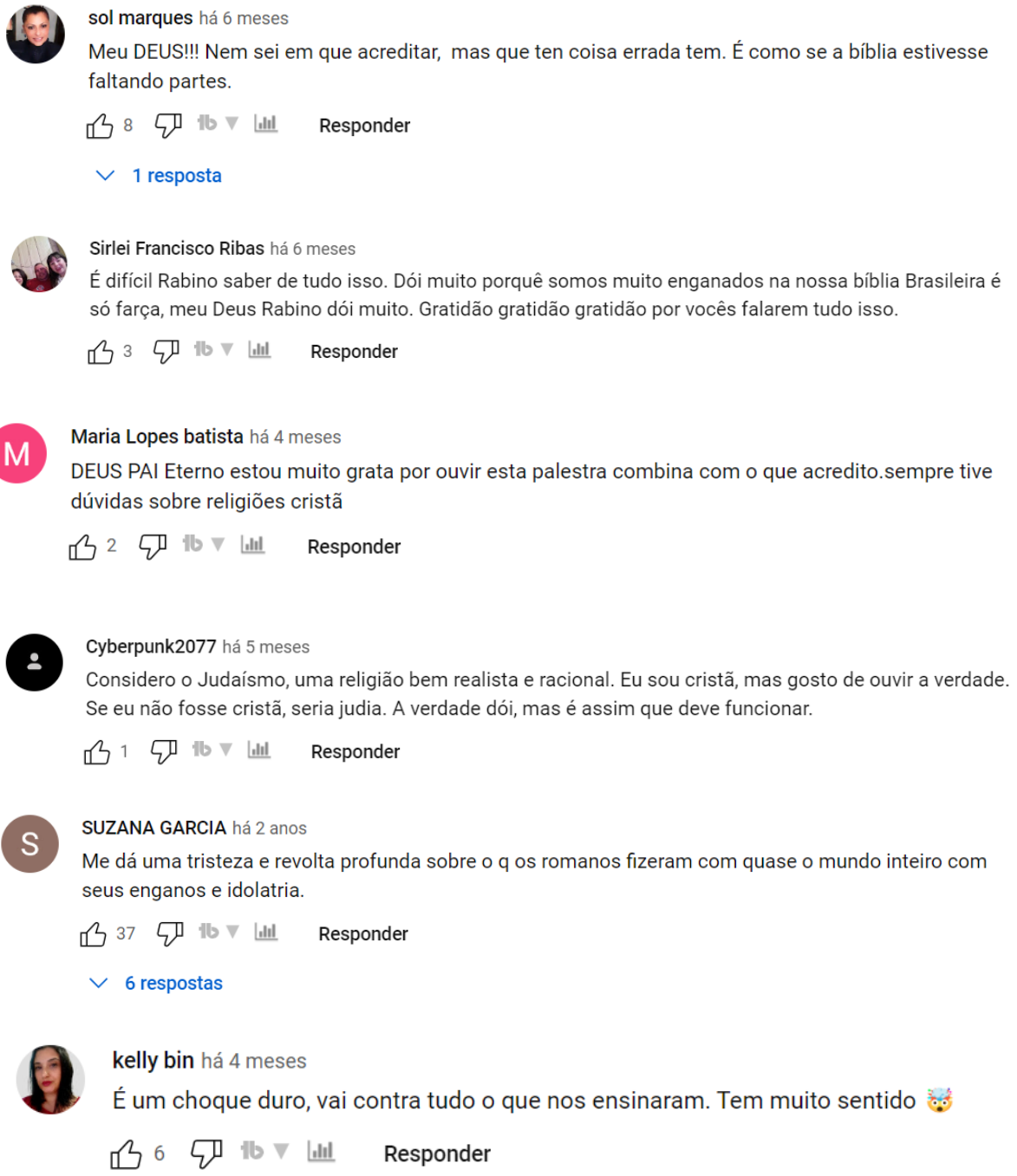
Habermas (2015, p. 279) chegou a propor um refreamento no capitalismo para rever as questões em torno do Estado e bem estar social, o que chamou de "colonização do mundo da vida, de uma erosão, de um esvaziamento dos âmbitos de ação comunicativamente estruturados", e ainda fazendo menção sobre a impossibilidade de manter o sistema capital sem controle, sob pena de "conflitos tradicionais, sejam eles quais forem".

Evidenciamos mais uma vez uma tendencia a polarização que tem como base o modo singular do pensar, como já apontou Habermas (2015) sobre as consequências na Europa e nos Estados Unidos dos movimentos de libertação nacional que acabou por fragmentar a "razão existente". O número de ofensas que foi realizado na live entre os participantes tomou níveis consideráveis, tanto de adeptos das ideias, quanto contrários, envolvendo até mesmo conjuração de morte.

Morin (1997, p.80) de que:

> Quanto mais evoluída for a civilização, mais a religião tenderá, de modo próprio, a se hipertrofiar, a repisar o horror da morte, quando os vivos tenderam a esquecê-lo [...] a religião, é a saúde social, que acalma a angustia mórbida individual da morte [...] é adaptação que traduz a inadaptação humana à morte, uma inadaptação que encontra adaptação.





O comentário deixado pela usuária “kelly bin” sem nenhuma reserva crítica das fontes utilizadas ou do conteúdo reforça o que Eagleton (2014, p. 115) afirmou: “Nenhuma forma simbólica na história teve a mesma capacidade que a religião de ligar a mais elevada das verdades à vida cotidiana de incontáveis homens e mulheres”.

TV REGIONAIS há 5 meses

Rabino obrigado pelo vídeo fantástico, a muito tempo que gostaria de saber a verdade, muito obrigado que Deus abençoe o senhor🙌, vou baixa e salva esse vídeo o mundo precisa saber a verdade, chega de tanta idolatria, "ESCULTA HÔ ISRAEL ! O ETERNO É NOSSO DEUS ! O ETERNO É UM SÓ !"

3 Responder

Vivs há 2 anos

Eita...acabou com a minha cabeça. Deu nó no Tico e no Teco.

11 Responder

4 respostas

M

Maria Lopes batista há 4 meses

Como agradecer ao CRIADOR por ter ouvido essas verdades..

4 Responder

1 resposta

Will Baruch Boaz há 4 meses

Por ignorância eu acreditava, mas com a luz da sua divulgação das verdadeiras escrituras divinas eu mudei, eu acredito em um único Deus, o criador dos céus e da Terra, que tirou o povo judeu do Egito, HaShem.

2 Responder

A

Abel araujo santos há 7 meses

Eu descobri a mentira católica em 1979

8 Responder

Neusa Coelho há 1 mês

QUERO ME CONVERTER AO JUDAISMO. COMO FAÇO?

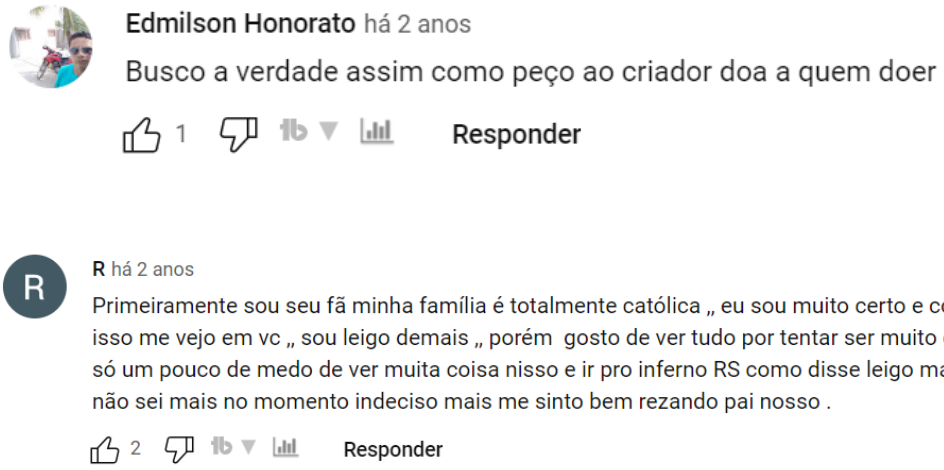
Responder

1 resposta

Alarico Galdino há 2 anos (editado)

É muito bom conhecer a verdade com você Rabino Elihu Rask, Shabat Shalom de Adonai aba pai.

2 Responder



Ao observar a polarização e desdobramentos dos diversos sentidos que o discurso enunciado do Rabino promoveu, cabe mais uma vez a apropriação das colocações de Jung (2015), apesar de ser uma reflexão pessoal, parece que estamos vivenciando o imbricamento de uma teologia não resolvida.

> Tenho a forte impressão de estar sob a influência de coisas e de problemas que foram deixados incompletos e sem respostas por parte de meus pais, meus avós e de outros antepassados. Sempre pensei que teria de responder a questões que o destino já propusera a maus antepassados, sem que eles lhe houvessem dado qualquer respostas, ou melhor, que deveria terminar ou simplesmente prosseguir, tratando de problemas que as épocas anteriores haviam deixado em suspenso (JUNG, 2015, p.234)

Se para Brito (2004, p.43) "a relação entre a igreja e modernidade não e um problema resolvido; o fantasma da modernidade até hoje assusta a igreja e as outras demais igrejas cristãs, que ao negarem retomar sua teologia, acabam por promover um espaço a ser preenchido. No espaço religioso este preenchimento ocorre por quaisquer líderes que se emancipem em ofertar explicações, o jargão da "verdade" associado aos símbolos e signos que envolvem os rabinos, certamente são elementos que direcionam a rápida aquisição dos cursos ofertados. No entanto:

> A dissolução de uma tradição, por mais necessária que seja em certas épocas, sempre é uma perda e um perigo; um perigo para a alma, porque a vida instintiva – como o que há de mais conservador no homem – se exprime justamente através dos hábitos tradicionais. As convicções e os costumes transmitidos pela tradição estão profundamente arraigados nos instintos. Se são perdidos, a consciência separa-se do instinto: em consequência, a consciência perde suas raízes, e o instinto, agora sem expressão, retomba no inconsciente, cuja energia se reforça; esta, por sua vez, transborda para os

> respectivos conteúdos conscientes, o que torna então a falta de raízes do consciente realmente perigosa. Essa secreta '*vis a tergo*' provoca um hibridismo na consciência, que se manifesta por uma supervalorização de si mesmo, ou por um complexo de inferioridade. Em todo caso, ocorre um distúrbio do equilíbrio, que é o terreno mais propício para os danos psíquicos (JUNG, 1991, p. 94)

De acordo com Torres (2012, p.185) a dimensão espiritual é apontada no campo da saúde como uma das maiores responsáveis por proporcionar ao indivíduo a capacidade de encontrar "significado, razão e realização na vida; de ter esperança/ vontade para viver; e de ter fé em si mesmo, nos outros ou em Deus.

É importante observar que, assim como todas as contradições teóricos dogmáticas que os israelitas apresentaram desde a saída do Egito, os três canais também acabam por adotar também abordagens diferenciadas que muitas vezes passam despercebidas nas apropriações pelos cristãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até onde foi possível investigar, todos os rabinos que apresentam a Cabala associam o acesso ao conhecimento na oferta de cursos online e Plataformas próprias, porém, não possuem quaisquer indícios de promover algo para o campo físico no contexto religioso. Tanto o rabino Rony, quanto o rabino Eliahu mencionam residir em Israel, e, portanto, seus negócios se dão com objetivos inteiramente online na adesão de seus membros às suas Plataformas pessoais de cursos. Já o rabino Dudu reside em São Paulo, possui um amplo relacionamento com celebridades midiáticas e também trabalha com palestras para empresas e grupos. Talvez, esse fator também contribua para seu discurso mais amigável, já que poderia ser alvo fácil tanto para assédio quanto para perseguições, já que o público dos canais são os brasileiros.

Outra diferença, é que nas plataformas de cursos ofertadas, o rabino Rony e o rabino Eliahu são os únicos responsáveis pela promoção do conteúdo, enquanto na plataforma do rabino Dudu ele quase não aparece, havendo uma junção de diversos outros rabinos que não seriam aderidos facilmente em apresentações populares pelo Youtube. Desta feita, a figura do rabino Dudu parece assumir uma função publicitária, apenas levando as pessoas a quererem conhecer sobre a Cabala.

No entanto, o que está sendo evidenciado é que estes canais estão indubitavelmente direcionados a criação de uma nova ideologia anticristã que está fadada a manifestar sua fé apenas no ciberespaço.

No espaço brasileiro, os cristãos parecem estar preso no discurso da Cabala restrito ao judeus ortodoxos, ao que se imagina pautados pelo imaginário do símbolo. De acordo com Felício (1994, p.105), "o inconsciente engloba todos os aspectos psíquicos não-conscientes, isto é, cuja relação com o ego não é perceptível".

Na apropriação dos canais analisados somente pelos rabinos ortodoxos a relação entre o simbolismo e o imaginário certamente é um vínculo que não pode ser desconsiderado, já que:

> [...] as sintaxes da razão não passam de formalizações extremas de uma retórica ligada ao consenso imaginário geral; além disso, anular o corte entre o racional e o imaginário, compreendendo que o racionalismo não é senão uma "estrutura polarizante" particular do campo das imagens, ligada às funções do imaginário e à função simbólica, esta, por sua vez, não passa a ser relegada a uma pré-história do pensamento "sadio".

Assim, apesar do discurso pela racionalização na adesão de informações ser uma bandeira levantada com base no cientificismo moderno, no campo da religiosidade, parecem ser passíveis de ser substituídos pelos símbolos e imaginários que são sustentados pela busca de reterritorialização.

Um exemplo claro deste imaginário e a linha cabalista apresentada por Saltoun (2012) mais liberal e ocidentalizada, e, que ensina uma Cabala e Teosofia Religiosa, o ensino da Cabala nos dias contemporâneos foi permitido por uma profecia escrita o Zohar para que a humanidade conseguisse ampliar sua consciência e proporcionar conexão com o divino.

> A intenção original de Abraão, o Patriarca, ao revelar o monoteísmo foi ensinar o ser humano a redimir-se. Como se nos dissesse: Olha so, ser humano, você está aqui no mundo físico. Você está totalmente fragmentado, em inúmeras partes, espalhado pelo mundo. Para voltar ao mundo Infinito, temos que nos unir numa só consciência, num Recipiente completo, infinito [...] o primeiro passo para começar essa correção e sair da influência da fé cega, que cria consciência adormecida, passiva e até drogada. Porque até pessoas que acreditam em Deus, acabam brigando com aqueles que não creem, querendo impor a elas sua fé. Não tem fim esse ciclo cruel (SALTOUN, 2012, p. 15).

Porém, esse tipo de discurso também não tem aderência pelos cristãos no ambiente virtual. Embora Saltoun seja reconhecido no mundo físico, seu canal no youtube criado em 2013, possui apenas 1.420 pessoas. Apesar de ser rabino, se apresenta de forma secularizada, muitas vezes com roupas brancas, externalizando um sincretismo religioso.

Nota-se que a adesão dos canais cabalísticos pelos cristãos exclusivamente apresentados por judeus que apresentam arquétipo da ortodoxia parece corresponder aos sentimentos apontados por Eagleton (2014, p.128) de que a religião do Velho Testamento, com toda sua ritualística e mística se apresenta muito mais atraente do que a religião do Novo Testamento, que propõe uma interiorização espiritual, especialmente devido ao fato do próprio Jesus ser judeu.

Se falarmos em sentidos dos signos, nos três canais analisados apresentam todos os aspectos simbológicos que enfatizam a dimensão do querer ser judeu. Elementos que são adotados de forma intrínseca e extrínseca que trazem como pano de fundo a proposta de conhecimento de uma “verdade nunca antes revelada”, onde o espectador terá dentro de seus

aspectos psicológicos uma ampla gama de possibilidade de interpretar tais elementos, e se apropriar da forma que melhor lhe parecer.

O discurso demodê de Cristo ao adentrar dentro de um mundo neoliberal se torno muito difícil de ser adequado já que exige constante "interiorização, moderação e renúncia". Uma saída para isso, foi observado nos próprios discursos das igrejas, especialmente neopentecostais, em "retornar às origens" e trazer elementos de Israel para dentro de suas paredes. Assim, a experiência no consumo religioso passou a ser muito mais importante do que qualquer espécie de razão.

Dentro deste ambiente, a sociedade neoliberal acabou adotando apenas "traços do transcendente na espiritualidade falsa de certas culturas pós-modernas. É o tipo de religiosidade amorfa e barata que se poderia mesmo esperar de uma sociedade profundamente materialista". (EAGLETON, 2014).

A busca pela supremacia da igreja cristã ao compor o Novo Testamento certamente não esperava que o discurso de Cristo cuidadosamente calculado viesse a ser sucumbido, especialmente porque ao compor uma série de regras e dogmas associadas apenas aos seus interesses, esqueceu de uma sociedade desigual geraria descontentamentos.

Neste diapasão concorda-se com Eagleton (2014, p. 189):

> O Novo Testamento pouco ou nada tem a dizer da cidadania responsável. Não se trata em absoluto de um documento "civilizado". Não evidencia qualquer entusiasmo pelo consenso social. Como sustenta que tais valores em breve desaparecerão, não está muito preocupado com padrões de excelência cívica ou códigos de boa conduta. O que acrescenta à moral banal não é um suporte sobrenatural, mas a notícia altamente inconveniente de que nossas formas de vida precisam passar por radical processo de dissolução para que possam renascer como comunidades justas e compassivas. O sinal desta dissolução é a solidariedade com os pobres e destituídos. Aqui é que poderia nascer uma nova configuração da fé, da cultura e da política.

Em contraponto, no entanto, parece que a configuração anunciada adota a tecnologia de uma forma não apenas para trazer uma nova ideologia, mas também, com uma ferramenta de mercantilizar esse "novo formato de fé" sem território físico, restrito às individualidades de cada ser, sem nenhum tipo de controle direto, porém, com todo controle de pensamento.

A forma de enunciação dos rabinos cabalistas que são adotados pelos cristãos sempre partem da dimensão de uma "certa autoridade", onde são usados constantemente o que

Maingueneau (2008, p.16) caracterizou como enunciação aforizante, com o uso de pequenos trechos de textos que são na maioria das vezes dissociados de suas fontes, e aqui, esclarece que nestes casos, as fontes de conhecimento por parte dos interlocutores, especialmente por serem a maioria de acesso restrito e idioma hebraico. "Tudo acontece como se existisse uma certa zona de tolerância".

No entanto, a tal zona de tolerância dentro desse espaço está promovendo uma ciberfé ilusória, é um campo que não pode ser operacionalizado pelas razões já expostas acima, e como já bem evidenciou Jung, Habermas, dentre tantos outros, atuar dentro do campo religioso, especialmente de forma coletiva pode ocasionar desdobramentos inimagináveis.

Concorda-se com Rose (2015, p.273) que:

> Embora não estejamos, sem dúvida nem na aurora de uma nova era nem no crepúsculo de um tempo passado, podemos, talvez, começar a discernir as fissuras desse espaço de interioridade anteriormente seguro, a descontinuidade de algumas linhas que compuseram esse diagrama, a possibilidade de que, mesmo que não possamos desinventar a nós mesmos, possamos ao menos reforçar contestabilidade a inventar a nós mesmos de forma diferente.

Cabe então a reflexão sobre a necessidade dos intelectuais se inclinarem a debater estes assuntos com maior profundidade, uma vez que o desconhecimento e aspectos de manipulação de poder podem encontrar no espaço religioso, um terreno vazio e fácil de ser preenchido, e, utilizar mais uma vez desse espaço para implementar uma nova ordem de poder.

Embora a sociedade Pós moderna tenha encontrado como saída duelar com a religião ou apenas buscar distanciamento, concorda-se com Habermas de que talvez esteja na hora de uma profunda reflexão sobre o tema, porém, não uma reflexão que incida a uma resposta unilateral, mas sim, que seja capaz de apoiar-se tanto na lógica quanto na fé, aprendendo a lidar neste campo sem violência, mas sim, buscando operacionalizar uma harmonização.

A comunicação e seus inúmeros sentidos semióticos, especialmente a comunicação religiosa, podem ser considerados os principais elementos de condução social, especialmente no mundo ocidental. No entanto, este capítulo não tem outras pretensões se não a de sistematizar, dentro de uma nova consideração expositiva, as nuances consideradas mais relevantes nos temas que foram abordados desde a primeira linha desta tese.

Na realidade ocidental a presença enfática da Igreja nas diferentes expressões da vida social-política- econômica exerce uma função no processo de aculturação e de ajustamento do "modus operandi" da religiosidade brasileira, dentro de uma gama de signos que acabam por se apropriar das lacunas teológicas promovidas pelo próprio cristianismo.

Talvez, caiba acentuar que a hipertrofia dos valores religiosos dos cristãos decorrem não apenas da Teologia Líquida, mas do intenso processo neoliberal que acabou por ser apropriados pelas religiões que se inclinaram a direcionar seus formatos de expressar a fé dentro dos anseios seculares do mercado, promovendo diversos rituais de experiência de consumo, marketing, teologia da prosperidade, e quaisquer outras ferramentas que fossem capazes de reter cliente.

Em contrapartida, enquanto associações civis começaram a surgir dentro da proposta de uma teologia social, a maioria das instituições religiosas acabaram por adotar teologias próprias, o que fez com que o campo religioso brasileiro evidenciasse uma rachadura, e, na busca de preencher esse espaço, a resposta é a adesão polarizada de algum tipo de fé.

No entanto, o que se tinha evidenciado, e que fora abordado em muitos estudos, foi o trânsito religioso que favorecido pelos conceitos de consumo passaram a ser instituições com características próprias, direcionadas para clientes específicos. O que não se evidenciou em nenhum dos estudos foi que alguns elementos e símbolos usados por esta mercantilização iriam proporcionar uma abertura para que uma linha do judaísmo se apropriasse como "resposta absoluta da verdade" e promovesse um novo espaço de fé que parece estar sendo aceita rapidamente por muitos cristãos.

Quando as investigações deste estudo começaram, cerca de dois anos antes, essa era a hipótese investigada, ou seja, se a adesão dos cristãos por esse modelo de fé que não tem um espaço físico seria apropriado, já que a Cabala Judaica ortodoxa se distancia muito dos elementos centrais do cristianismo.

No entanto, dois anos depois esse movimento já não só evidenciado, mas ainda mais preocupante, aderido pelos cristão de uma forma polarizada ao ponto de formar uma corrente de anticristãos que se manifestam no ambiente virtual, acusando o cristianismo de ser uma religião de idolatria e heresias.

Aqui cabe uma reflexão spinozana sobre os afetos. Estamos todo tempo afetando e sendo afetados por tudo o que nos cerca. Mesmo não sendo adeptos de tais movimentos, certamente seus desdobramentos influenciarão a dinâmica social em diversos aspectos.

Desta feita, cabe então a investigações futuras no sentido de investigar se os discursos apropriados pelos rabinos não estão sendo utilizados como forma de promover algum tipo de movimento religioso que no campo físico produza guerras, racismos ou intolerância.

O fato é que, elementos tecnocomunicacionais estão sendo apropriados de forma ampla e complexa, sendo direcionado um novo campo do pensar, que pode passar despercebido com relação ao seu potencial, especialmente por não se saber em que medida esses discursos ideológicos em quantidade estão sendo apropriados pela população brasileira.

REFERÊNCIAS

ADRIANO FILHO, J. **A formação do Cânon bíblico: considerações a partir da semiótica da cultura**. Estudos de Religião, v. 29, n. 1 • 87-101 • jan.-jun. 2015 • ISSN Impresso: 0103-801X – Eletrônico: 2176-1078 DOI: http://dx.doi.org/10.15603/2176-1078/er.v29n1p87-101.

AGOSTINHO, S. **Confissões**. Ed. Paulus, São Paulo, 1984.

ALMEIDA, M. A. A.; DIAS CHAVES, J. C.; FUNARI, P. P. A. **A Espiritualidade no cristianismo primitivo**: as muitas faces do gnosticismo. Ed. Fonte, 2020.

ALVES, J. E. D. **Dinâmica religiosa nos Estados Unidos**. Plataforma Ecodebate, 2021. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2021/10/11/dinamica-religiosa-nos-estados-unidos/>. Acesso em: maio 2023.

ARMSTRONG, K. **Em nome de Deus**. O fundamentalismo no Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Ed. Companhia das letras, 2021.

ARMSTRONG, K. **A Bíblia**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Ed. Zahar, 2007.

ASMANN, H. **Teologia desde la práxis de la Liberación**. 2ª ed. Salamanca, Sigueme, 1976.

BARBISAN, L. B. O sentido no discurso: o olhar da Teoria da Argumentação da Língua. *In:* DI FANTI, M. G. *et al.* (Org). **Enunciação e Discurso**: Tramas de sentido. Ed. Contexto, São Paulo, 2012.

BARROS, D. P. Algumas reflexões semióticas sobre enunciação. *In*: DI FANTI, M. G. *et al.* (Org). **Enunciação e Discurso**: Tramas de sentido. Ed. Contexto, São Paulo, 2012.

BASTOS, M. Sentidos da Multidão: Redes sociais como forma dispersa do aglomerado. *In:* SANTAELLA, L. (Org). **Sociotramas**: Estudos Multitemáticos sobre Redes Digitais. Ed. Estacão das Letras, 2014.

BELLACK, L. **Charles Chauncy** (1705-1787). Mapping the Great Awakening. Where did the Great Awakening Happen? (and why should we care?), 2023. Disponível em: <https://people.smu.edu/mappingthega/stories/s4/ >. Acesso em: maio 2023.

BELKIN, S. **A filosofia do Talmude**: o caráter sagrado da vida humana na teocracia democrática judaica. São Paulo: Sêfer, 2003.

BENÍCIO, J. **Estudioso comenta a relação das celebridades com a Cabala**. Terra, 2017. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/estudioso-comenta-a-relacao-das-

celebridades-com-a-cabala,ef840d11941257e7b78c5c1c3f0bca75c1ogm37d.html>. Acesso em: maio 2023.

BENJAMIN, W. **O capitalismo como religião**. Ed. Boi Tempo, 2013.

BERGER, K. **Exegese des Neuen Testaments**. Neue Wege von Text zur Auslengung, Heidelberg: Quele e Meyer, 1984.

BÍBLIA (Português). **Bíblia sagrada**. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecumênica.

BÍBLIA. **Sagrada Bíblia Católica**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução: José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

BÍBLIA. **Peshita**. Ed. Films Book, 2018.

BIBLIA. **Holy Bible** (NVI). Ed. Vida, 2018.

BIBLIA. **Hebraíca**. Tannah. Baseada no Códice de Aleppo, ed. Sêfer, 2018.

BILHALVA, A. O. **Os desigrejados**: estudo sobre o fenômeno da desinstitucionalização contemporânea nas igrejas evangélicas. Dissertação apresentada a PUC/RS, 2020.

BITUN, R. **Mochileiros da Fé** – Nomadismo religioso e neopentecostalismo no Brasil. São Paulo: Reflexão, 2ª Edição, 2011.

BRANCO, R. **Pistis Sophia**: Os mistérios de Jesus. Ed. Teosófica, 2021.

BAUMAN, Z. **Vida para o consumo**: A transformação das pessoas em mercadoria. Ed. Zahar, 2008.

BOHEME, J. **As quarenta questões sobre a origem, a essência, a substância, a natureza e a propriedade da alma; e sobre o que ela é, de eternidade em eternidade**. Tradução: Vierzig Fragen von der Seelen. Ed. Sociedade das Ciências Antigas. São Paulo, 2018.

BORGES, A. **Fim do cristianismo na Europa?**. Diário de Notícia Harvard from Portugal, 2021. Disponível em: <https://www.dn.pt/opiniao/fim-do-cristianismo-na-europa-2-13396200.html>. Acesso em: maio 2023.

BOURDIEU, P. **La eficacia simbólica**. Religión y política. Ed. Biblos, Buenos Aires, Argentina, 2009.

BRITO, Ê. J. C. Agonia de um modelo. *In:* SOUZA, B. M.; MARTINO, L. M. S. (Org). **Sociologia da Religião e Mudança Social**: Católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. Ed. Paulus, 2004.

CAMPOS, L. S. Protestantismo brasileiro e mudança social. SOUZA, B. M.; MARTINO, L. M. S. (Org.). **Sociologia da Religião e Mudança Social**: Católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. Ed. Paulus, 2004.

CAZAROTTO, J. L. **Psicologia e Antropologia**: A vida humana em construção. Ed. Ideias e letras, São Paulo, 2015.

COELHO, A. S. **Capitalismo como religião**: Walter Benjamim e os teólogos da libertação. Ed. Recriar, 2021.

DADOS MUNDIAIS. **Difusão e Distribuição do Cristianismo no Mundo**. Disponível em: < https://www.dadosmundiais.com/religioes/cristianismo.php>.

DIÁRIO ABC. **Madonna fala sobre a Cabala e sua busca espiritual**. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/943942/madonna-fala-sobre-a-cabala-e-sua-busca-espiritual>. Acesso em: maio 2023.

EAGLETON, T. **A morte de Deus na Cultura**. Ed. Record. 2018.

ENCAUSSE, G. **A Cabala**: Tradição Secreta do Ocidente. Ed. Pensamento, 2021.

FARAG, S. M. A.; MUJANI, W. K. The Literary Achievements of the King Ashurbanipal (626 – 668 B.C). **Mediterranean Journal of Social Sciences**, V. 7, n. 4, July, 2016.

FELÍCIO, V. L. G. **A Imaginação Simbólica**. Ed. Universidade de São Paulo, 1994.

FRANCISCO, A. J. **Trânsitos Religiosos, Cultura e Mídia**: A expansão neopentecostal. Ed. Paulus, 2014.

FRANCISCO, E. F. Códices Massoréticos: aspectos Gerais. **Revista Caminhando**, v.6, n. 1 [8], p.54-67, 2010 [2a ed. on-line 2010; 1a ed. 2001.

FRANCISCO, P. **Mensagem do Santo Padre Francisco para o XLVIII dia mundial das comunicações sociais**: Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro. A Santa Sé. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html>.

FRIEDMAN, B. M. **Religion and the Rise of Capitalism**. ed. Alfred A. Knopf, 2021.

FONTENELLE, I. A. **Cultura do Consumo**: Fundamentos e formas Contemporâneas. Ed. FGV, São Paulo, 2017.

FOUCAULT, M. **Estratégia, Poder-saber**. Ed. Gen, Rio de Janeiro, 2015.

GUIMARÃES, C. Desigrejados: cresce o número de jovens que se dizem "sem religião", no Brasil. Oliberal, 2022. Disponível em: <https://www.oliberal.com/para/desigrejados-cresce-o-numero-de-jovens-que-se-dizem-sem-religiao-no-brasil-1.540706>.

HABERMAS, J. **O futuro da Natureza Humana**. Ed. Martins Fontes, 2010.

HABERMAS, J. **Técnica e ciência como "ideologia"**. Ed. Unesp, 2014a.

HABERMAS, J. **Conhecimento e Interesse**. Ed. Unesp, 2014b.

HABERMAS, J. **A Nova Obscuridade**. Ed. Unesp, 2015.

HENZE, M. Os pseudepigrafos do Antigo Testamento de hoje: Os antigos escritos de Israel na pesquisa moderna. *In*: NOGUEIRA, P. A. S. N. **Apocrificidade**: o cristianismo primitivo para além do Cânon. Ed. Fonte, 2015.

HILGERT, J. G. Os problemas de compreensão na fala na perspectiva da construção interativa da compreensão. *In:* DI FANTI, M. G. *et al.* (Org). **Enunciação e Discurso**: Tramas de sentido. Ed. Contexto, São Paulo, 2012.

HOLIFIELD, E. B. **Theology in America**: Christian Thought from the Age of the Puritans to the Civil War. New Haven, Londres: Yale University Press, 2003, 102.

JONAS, H. **La religion gnóstica**: El mensaje del Dios Extraño y los comienzos del cristianismo. Mardrid, Ed. Siruela, 2ª edição, Marco 2003.

JUNG, C. G. **Psicologia e religião**. Ed. Vozes. Petrópolis, 1990.

JUNG, C. G. **A prática da psicoterapia**: Contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia de transferência. Ed. Vozes. Petrópolis, 1991.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Ed. Vozes. Petrópolis, 2003.

JUNG, C. G. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

KABBALAH CENTRE. **Sobre Nós**. Disponível em: <https://kconline.site/sobre-nos/>. Acesso em: maio 2023.

KATZ, H. **Repensando a polarização**: o corpo e o renascimento da política. Sala Preta, 21(1), 5-23, 2022.

KITOV, E. **Livro do Conhecimento Judaico**. Ed. Sêfer. 2017.

KLAUCK, H-J. **Evangelhos Apócrifos**. Ed. Loyola, São Paulo, 2007.

LALIGA, L. R. **La polémica sobre la Kabbalah y Spinoza**: Moses Germanus y Leibniz. Ed. Nova Leibniz, 2011.

LARAIA, R. B. As religiões indígenas: O caso Tupi Guarani. *In*. PEREIRA, J. B. B. **Religiosidade no Brasil**. Ed. Edusp, 2012.

LOES, J.; ALVES FILHO, F. **Os famosos e a Cabala**. IstoÉ, 2011. Disponível em: <https://istoe.com.br/149055_OS+FAMOSOS+E+A+CABALA/>. Acesso em: 7 maio 2023.

LORO, T. J. Jesus Cristo, modelo de comunicador. **Revista Eletrônica Espaço Teológico** ISSN 2177-952x, maio, 2010, pp. 47-55.

MACARTHUR, J. **O Evangelho segundo os apóstolos**. Ed. Thomas Nelson, 2017.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da Enunciação**. Ed. Parábola. São Paulo, 2008.

MAINGUENEAU, D. Enunciação Ligada, Enunciação Desatada. *In:* DI FANTI, M. G. *et al.* (Org). **Enunciação e Discurso**: Tramas de sentido. Ed. Contexto, São Paulo, 2012.

MAGLIANO FILHO, R.; BARREIRA, C. M. **Capitalismo, Catolicismo e Neopentecostalismo**: Reflexões para o futuro do Brasil. Ed. Labrador, 2020.

MATOS, A.S. **Movimento Pentecostal**: Reflexões a propósito de seu primeiro centenário. FIDES REFORMATA XI, Nº 2 (2006): 23-50.

MCQUAIL, D. **Teoria da comunicação de massas**. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2000.

MENEZES, R. C. Uma visita ao catolicismo brasileiro contemporâneo: a bênção de Santo Antônio num convento carioca. *In*. PEREIRA, J. B. B. **Religiosidade no Brasil**. Ed. Edusp, 2012.

MORAES, G. **Entre a Bíblia e a espada**: Uma análise da filosofia e da teologia política em João Calvino. Ed. Mackenzie, 2014.

MORIN, E. **O homem e a morte**. Ed. Imagem, 1997.

MO SUNG, J. Prefácio. *In:* COELHO, A. S. **Capitalismo como religião**: Walter Benjamin e os teólogos da libertação. Ed. Recriar, 2021.

NOGUEIRA, P. A. S. N. **Apocrificidade**: o cristianismo primitivo para além do Cânon. Ed. Fonte, 2015.

NOSS, D. S.; GRANGAARD, B. R. **História das Religiões Mundiais**. Ed. Vozes, 2023.

OLIVEIRA, L. A. O.; CARVALHO, M. A. B. **Estudos do Discurso**: Perspectivas teóricas. Ed. Parábola, 2013.

PATRÍSTICA. **Santo Hilário de Poitiers**: Tratado sobre a Santíssima Trindade. Ed. Paulus, São Paulo, (Versão Digital). Disponível em: <https://facbel.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/Patristica-vol.-22-Santo-Hilario-de-Poitiers.pdf>.

PAVEAU, M-A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Ed. Pontes. Campinas, 2022.

PEDROSA, I. **Da cor à cor inexistente**. Rio de janeiro: Editora SENAC, 2014.

PEREIRA, J. B. B. **Religiosidade no Brasil**. Ed. Edusp, 2012.

ROLIM, L. A. **Instituições de Direito Romano**. Ed. Revista dos Tribunais, 2003.

ROSADO-NUNES, M. J. O Catolicismo sob o escrutínio da modernidade. SOUZA, B. M,; MARTINO, L. M. S. **Sociologia da Religião e Mudança Social**: Católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. Ed. Paulus, 2004.

ROSE, N. **Inventando nossos selfs**: Psicologia, poder e subjetividade. Ed. Vozes, Petrópolis, 2011.

ROSENROTH, K. V. **A Kabbala revelada**: filosofia oculta e ciência. São Paulo: Madras, 2004.

RUPPENTHAL NETO, W. **As religiões no tempo de Jesus**. Ed. Fonte, 2019.

SALTOUN, J. **Kabbalah e as chaves secretas do Universo**. Ed. Meron, São Paulo, 2012.

SANTAELLA, L. **A Pós-Verdade é verdadeira ou falsa?**. Coleção Interrogações. Ed. Estação das Letras, 2019.

SANTAELLA, L.; DENDASCK, C.; FERRARO, D. Leitura semiótica do Templo de Salomão e o consumo da fé. **Signos do Consumo**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 94-110, 2021. DOI: 10.11606/issn.1984-5057.v13i1p94-110.

SCHOLEM, G. **Cabala**. Ed. Chave, São Paulo, 2021.

SLOTERDIJK, P. **Pós-Deus**. Ed. Vozes, São Paulo, 2019.

SMITH, G. **The Chaldean account of Genesis**. Reese Library of the University of California, 1875.

SOUZA, B. M,; MARTINO, L. M. S. **Sociologia da Religião e Mudança Social**: Católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. Ed. Paulus, 2004.

SPINOZA, B**. Breve Tratado sobre Deus, o ser humano e sua felicidade**. Ed. Vozes, 2021a.

SPINOZA, B**. Correspondência entre Espinoza e Oldenburg**. ed. Autêntica. Belo Horizonte, 2021b.

SPINOZA, B. **Obra completa Vol I. (Breve) Tratado e outros escritos.** Orgs. J Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano. Ed. Perspectiva, SP, 2014a.

SPINOZA, B. **Obra completa Vol II. Correspondência Completa e Vida.** Orgs. J Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano. Ed. Perspectiva, SP, 2014b.

SPINOZA, B. **Obra completa Vol III. Tratado Teológico Político.** Orgs. J Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano. Ed. Perspectiva, SP, 2014c.

SPINOZA, B. **Princípios da Filosofia Cartesiana e pensamentos metafísicos**. Ed. Autêntica. Belo Horizonte, 2015.

TEIXEIRA, J. F. **Mente, Cérebro & Cognição**. Ed. Vozes, 2000.

TEIXEIRA, M. Um olhar enunciativo sobre discurso. *In:* DI FANTI, M. G. *et al.* (Org). **Enunciação e Discurso**: Tramas de sentido. Ed. Contexto, São Paulo, 2012.

TORRES, C. M. Aproximações entre o crer e o não crer: Avaliação da qualidade de vida em jovens evangélicos, ateus e sem religião. *In:* GOMES, A. M. A.; BARBOSA, C. A. C. (Org). **Religião e Psique, Psicologia Social**: Estudos de Religião e Protestantismo. Ed. Reflexão, 2012.

VALENTE, A. S. **Tomé**: Evangelho e Atos. Ed. Fonte,2017.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e Poder.** Ed. Contexto, São Paulo, 2020.

VAZ, H. C. L. **Experiência Mística e Filosofia na Tradição Ocidental**. Ed. Loyola, 2000.

VEYNE, P. **Quando nosso mundo se tornou cristão** (312-394). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Ed. Vozes, 2020.

XAVIER, É. T. **O imperador Constantino**: Breve estudo da sua vida, influência e contribuições para o Cristianismo. Monumenta, Paraíso do Norte, PR, v. 3, n. 1, p. 63-75, setembro 2021.

ANEXO 1

Debate para o esclarecimento do valor das indulgências
pelo Dr. Martin Luther, 1517

Por amor à verdade e no empenho de elucidá-la, discutir-se-á o seguinte em Wittenberg, sob a presidência do reverendo padre Martinho Lutero, mestre de Artes e de Santa Teologia e professor catedrático desta última, naquela localidade. Por esta razão, ele solicita que os que não puderem estar presentes e debater conosco oralmente o façam por escrito, mesmo que ausentes. Em nome do nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

---

1 Ao dizer: "Fazei penitência", etc. [Mt 4.17], o nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo quis que toda a vida dos fiéis fosse penitência.

2 Esta penitência não pode ser entendida como penitência sacramental (isto é, da confissão e satisfação celebrada pelo ministério dos sacerdotes).

3 No entanto, ela não se refere apenas a uma penitência interior; sim, a penitência interior seria nula, se, externamente, não produzisse toda sorte de mortificação da carne.

4 Por conseqüência, a pena perdura enquanto persiste o ódio de si mesmo (isto é a verdadeira penitência interior), ou seja, até a entrada do reino dos céus.

5 O papa não quer nem pode dispensar de quaisquer penas senão daquelas que impôs por decisão própria ou dos cânones.

6 O papa não pode remitir culpa alguma senão declarando e confirmando que ela foi perdoada por Deus, ou, sem dúvida, remitindo-a nos casos reservados para si; se estes forem desprezados, a culpa permanecerá por inteiro.

7 Deus não perdoa a culpa de qualquer pessoa sem, ao mesmo tempo, sujeitá-la, em tudo humilhada, ao sacerdote, seu vigário.

8 Os cânones penitenciais são impostos apenas aos vivos; segundo os mesmos cânones, nada deve ser imposto aos moribundos.

9 Por isso, o Espírito Santo nos beneficia através do papa quando este, em seus decretos, sempre exclui a circunstância da morte e da necessidade.

10 Agem mal e sem conhecimento de causa aqueles sacerdotes que reservam aos moribundos penitências canônicas para o purgatório.

11 Essa erva daninha de transformar a pena canônica em pena do purgatório parece ter sido semeada enquanto os bispos certamente dormiam.

12 Antigamente se impunham as penas canônicas não depois, mas antes da absolvição, como verificação da verdadeira contrição.

13 Através da morte, os moribundos pagam tudo e já estão mortos para as leis canônicas, tendo, por direito, isenção das mesmas.

14 Saúde ou amor imperfeito no moribundo necessariamente traz consigo grande temor, e tanto mais, quanto menor for o amor.

15 Este temor e horror por si sós já bastam (para não falar de outras coisas) para produzir a pena do purgatório, uma vez que estão próximos do horror do desespero.

16 Inferno, purgatório e céu parecem diferir da mesma forma que o desespero, o semidesespero e a segurança.

17 Parece desnecessário, para as almas no purgatório, que o horror diminua na medida em que cresce o amor.

18 Parece não ter sido provado, nem por meio de argumentos racionais nem da Escritura, que elas se encontram fora do estado de mérito ou de crescimento no amor.

19 Também parece não ter sido provado que as almas no purgatório estejam certas de sua bem-aventurança, ao menos não todas, mesmo que nós, de nossa parte, tenhamos plena certeza.

20 Portanto, sob remissão plena de todas as penas, o papa não entende simplesmente todas, mas somente aquelas que ele mesmo impôs.

21 Erram, portanto, os pregadores de indulgências que afirmam que a pessoa é absolvida de toda pena e salva pelas indulgências do papa.

22 Com efeito, ele não dispensa as almas no purgatório de uma única pena que, segundo os cânones, elas deveriam ter pago nesta vida.

23 Se é que se pode dar algum perdão de todas as penas a alguém, ele, certamente, só é dado aos mais perfeitos, isto é, pouquíssimos.

24 Por isso, a maior parte do povo está sendo necessariamente ludibriada por essa magnífica e indistinta promessa de absolvição da pena.

25 O mesmo poder que o papa tem sobre o purgatório de modo geral, qualquer bispo e cura tem em sua diocese e paróquia em particular.

26 O papa faz muito bem ao dar remissão às almas não pelo poder das chaves (que ele não tem), mas por meio de intercessão.

27 Pregam doutrina humana os que dizem que, tão logo tilintar a moeda lançada na caixa, a alma sairá voando [do purgatório para o céu].

28 Certo é que, ao tilintar a moeda na caixa, podem aumentar o lucro e a cobiça; a intercessão da Igreja, porém, depende apenas da vontade de Deus.

29 E quem é que sabe se todas as almas no purgatório querem ser resgatadas? Dizem que este não foi o caso com S. Severino e S. Pascoal.

30 Ninguém tem certeza da veracidade de sua contrição, muito menos de haver conseguido plena remissão.

31 Tão raro como quem é penitente de verdade é quem adquire autenticamente as indulgências, ou seja, é raríssimo.

32 Serão condenados em eternidade, juntamente com seus mestres, aqueles que se julgam seguros de sua salvação através de carta de indulgência.

33 Deve-se ter muita cautela com aqueles que dizem serem as indulgências do papa aquela inestimável dádiva de Deus através da qual a pessoa é reconciliada com Deus.

34 Pois aquelas graças das indulgências se referem somente às penas de satisfação sacramental, determinadas por seres humanos.

35 Não pregam cristãmente os que ensinam não ser necessária a contrição àqueles que querem resgatar ou adquirir breves confessionais.

36 Qualquer cristão verdadeiramente arrependido tem direito à remissão pela de pena e culpa, mesmo sem carta de indulgência.

37 Qualquer cristão verdadeiro, seja vivo, seja morto, tem participação em todos os bens de Cristo e da Igreja, por dádiva de Deus, mesmo sem carta de indulgência.

38 Mesmo assim, a remissão e participação do papa de forma alguma devem ser desprezadas, porque (como disse) constituem declaração do perdão divino.

39 Até mesmo para os mais doutos teólogos é dificílimo exaltar perante o povo ao mesmo tempo, a liberdade das indulgências e a verdadeira contrição.

40 A verdadeira contrição procura e ama as penas, ao passo que a abundância das indulgências as afrouxa e faz odiá-las, pelo menos dando ocasião para tanto.

41 Deve-se pregar com muita cautela sobre as indulgências apostólicas, para que o povo não as julgue erroneamente como preferíveis às demais boas obras do amor.

42 Deve-se ensinar aos cristãos que não é pensamento do papa que a compra de indulgências possa, de alguma forma, ser comparada com as obras de misericórdia.

43 Deve-se ensinar aos cristãos que, dando ao pobre ou emprestando ao necessitado, procedem melhor do que se comprassem indulgências.

44 Ocorre que através da obra de amor cresce o amor e a pessoa se torna melhor, ao passo que com as indulgências ela não se torna melhor, mas apenas mais livre da pena.

45 Deve-se ensinar aos cristãos que quem vê um carente e o negligencia para gastar com indulgências obtém para si não as indulgências do papa, mas a ira de Deus.

46 Deve-se ensinar aos cristãos que, se não tiverem bens em abundância, devem conservar o que é necessário para sua casa e de forma alguma desperdiçar dinheiro com indulgência.

47 Deve-se ensinar aos cristãos que a compra de indulgências é livre e não constitui obrigação.

48 Deve-se ensinar aos cristãos que, ao conceder indulgências, o papa, assim como mais necessita, da mesma forma mais deseja uma oração devota a seu favor do que o dinheiro que se está pronto a pagar.

49 Deve-se ensinar aos cristãos que as indulgências do papa são úteis se não depositam sua confiança nelas, porém, extremamente prejudiciais se perdem o temor de Deus por causa delas.

50 Deve-se ensinar aos cristãos que, se o papa soubesse das exações dos pregadores de indulgências, preferiria reduzir a cinzas a Basílica de S. Pedro a edificá-la com a pele, a carne e os ossos de suas ovelhas.

51 Deve-se ensinar aos cristãos que o papa estaria disposto - como é seu dever - a dar do seu dinheiro àqueles muitos de quem alguns pregadores de indulgências extraem ardilosamente o dinheiro, mesmo que para isto fosse necessário vender a Basílica de S. Pedro.

52 Vã é a confiança na salvação por meio de cartas de indulgências, mesmo que o comissário ou até mesmo o próprio papa desse sua alma como garantia pelas mesmas.

53 São inimigos de Cristo e do papa aqueles que, por causa da pregação de indulgências, fazem calar por inteiro a palavra de Deus nas demais igrejas.

54 Ofende-se a palavra de Deus quando, em um mesmo sermão, se dedica tanto ou mais tempo às indulgências do que a ela.

55 A atitude do papa é necessariamente esta: se as indulgências (que são o menos importante) são celebradas com um toque de sino, uma procissão e uma cerimônia, o Evangelho (que é o mais importante) deve ser anunciado com uma centena de sinos, procissões e cerimônias.

56 Os tesouros da Igreja, dos quais o papa concede as indulgências, não são suficientemente mencionados nem conhecidos entre o povo de Cristo.

57 É evidente que eles, certamente, não são de natureza temporal, visto que muitos pregadores não os distribuem tão facilmente, mas apenas os ajuntam.

58 Eles tampouco são os méritos de Cristo e dos santos, pois estes sempre operam, sem o papa, a graça do ser humano interior e a cruz, a morte e o inferno do ser humano exterior.

59 S. Lourenço disse que os pobres da Igreja são os tesouros da mesma, empregando, no entanto, a palavra como era usada em sua época.

60 É sem temeridade que dizemos que as chaves da Igreja, que lhe foram proporcionadas pelo mérito de Cristo, constituem este tesouro.

61 Pois está claro que, para a remissão das penas e dos casos, o poder do papa por si só é suficiente.

62 O verdadeiro tesouro da Igreja é o santíssimo Evangelho da glória e da graça de Deus.

63 Este tesouro, entretanto, é o mais odiado, e com razão, porque faz com que os primeiros sejam os últimos.

64 Em contrapartida, o tesouro das indulgências é o mais benquisto, e com razão, pois faz dos últimos os primeiros.

65 Por esta razão, os tesouros do Evangelho são as redes com que outrora se pescavam homens possuidores de riquezas.

66 Os tesouros das indulgências, por sua vez, são as redes com que hoje se pesca a riqueza dos homens.

67 As indulgências apregoadas pelos seus vendedores como as maiores graças realmente podem ser entendidas como tal, na medida em que dão boa renda.

68 Entretanto, na verdade, elas são as graças mais ínfimas em comparação com a graça de Deus e a piedade na cruz.

69 Os bispos e curas têm a obrigação de admitir com toda a reverência os comissários de indulgências apostólicas.

70 Têm, porém, a obrigação ainda maior de observar com os dois olhos e atentar com ambos os ouvidos para que esses comissários não preguem os seus próprios sonhos em lugar do que lhes foi incumbido pelo papa.

71 Seja excomungado e maldito quem falar contra a verdade das indulgências apostólicas.

72 Seja bendito, porém, quem ficar alerta contra a devassidão e licenciosidade das palavras de um pregador de indulgências.

73 Assim como o papa, com razão, fulmina aqueles que, de qualquer forma, procuram defraudar o comércio de indulgências,

74 muito mais deseja fulminar aqueles que, a pretexto das indulgências, procuram defraudar a santa caridade e verdade.

75 A opinião de que as indulgências papais são tão eficazes ao ponto de poderem absolver um homem mesmo que tivesse violentado a mãe de Deus, caso isso fosse possível, é loucura.

76 Afirmamos, pelo contrário, que as indulgências papais não podem anular sequer o menor dos pecados veniais no que se refere à sua culpa.

77 A afirmação de que nem mesmo S. Pedro, caso fosse o papa atualmente, poderia conceder maiores graças é blasfêmia contra São Pedro e o papa.

78 Afirmamos, ao contrário, que também este, assim como qualquer papa, tem graças maiores, quais sejam, o Evangelho, os poderes, os dons de curar, etc., como está escrito em 1 Co 12.

79 É blasfêmia dizer que a cruz com as armas do papa, insignemente erguida, equivale à cruz de Cristo.

80 Terão que prestar contas os bispos, curas e teólogos que permitem que semelhantes conversas sejam difundidas entre o povo.

81 Essa licenciosa pregação de indulgências faz com que não seja fácil, nem para os homens doutos, defender a dignidade do papa contra calúnias ou perguntas, sem dúvida argutas, dos leigos.

82 Por exemplo: por que o papa não evacua o purgatório por causa do santíssimo amor e da extrema necessidade das almas - o que seria a mais justa de todas as causas -, se redime um número infinito de almas por causa do funestíssimo dinheiro para a construção da basílica - que é uma causa tão insignificante?

83 Do mesmo modo: por que se mantêm as exéquias e os aniversários dos falecidos e por que ele não restitui ou permite que se recebam de volta as doações efetuadas em favor deles, visto que já não é justo orar pelos redimidos?

84 Do mesmo modo: que nova piedade de Deus e do papa é essa: por causa do dinheiro, permitem ao ímpio e inimigo redimir uma alma piedosa e amiga de Deus, porém não a redimem por causa da necessidade da mesma alma piedosa e dileta, por amor gratuito?

85 Do mesmo modo: por que os cânones penitenciais - de fato e por desuso já há muito revogados e mortos - ainda assim são redimidos com dinheiro, pela concessão de indulgências, como se ainda estivessem em pleno vigor?

86 Do mesmo modo: por que o papa, cuja fortuna hoje é maior do que a dos mais ricos Crassos, não constrói com seu próprio dinheiro ao menos esta uma basílica de São Pedro, ao invés de fazê-lo com o dinheiro dos pobres fiéis?

87 Do mesmo modo: o que é que o papa perdoa e concede àqueles que, pela contrição perfeita, têm direito à remissão e participação plenária?

88 Do mesmo modo: que benefício maior se poderia proporcionar à Igreja do que se o papa, assim como agora o faz uma vez, da mesma forma concedesse essas remissões e participações 100 vezes ao dia a qualquer dos fiéis?

89 Já que, com as indulgências, o papa procura mais a salvação das almas do o dinheiro, por que suspende as cartas e indulgências outrora já concedidas, se são igualmente eficazes?

90 Reprimir esses argumentos muito perspicazes dos leigos somente pela força, sem refutá-los apresentando razões, significa expor a Igreja e o papa à zombaria dos inimigos e desgraçar os cristãos.

91 Se, portanto, as indulgências fossem pregadas em conformidade com o espírito e a opinião do papa, todas essas objeções poderiam ser facilmente respondidas e nem mesmo teriam surgido.

92 Fora, pois, com todos esses profetas que dizem ao povo de Cristo: "Paz, paz!" sem que haja paz!

93 Que prosperem todos os profetas que dizem ao povo de Cristo: "Cruz! Cruz!"
sem que haja cruz!

94 Devem-se exortar os cristãos a que se esforcem por seguir a Cristo, seu cabeça, através das penas, da morte e do inferno;

95 e, assim, a que confiem que entrarão no céu antes através de muitas tribulações do que pela segurança da paz.

1517 A.D.